

Poesias

de António Dinis da Cruz e Silva

TOMO III

QUE CONTÉM AS POESIAS LÍRICAS

POESIAS DITIRÂMBICAS

Quo, me Bacche, rapis tui
Plenum? quae nemora, aut quos agor in specus
Velox mente nova?

Horat. Libr. III. Od. 25.

Na primeira Colecção (assim chamamos à Colecção de Poesias originais de Dinis, que vimos em Coimbra) apenas se acham os Ditirambos 2, 5, 6, 7, 9, tais como da primeira vez saíram da pena do Poeta, e com as muitas, e enfadonhas alterações e emendas, que sucessivamente lhes foi fazendo. Por isso pondo de parte este antigo original, seguimos a lição duma cópia muito fiel da segunda Colecção (que é a Vimieirense) emendada ainda pela Colecção terceira, que contém o último manuscrito original de Dinis, o qual depois da morte deste nos comunicou em Lisboa o Senhor Marechal de Campo Matias José Dias Azedo. Este Volume, além das Poesias Ditirâmbicas, contém as Odes Anacreônticas, que adiante se seguem.

Advirta-se que o que vai impresso nas Notas do presente Volume, com carácter itálico, não é do Autor.

DITIRAMBOS

I

Recitado na Arcádia em Conferência de 31 de Maio de 1759.

Ludentis speciem dabit, et torquebitur

Horat. libr. 2. ep. 2 v. 124.

Este que hoje tocar ousado intento,
Oh Pastores de Arcádia,
Tirsígero instrumento,
Que primeiro em minhas mãos soa no Ménalo,
(E talvez espantado o vulgo escute)
Que um furor desusado me inspira,
Que me acende, me eleva, e transporta,
A minha não é usada lira,
Que nas asas suspenso deixa o vento;
Mas a que Aríon pulsava
Quando Brómio cantava,
Ou aquela do Redi afamado,
Que soltando a voz soberana,
Fez entrar Baco em Toscana
Das Bistónides cercado,
E do Amo florido nas frescas ribeiras
Os tirsos vibrando saltarem ligeiras.

Mas já sinto bramar-me de em torno
O rouco alarido de sistros e vozes.
Evoé ressoam do Ménalo as grutas,
Evoé repetem as Mélias ferozes.
Sim: é presente o grão Nume,
O filho de Jove, imberbe,
Que meu peito com seu lume
Me inflama, me atíça, e me abrasa.
Tragam-me vinho do turvo Douro,
Seja tinto ou seja louro;
Que a grão sede,
Em que me acendo,
Nele pretendo
Hoje apagar.

Eis empunho um grande copo,
E ligeiro alçando o braço,
Este, que faço,
Brinde suave,
Pastores de Arcádia,
A vós, que primeiro

Da prisca Roma,
Da antiga Grécia,
As desprezadas
Naturais graças
Do Tejo às margens
Trazer ousastes:
A vós, que primeiro,
As silvas segando,
Que o Luso Parnaso cobriam,
E de agudos abrolhos enchiam,
O grande caminho traçastes,
Que depois seguiram gloriosos
Outros novos esp'ritos famosos,
Arando o mesmo agro;
A vós o consagro.

Oh cepa venturosa, que produzes
Licor tão saboroso,
De teus ramos, se a ideia me não mente,
C'roa o vermelho Brómio a intonsa frente
No Estio caloroso,
Quando Sírio ladrando a terra inflama.
Nunca do ardente Clario as claras luzes
Crestem tua rama,
Ou densa névoa em flor teu fruto oprima.
Nunca o maligno capro em tuas vides
O roaz dente imprima.

Outra vez torno a encher o grande vaso,
Caros pastores!
E em honra vossa
Outra vez com a mesma graça o vaso.
Oh vinho generoso,
Por ti sinto elevar-se o meu espirito.
Ah! se me irrita,
Com esta lança
Derrubarei por terra
A soberba Inglaterra,
A inconstante França.
Oh! se me eu via
Nas montanhas de Trácia
C'uma mística audácia
Na Bacanal orgia
Um tirso floreando!
Que não faria!
Que não diria!
A voz levantando,
Assim cantaria:
Triunfo! Vitória!
Cantemos de Baco

O louvor e a glória.
De Baco, que alenta
Os membros cansados,
De Baco, que aumenta
Da formosa Vénus a graça e beleza,
De Baco, que afasta de nós a tristeza.

Porém que ave estranha nadando nos ares
Estende umas vezes, outras vezes cena
As compridas asas? Ah! já chega à terra.
Oh pasmo! oh portento! oh nunca visto caso!
Este é, oh Pastores, o gentil Pegaso!
Apoio brilhante (se em tal não te afronto)
Com tua licença sobre ele me monto.
Eis já pelos ares me leva voando
Ao monte difícil do sacro Parnaso.
Que novo me abrasa sacrossanto lume?
Poeta me sinto, poeta famoso,
E as plantas estampo no partido cume.

Que fontes de vinho espumoso!
Que ulmeiros de vides cingidos!
Que doce harmonia
Me fere os ouvidos!
Ah, não é este o cume sagrado¹
Ao louro Febo;
Mas ao mitrado, brincão mancebo,
Que o tirso empunhando,
Os remos da Aurora
Em viva guerra foi devastando.
Debaixo das heras deitado,
Dos bailes, das graças cercado,
Um frasco de vinho brilhante
Chega risonho à melíflua boca,
Enquanto Cupido
A lira lhe toca,
O suave Anacreonte.²

O borracho Cratino,³

¹ Do Parnaso fabularam os antigos, que tinha dois cumes (donde lhe vem o epíteto de Bipartido) um consagrado a Apoio, e outro a Baco.

Parnasus gemino petit aethera colle (mixto Mons Phoebos, Bromio que sacer:
cui numine Delphica Thebanae referunt trieterica Bacchae. *Lucan. Lib. 4. al. 5. v. 72. e seg.*

² Anacreonte, famoso Poeta entre os Gregos, que ou foi, ou se fingiu em suas obras muito amigo do vinho.

³ Célebre Poeta da antiga comédia, e tão apaixonado pelo vinho, que afirmava que sem ele se não podiam fazer bons versos.

Prisco si credis, Moecenas docte, Cratino,
Nulla piacere diu, nec uiuere carmina possunt,

Que dele está defronte,
Um copo purpurino
De vinho generoso
Da fabulosa Creta,
Sorvendo está gostoso,
E o poeta gentil do antigo Lácio,
Énio famoso,⁴
Rude na arte, no engenho poderoso,
Num odre está sentado,
E ao pé dele deitado
O grande Horácio,⁵
O Cisne Venusino.

Oh coro divino
De Apoio sagrado,
As grandes infusas
Em louvor das Musas
Nesta fonte enchamos,
E ledos bebamos.
As filhas cantemos
De Jove sagrado:
E de seus alunos
Em honra e louvor
Qualquer de nós prove
Do doce licor.

Ora sus! levantai-vos em pé
E clamai sem cessar: Evoé.
Enquanto prostrado, com trémula mão
Encho ebri-festivo um grande canjirão.
Tu que, cantando, do grande Gama
Fizeste eterna no mundo a fama,
Sempre famoso
Ou com as trompas
Os ares rompas,
Ou dos amores
A doce pena,
Que o céu te ordena,
Cantes saudoso
Na branda lira,
Ou rude avena

Quae scribuntur aquae potoribus
Horat. Lib. I. Epist. 19. v. 1.

⁴ Énio, natural da Calábria, e um dos mais antigos poetas entre os Romanos, segundo Horácio, tinha uma forte paixão pelo vinho.

Ennius ipse pater nunquam, nisi potus, ad arma
Prosiluit dicenda, etc.
Idem, ibid. v.7.

⁵ Ninguém ignora que este Poeta se inculca em suas obras por muito amante do vinho, ou porque na verdade o fosse, ou por mais fielmente imitar os Gregos, que em muitas partes copiou.

Entre os pastores,
Tu em meus versos benigno inspira
De tuas vozes o grato acento:
E enquanto respeitoso a mente inclino,
Dobro o joelho, e o grande vaso empino.

Esta de roxo vinho taça cheia,
Sangue espremido da gentil parreira,
Consagrá-la pretendo ao bom Ferreira
Ferreira ilustre,
Que por modos diversos
Ou deu versos às leis, ou leis aos versos.
Ferreira, que assombrando a culta Atenas,
Calça o coturno às Tágicas Camenas:
E na lira sonora e som campestre
E dos nossos pastores sábio mestre.
Tragam-me um copo já de branco vinho,
De líquidos topázios fino orvalho,
Com que brindar pretendo ao bom Mausinho.
Ante meus olhos
A todo o instante
Tenho presente
Da bela Zara
O sonípede ardente,
Que o freio mastigando em branca espuma,
Pelas ventas abertas sopra e fuma,
E com o peso
Da Ninfa bela
Se embrida mais e altera.
A mesma Ninfa
Sobre ele vejo,
A manga a meio braço recolhida,
E a trança de ouro
Aos ventos esparzida:
Qual Arpalice,
Que ao longo do Ebro
O ginete lançando
A rápida carreira,
Que o veloz vento corre mais ligeira.
Ele ferindo a majestosa cítara
C'o plectro soberano,
Fez eterno no mundo o Africano;
E eu de seu nome em honra agora vazo
Este odorifumante cheio vaso.

Este, que agora empunho
Nesta taça,
Derretido rubim,
Este sim
A ti bebo suavíssimo Bernardes,

Que nas frescas manhãs, serenas tardes,
À sombra de altas árvores soltando
Doces queixas de Amor em doce rima,
Tão célebre tens feito o manso Lima.

Mas onde ficas tu, claro Ribeiro,
Tu que primeiro
No Luso campo as canas ajuntaste,
E imitar o Deus Pã, cantando, ousaste?
Este pois vinho cheiroso,
Saboroso,
Generoso
Da Madeira
Aqui vindo,
Para os bródios
De Leneu,
Racimífero,
Porta-tirso,
Rompe-terra
A ti brindo.

A ti... mas sinto, sinto
Apoio, que enfadado já me manda
Outro copo brindar de vinho tinto
Ao douto Sá Miranda.
Ninfas do Aónio coro!
Vede que em o fazer me não demoro.

Outro brindo em continente,
Até ver-lhe o centro oco,
A ti grande Gil Vicente,
Que calçando o humilde soco
Deixar fazes em silêncio
Eupolis e Plauto, Menandro e Terêncio.

Venha vinho, venha à pressa;
Que brindar quero três vezes
Ao ilustre Sá Meneses.
Inda agora o manso Leça
Com as Ninfas vai dançando
De teus versos ao som brando;
De seus bosques na espessura
Inda o tom suave dura;
Inda o Eco pelas grutas
O repete vezes muitas.

Doutro ilustre Sá Meneses
A grão fama me convida
A beber,
A louvar,

A cantar
Sua glória aos Céus subida.
Quantas vezes
De Tirónia o triste fado,
Em seus versos celebrado,
Tem regado
De sentido
Pranto amargo
Na dourada
Quersoneso
As fulas filhas da Aurora esmaltada!
Quantas vezes
Fulminar estou vendo em seu canto
De Albuquerque terrível a dextra
O povo infido da fera Malaca!
Ora pois em teu aplauso
De bom vinho moscatel
Bebo inteiro um grande vaso.
Esse vinho, que brilha
Nessa vasilha
Que vinho é?
Se não me engano,
Vinho é do Porto,
Que o nosso Baco
Para conforto
Quando está fraco
Costuma usar.
Encham-me pois
Desse líquido piropo
Todo este copo,
Que inteiro quero
Bebê-lo em honra
Do grande Andrade.
De ti, Andrade,
Agora falo,
Que de todos o primeiro,
De Verona o cisne imitando,
Entre nós gracioso derramas
Os curtos, mas picantes epigramas.
Só te vejo nesta estrada;
Mas seguir-te a mim me agrada.
E entretanto de vinho o copo arraso,
Em louvor de teu nome já o vaso.

Outro vá igual
Ao Corte-Real
Que ao Monte-maior
Não hei-de brindar.
Guarde lá sua Diana
Para a gente Castelhana;

Se escrevera em Português,
O brindara desta vez:
Mas deixar o doce, puro,
Abundante,
Elegante
E brilhante
Idioma Lusitano;
E por quem? pelo Hispano,
Não o sofro, nem aturo,
Nem Apolo aturaria:
Porque bem que costumado
A soltar sua harmonia
Na riquíssima Argiva Linguagem
(Que de todas as mais tem vantagem)
Na latina, e Italiana;
Quando fala a Lusitana,
E no Pindo nela canta,
Da Memória as filhas encanta.

Mas oh, que já esquecia-me
Do rosado Oriente a jóia, a pérola,
Tu Fernando belígero
Que a lança, e a cítara
Vibrando intrépido,
Tocando harmónico,
De altas palmas à sombra a voz alçaste,
E a clara Lusitânia transformaste,
Com este vinho,
Da Cuba vindo,
Eu já te brindo.

Mas um novo brinde agora me chama.
Silêncio: silêncio, que Febo me inspira.
Oh tu Cândido divino,
Cujo nome, cuja fama
Pelo mundo se derrama,
O pastor da Arcádia Elpino,
Que as leis soberanas, que ditas, recebe,
Um copo brilhante
De vinho fumante,
De vinho cheiroso
Em torno saltando já bebe gostoso.
Outra vez a voz levanto,
E com ela um odre, e digo:
A ti, Fóios, doce amigo,
Que nos enches de alegria
Com teu canto,
De soberba malvasia
Mas que caia aqui de borco,
Esta grande pele emborco.

As correntes
De Hipocrene
Se turvaram,
E confusas
Com o susto as ternas Musas
De mão as liras deixaram:
E o intonso, auricrinito,
Porta-lira, ledo Apoio,
Arrancando o verde louro,
Que a cabeça lhe c'roava,
Pela terra o arrojava;
E num teixo a lira de ouro,
Que pendente tinha ao colo, Pendurou,
Quando a fama publicou
Que a malina
Libitina
Contra ti da fouce armado
Tinha o braço levantado.

Mas na Arcádia inda maiores
Desconcertos se observaram.
De repente se murcharam
Do Erimanto nas margens as flores,
E no Ménalo os verdes pinheiros,
Quais se fossem de raio tocados,
Quase todos se viram crestados.
As ribeiras sem chuvas cresceram.
O campo inundaram,
As vinhas perderam.
Perderam-se gados,
Morreram rafeiros;
E como assombrados,
Os tristes pastores
Nem lutas tiveram,
Nem versos cantaram.
o mesmo Sileno
Na gruta metido se via sozinho,
Sem molhar os beijos num copo de vinho.

Mas depois que a bela Hígia
Dom de Jove o mais precioso,
Do Céu veio, e estendendo
Sobre ti as puras asas,
Fez fugir a descarnada
Macilenta morte feia,
Os campos brotaram mil cheirosas flores,
E a formosa Citereia
Rodeada dos Amores
Com as fluas Graças, e verdes Napeias
Alegres coreias

Formaram ligeiras,
Ornámos de rosas as nossas monteiras:
E o velho caprino Saltando de gosto
No campo vermelho,
E tinto de amoras o peludo rosto,
De forte aguardente
A tua saúde
Já bebe contente
De um trago um almude.

Amigos, toquemos,
Bebamos, cantemos
O nome de Fóios;
A Fóios louvemos.
Com raros encómios
O seu grande nome
De Evio Brisseu,
Do bom Bassareu
Às orelhas alegres levemos.⁶

⁶ Aqui deve findar o presente Ditirambo, sendo por esse modo supérflua a Estrofe, que se segue.

Mas oh Céus! que assombros! o dia se cena,
E dos pés parece que me escapa a terra.
Assopram os ventos, os montes se abalam,
E prenhes de raios as nuvens estalam.
Que é? que é? que será?
Mas seja o que for,
Do grato licor
Bebamos, cantemos
O nome de Fóios,
A Fóios louvemos.

II

Recitado na Arcádia a 31 de Janeiro de 1758.

Onde estou?
Quem me trouxe a este prado?
Que agradável espessura
Toda ornada de verdura!
Os ulmeiros levantados
Com as vides
Sem concerto
Entrelaçados
Os olhos vistosos deleitam
C'os pendentos
Cachos belos
Verdes, roxos, amarelos.
Qual será, quem, quem me diz,
Tão ameno, abundante país?

Que suave fragrância derrama
Por entre a viçosa
E trémula rama,
Murmurando,
Espumando,
E brilhando
De corrente ametista essa fonte!

Ah! que é de vinho, de vinho puro!
Sim: de Nisa é este o monte,⁷
Ou de Naxo a fresca ilha⁸
Naxo seja, seja Nisa
Ou seja o que for,
Beber quero este licor,
Que consola,
Que recreia,
Que conforta e dá alento
A quem dele amigo é,

⁷ Monte da Ásia consagrado a Baco, onde os Poetas fingem que ele triunfara solenemente depois de ter submetido todo o Oriente. Veja-se Curt. lib. 8.

Nec qui pampineis uictor iuga flectit habenis
Liber, agens celso Nisae de vertice tigres.

Virg. Aeneid. I. 6. v. 804. 805.

⁸ Uma das Cidades consagrada a Baco; porque nela triunfou sogigada a Índia, ou vencidos os Gigantes.

Bacchatamque iugis Naxon.

Virg. Aeneid. I. 3. v. 125.

Evoé.⁹

Ó suave licor generoso,
Sangue puro das uvas brilhantes
Na terra prostrado
Te adoro e recebo,
E da Arcádia
À saúde já te bebo.
Mas se a vista não me engana,
Vejo Albano,¹⁰
Que gemendo debaixo dum cântaro,
Chega à fonte.
Caro Albano, assim reparta
O fogo-fremente¹¹ retumbante Jaco¹²
Liberal de seus frutos contigo,
Que enchas logo a grande quarta
Desse líquido rubim
Enche, sim.

Lança mais nesta botelha
Desse néctar saboroso,
Que me banha de alegria
Todo o peito, e me arrebatá,
Dessa doce esplendente ambrosia
Que da adega abundante de Epáfio
Ela só
A digna é.
Evoé.

Toca, e bebe sem demora
A saúde de Siveno.¹³

⁹ Voz que os Sacerdotes costumavam a repetir nas cerimónias de Baco. E derivada da Grega Εὐή, que quer dizer: Bem lhe venha: *Bene sit illi*. Outros a derivam das vozes Εὐή ὕιέ, que é o mesmo que *Euge fili*: fabulando que na guerra, que Júpiter tivera com os Gigantes, todos os outros Deuses fugiram amedrontados mas que Baco, tomando a figura de um leão, pelejara valorosamente, o que dera ocasião a Júpiter a dizer-lhe aquelas palavras, que ficaram servindo de saudação ao mesmo Baco.

Euoē, recentī mens trepidat metu.

Horat. Od. 19. lib. 2.

¹⁰ Manuel José Pereira.

¹¹ As palavras compostas adornam muito um idioma, e o fazem conciso, e enérgico.

*Dixeris egregie, notum si callida uerbum
Reddiderit iunctura nouum, etc.*

diz o grande Horácio na sua Poética vers. 47. O nosso Camões observou bem este preceito, introduzindo algumas destas palavras na Lusíada, como é por exemplo *Vndivago*.

Esta regra porém tem o seu próprio lugar nos Ditirambos. Além disto o adjunto de Fogo-fremente foi dado a Baco por Orfeu, ou quem quer que seja o Autor dos Hinos que correm em seu nome, no hino, *que tem por título: Hippae suffimentum*.

¹² Um dos nomes que se dava a Baco: veja-se o citado Hino.

¹³ O Senhor Silvestre Gonçalves.

Como é doce o bom Lieu!¹⁴
Vá um copo mais pequeno
A do nosso Melibeu:¹⁵
Que à do grande Condão¹⁶
Já emborco um canjirão.
Condão, suave amigo,
Até ver-lhe o fundo enxuto
Col borràccio io ti saluto.¹⁷
Maior sede agora sinto
Em calor todo me abraso:
Lança, Albano, neste vaso
Vinho branco, ou vinho tinto,
Ou genebra, ou água-pé. Evoé!

Este vai do brando Tirse¹⁸
A saúde: bebe Albano,
Tirse digo, o nosso Tirse
Cujos nome soberano
Há-de com prazer ouvir-se
Pela imensa esfera que aperta
Com seus braços o padre Oceano
Desde um polo a outro poio.
Caro Tirse, tu de Apoio
A divina Lira tens,
E com ela, quando cantas,
Toda a nossa Arcádia encantas.
Não me esqueces tu também
Com teu canto peregrino
Doce, e meigo, e terno Alcino:¹⁹
Iam, iam, iam tibi propino.

Este copo, que cheio tresborda,
De espuma brilhante c'roado,
Com leda mão empinando,
Brindo gostoso

¹⁴ Lieu era um dos nomes que se dava a Baco, ἀπὸ τε λύειν, que quer dizer, livrar de cuidados, mas neste lugar se toma pelo mesmo vinho.

Regales inter mensas, laticemque lyaeum.
Virg. Aeneid. I. 690.

¹⁵ Q. R. P. Caetano Inocêncio.

¹⁶ O Senhor Pedro António Correia Garção.

¹⁷ O intrometer palavras estrangeiras em qualquer obra, é a figura a que chamam Soraísmo e ainda que em outras composições o seu uso seja vicioso, e por isso digno de repreensão, Camões que no seu Poema misturou o verso de Petrarca

Tra la spica e la man qual muro è messo;

nos Ditirambos tem propriíssimo lugar. Dela usa frequentemente o Aldeani, ou seja Nicoláo Viliani, em um seu graciosíssimo Ditirambo.

¹⁸ *Teotónio Gomes de Carvalho.*

¹⁹ *Domingos dos Reis Quita.*

A Nemeroso²⁰
Mas que estrondo, amigo, é este?
E chegado o Deus do vinho,
O grão filho de Semele
Toca toca na timele;²¹
Já dos tímpanos²² soantes,
E dos sistros²³ das Bacantes
O ruído sonoro
Nos ouvidos me retine.
Lança aqui, Albano amigo,
Lança aqui
Desse líquido âmbar puro:
Vinho, vinho, é que procuro:
Vinho digo,
Não Café.
Evoé!

Oh! que já vejo
O intonso Brómio,²⁴
O padre Emónio²⁵
Que da paterna coxa
Bigénito se alçou a eterna vida,
No grande cano
De hera toldado
C'o verde tirso²⁶
Regendo os fenos

²⁰ Feliciano Alves da Costa.

²¹ Timele, lugar alto e levantado na Orquestra à maneira de púlpito. «Thymelici autem erant musici scenici, qui in organis, et lyris, et cytharis praecinebant. Et dicti Thymelici, quod olim stantes cantabant super pulpitem, quod Thymele vocabatur.» Isidor. lib. 18. e. 47.

²² Espécie de tímpane, instrumento próprio do coro estrepitoso de Baco. Dele havia duas diferentes espécies. O Autor as delineou no seu Manuscrito, copiando-as, quanto parece, de Calmet na Dissertação sobre a Música dos Antigos, que vem no Tom. 2. do Comentário aos Salmos.

²³ Outra espécie de instrumento também muito usado nas Bacanaís. *A figura vem em Calvet no lugar citado, donde o Autor a copiou.*

²⁴ Nome que se dava a Baco, derivado do Grego βρέμω, isto é, *bramo*, ou de βροντή, trovão; pois nasceu com um trovão, sendo Semele abrasada por um raio; ou de Brome, ou Brómio, Ninfa que o criou. Serv. in Virg. Eclog. 6. Hygin. Fab. 18.

Thuraque dant, Bacchumque uocant
Bromiumque, Lyaeumque.

(Veja-se Orph. Lysii Lenaei Hymn.)

²⁵ Emónio, isto é, de Trácia pois nesta província foi muito venerado: chamando-se Sitónio, Edónio, Ismaro ou Ismário, e Rodopeu, de outros tantos nomes da mesma Trácia, tirados pela maior parte dos seus montes mais célebres.

²⁶ Lança enramada de parras, de que os antigos armavam a Baco, e as Bacantes.

Etenim molles tibi sumere thyrsos,
Te lustrare choro, sacrum tibi pascere crinem,
Fama uolat:

Virg. Aeneid. lib. 7.v. 390.

(Porta-thyrso é nome que a Baco dá Orph. SenieleS Suffim.)

Tigres manchados.
Por entre as curvas pontas,
Que a fronte prazenteira lhe guarnecem
Estão pendendo
Da tenaz hera,
Das lentas vides,
As negras bagas,
Os brancos cachos.
Olha, repara
Como os lascivos
Pulanti-sátiros
Em torno o cercam,
E foliando,
Beberricando,
Caracolando,
A solta areia,
Ferem saltando
Com o bífido pé!
Como ululando
Gritam e bramam
Viva o grão Lísio
Viva, Evoé!

Atenta como as Évias crini-esparsas
Nas peles marchetadas
Das montarazes tigres embrulhadas,
Vêm coriscando
As pampinosas
Hastes tremendas!
E de uma e doutra parte rodeando
Vêm segurando
Ao albi-crinito bêbado Sileno,
Que escarranchado
Sobre o pesado
Tardi-jumento,
Todo manchado
De negro mosto
O baço rosto,
Co'as mãos se agarra
A rara crina,
E balançando
De quando em quando
Um odre empina,
E a voz alçando,
Os vesgos olhos
Quase cerrados
Arregalando,
Diz aos Faunos, que mal vê:

Orgio²⁷, Baco, Bassareu,²⁸
Dionisio²⁹, Rompe-terra,³⁰
Jaco, Jaco³¹, Evoé!

Ah pastor, não te detenhas
Lança, lança
Neste copo,
Não das águas, que brota o Canopo
Bramindo das áridas brenhas;
Mas do vinho picante do Douro
Doce, puro, tinto, ou louro.
Este vinho soberano
Em honra tua
Bebo, oh Silvano.
Mon arni à ta santé
Liseu, Briseu³² Evoé!

Outro venha do que cria
Da Madeira a ilustre Ilha
Jóia bela, com que adorna
Anfitrite o branco peito.
Oh! como brilha!
Oh suave Malvasia!
Que és dos vinhos maravilha,
De alambres brilhantes orvalho!

Em silêncio fique eterno
Por ti só o bom Falerno,
Fique o Massico licor.
Doce vinho, meu amor,
Grato à vista, ao gosto ameno
Ao famoso caro Almeno³³
Só contigo hei-de brindar.
To your good health, Sir.
Nebrodes³⁴, Jaco, Evoé!

²⁷ Com este nome era também Baco invocado. Orph. Trieter. Suffim.

²⁸ Outro nome do mesmo Baco, tomado ou da cidade de Bassara na Lídia, onde era muito venerado; ou de certo vestido talar de que usavam os seus sacerdotes; ou da pele de lince, a que os Trácios davam este nome. (Βασσαρεὺς, quase Βατταρεὺς, língua titubans, uel blasus. Baxter, ad Horat. Carm. 18, lib. I. Veja-se Orph. no hino Dionys. Bassar. Trieter.)

²⁹ Nome com que também era adorado. Orph. Dionysii Suffim. (Διόνισος, quia cum nasceretur femur Διός ἔν ξεν; para nascer rompeu a coxa da perna de Júpiter, onde este o tinha metido, morta Semele sem se cumprir o tempo do parto. Outros o derivam das mesmas palavras, alegorizando νυσσεῖν τον διά, isto é, τὸν νόον, a alma, porque o vinho a perturba. Da etimologia, que Bluteau dá a este nome não sei Autor: da antecedente são Passor no Lex. in Hesiod. e Robert. Constantin. L. δ.)

³⁰ Título que se dava à mesma fabulosa Divindade. Orph. Trieter. Suffim.

³¹ Outro nome do mesmo Baco, derivado do Grego ἰαχή que é clamor; tomado do muito que faziam vociferando OS seus sequazes.

³² Estes dois nomes são próprios de Baco. Orph. Trieter. Suffim. Briseu traz a sua origem de Brisa que significa em Grego a uva. Macrob. Saturnal, 1. 2. c. 18. (Liseu tem a mesma origem que Lieu, que vai na nota 8.)

³³ O Senhor Manuel Nicolau Esteves Negrão, Secretário da Arcádia.

Toca, Albano, toca, toca,
Que este vinho me provoca. Leneu,³⁵
Sabo, Nísio Epáfio!³⁶
Cantemos, bebamos,
E juntos digamos,
Evoé!
Ó Tioneu, Tioneu ³⁷, Epileneu,³⁸
Evoé!

Mas que fero pé de vento
Desta parte me acomete?
Uma, duas, vinte, cento,
Quatro, cinco, trinta, sete,
Oito, dez e nove estrelas...
Ah! não: são pirilampos:
São besouros, borboletas.
Nestes campos
Oh que cousas tão galantes,
Tão selectas
Hoje a turva vista vê!
Nictileu, Brómio, Evoé.

Dançar quero, toca, amigo,
Toca a fruta, ou toca a lira.
Ai que o monte em torno gira!
Salta tu também comigo:
Haja baile: haja festa;
Que também dança a floresta.
Vá de pulo, e pirueta,
Contratempo e balancé. Evoé!
Farto já do doce mosto,
Nesta cepa aqui me encosto.
Ai que os olhos se me cenram:

³⁴ Nebrodes, nome de Baco, do Grego Νεβρώδης (*Sic dictum, quod Bacchantes pellibus hinnulorum uterentur.*)

³⁵ Outro nome com que era invocado. (Non a lenienda mente, ut imperite Donatus (uoluit?, ualuit?) sed a λανός, torcular, proelium uinariū. Ruæus ad Virg. Georg. 2. v. 4. (Veja-se Orph. Lysii Lenæi Hymn. e Triet. Suffim.)

³⁶ Outros nomes atribuídos à mesma Divindade. (*O primeiro que aqui não explica o Autor, estava explicado na nota 2. ao Ditirambo 5, Baco imberbe, Baco ardente; as quais notas suprimiu nas últimas Colecções, talvez por serem absolutamente uma recopilada tradução do que disse Mr. Turreil nas notas à Oração de Demóstenes a favor de Ctesifonte onde se pode ver a explicação das palavras Saboé, Yés, Attés, Evoé. O segundo nome Nísio, vem de Nisa, onde foi criado Baco segundo a fábula. O terceiro, Epáfio, pode vir de ἐπαφίημι que significa irritar, incitar contra, açular; e todos sabem quanto o vinho irrita, e incita à ira. Todos estes nomes dá Orph. a Baco nos hinos Hippæ Suffim. Licliti Suffim. Trieter Suffim. Lysii Lenæi Hymn.*)

³⁷ Outro apelido do mesmo Baco, derivado de θύω, que significa enfurecer, e enlouquecer; tomado dos efeitos, que produz o vinho.

³⁸ Outro apelido que se lhe dava. (*Composto do de Leneu, que já se explicou na nota 29. e que por força da preposição ἐπὶ que nele entra, poderá significar, que preside aos lagares. Veja-se Orph. Lysii Lenæi Hymn.*)

Nada vejo: dormir quero,
Pois cerrada
A noite é.
Evoé

III

Mandado ao Autor no ano de 1759, que então se achava enfermo de sezões, por Teotónio Gomes de Carvalho, e Feliciano Alves da Costa, chamados na Arcádia o primeiro Tirse Mintéu, e o segundo Nemeroso Cilénio.

Que das sezões
Já livre estejas,
Porque possas beber cidras, cervejas;
E dos tintos curtidos borrachões
Os vinhos puros,
Letificantes,
Odori-espumantes,
De que tu, grande filho de Semele,
Nos enches a pele;
O teu Tirse extremoso,
E o teu Nemeroso
Muito desejam.

Eia bebamos,
Oh Nemeroso,
Do saboroso
Bom moscatel,
Mais doce que o mel;
E à sua saúde
Se despeje este almude.

Não quero desse
Pois mais me aquece
A malvasia,
Que a Ilha cria,
Ou o Falerno
Bom para o Inverno.

A tudo topo
Chega esse copo,
Seja qual for:
Que este licor
Sempre é de Baco
E alegra o caco.
Oh que belo rubim!
Toca, toca, tim, tim.

Venha mais, oh meu Tirse, venha mais
A saúde de Elpiflo
Desse licor divino;
Porque da cama logo se levante,
E conosco de Baco o louvor cante.

Omnipotente Emónio,
Duas vezes parido, ó padre Aónio,
Tu que as tristezas e sezões molestas.
Aborreces, detestas
E aos teus confrades
Seculares, Frades,
E à mais sórdida turba,
Que não se perturba,
Alegras, confortas
Endireitas, e entortas,
E em ondi-bamboleantes manejos,
Em os festejos,
Os Galegos moles
Com gaitas de foles
Pelas ruas trazes,
E cantar os fazes:
Se te merecem
Estes dois copos, que hoje a ti se of'recem,
O teu favor divino,
Dá saúde, saúde ao bom Elpino.

IV

Em resposta ao antecedente, feito pelo Autor estando com uma sezão.

Tirse ditoso,
E Nemeroso,
O doce estado
Está mudado,
Em que convosco
Com plectro tosco,
Movido de um furor Ditirambífero,
A Baco Bassareu cantei ignífero
Hinos sagrados.
Viram-me os fados
Com triste aspecto,
E um esqueleto
Me têm tornado.

As ali-negras,
De Flegetonte
Filhas tremendas,
As descoradas
Sezões horrendas,
Hirsuta a fronte,
De neve e fogo
Todas armadas,
De mim em torno
Andam voando,
E esvoaçando,
Co'a garra adunca
Arrepelado,
Arrepiado
Me têm por tantas vezes;
Que mais que nunca
Agora temo
Os seus revezes.

Do pobre leito
A curto espaço
O seco braço
Do curvi-férreo, sanguíneo-báculo
Que tremendo, que triste espectáculo,
A dura Parca
Eu vejo armado.
Se sobre mim furiosa não emprega
A foice cega,
Ai que contemplo,
Com vitupério
Do Luso império,

De Camões renovado o feio exemplo.

Pobreza feia
De pesares cercada
A cama me rodeia;
E de espectros
Cruéis acompanhada,
A pálida e voraz malincolia.
Estou de sorte,
Que a doce vida
Tão suspirada,
Me é mais pesada,
Que a triste morte.

Por ver se posso
Quebrar-lhe a ira,
Com tirsígeto plectro
De Évio-fremente lira,
Com que faço, ó inveja, que te mordas,
Ferir as cordas
Talvez intento.
Mas oh, que em vão o busco!
Que o carregado e fusco
Bárbaro Rei da região opaca
Doce lira infeliz jamais aplaca.

Mas eis o frio,
Qual se estivera
Entre os horrores da Circássia fera,
Do Tánais dentro no gelado rio,
Me corre os ossos,
Caros pastores:
E ao repetir os vossos,
E de Brisseu louvores
Em alto acento,
Me embarga as vozes um tremor violento

Baco imberbe, Baco ardente,
Porta-sono, prazer e alegria,
De nocturnos festejos o guia
Que refrescas, aqueces a gentes
Frio, e quente,
Desse cume peregrino,
Que ao teu nome é consagrado,
Solta um rio arrebatado
Espumoso;
E cheiroso
De purpúreo ou branco vinho,
Onde beba os teus furores:
E qual o trovão,
Que os montes abala
Quando a nuvem prenhe
Rasgando-se estala;
Cante a Arcádia e seus pastores
Deste dia altos louvores.

De Aganipe assaz na fonte
Já molhado tenho a boca:
Água pura
Não provoca
A cantar
A bailar
E a saltar,
Como a lúcida tintura
Dessa planta, que enroscada
Trazes na mitrada
Cornígera fronte.
Eia, eia! que o monte
De vinho se enche, se inunda, e se alaga.
Licor almo e generoso,
Rubim puro, âmbar desfeito,
Com que glória, com que gozo
Em ti banho a boca, e peito!
Atés, Hiés,
Hiés, Atés,
Viva, viva o dia
De tanta alegria.

Oh se eu pudera
Em boca e línguas
Todo tornar-me,
Só por fartar-me
Deste elixir!
Então, Dioneu,

Na tenaz hera,
Ou no Idumeo
Cedro oloroso
Teu gordo vulto
Lavrara, erguera.
E para mais realçar os teus adornos,
Na soberba ara
Os brancos cornos
Em puro Ofir
Eu te curvara.
Doce elixir,
Que as almas purgas
De espectros tristes,
Que triste gera
A pálida e voraz Malincolia,
Vem neste dia
Dobrar da Arcádia
A pura alegria.
Oh suave dia, dia venturoso!
Em que o teu mimoso
Condão nasceu!
Ó grão Bassaréu!
Atés, Hiés,
Hiés, Atés.
Viva, viva o dia
De tanta alegria.

Dia, que os saltantes
E capri-barbudos
Cornípedes Sátiros
Co'as ebri-festantes
Lascivas Bassárides
De prazer saltando
Pelas montanhas alegres cantaram;
E de quando em quando
Gritando
Bramando,
Assim repetiam:
Saboé, Arcádia,
Arcádia, Evoé!
Já o teu Condão nascido é.

E que bela se derrama
De alegria ardente chama
Do Erimanto nas florestas!
Pelas bocas das cavernas
Em ecos festivos sonoros respondem
Os montes soberbos de Arcádia famosa
Aos golpes, que os ferem,
De liras suaves

De tímpanos graves,
De sistros agudos
De crótalos duros!
Ah! sim, caros pastores,
Brilhe, brilhe a alegria:
Coroemo-nos de flores.
Cantemos suavemente o grande dia,
Que 'a Arcádia nos traz tanta alegria:
Dia que trouxe
Rosado ao mundo
O bom Coridão
Coridão, que jucundo
As antigas,
Esquecidas

Máscaras carcomidas
Animoso tomando,
E entre o hirsuto capri-saltante Coro
As vozes levantando,
O triste e feio bando
Dos multiformes vícios
Faz da Arcádia fugir com seus convícios.
Evoé! Saboé.
Saboé! Evoé.
Viva, oh pastores, viva o grande dia,
Que consigo nos traz tanta alegria.

Eia, eia pastores,
Cantemos, bebamos,
Bebamos, cantemos
Tão ditoso dia
Com esta ambrosia
Ledos festejemos.
Atés, Hiés,
Hiés, Atés.
Viva, viva o dia
De tanta alegria.

Eis-me já nos nocturnos mistérios
De corimbos e flores c'roadado,
Nas mãos cerrando as grossas serpentes.
Eis já deixo dos troncos pendentes
As imagens sagradas,
E entre os copos de vinho espumando
Vou, Condão, seguro saltando
Em teu louvor os odres untados,
Sobre os prados ervosos deitados.
Evoé, Saboé.
Saboé, Evoé.
Viva, oh pastores, viva o grande dia

Que consigo nos traz tanta alegria.

Ah! venha um capro lascivo malvado
Ao altar pelos cornos puxado;
E expie o sangue seu fervido, e quente
Quantas já estragou vides co' dente.
Tirse-potente Jaco,
Ó bipolarido Baco,
Se a vítima te é grata,
Que humilde te ofereço,
Ah! por ela te peço
Que jucundo, grato, plácido,
Risonho, meigo, e lépido
Com o teu licor tépido,
Doce e não ácido,
Nos conserves ao Ménalo
Em Condão
O seu brasão:
Que de louros croado,
Que cheio de alegria
Nascer mil vezes veja tão bom dia.

VI

Eis o sombrio, gelado Inverno
Com as mãos ambas das grossas nuvens
Fero dardeja,
Troveja.
Chameja:
E Aquilão rígido,
O corpo rondo
Ajaezado de negras plumas,
Do pólo frígido
Guiando um túrbido
Esquadrão hórrido
De ventos ríspidos,
Ataca, fere, derruba, estronca
Os freixos, os juncos, as canas, os cedros.
Condão, Condão, amigo,
Ah! contra ele busquemos abrigo.

Mas já te vejo confuso, atónito,
Sórdido, pálido, tímido, lúgubre,
A hirsuta cabeça coçando,
Perguntar-me com mil extremos:
Onde, Elpino, encontrá-lo podemos?
Mackdowel experto,
Que no lenho côncavo
Vai rasgando impávido
Entre as ondas húmidas
As campanhas túmidas
Do inconstante pélogo,
Mostrar-to bem pode,
Pastor engraçado;
Pois nasceu na frígida,
Soberba, belígera
Ínsula Britânica,
Da qual é indígena
O bom ponche rúbido;
O ponche ilustre, de alambres líquidos
Orvalho odorífero,
Que os gelos, que os ventos, que as nuvens, que as chuvas
Investe, derrota, derruba, afugenta.

Ah! quantas vezes o povo orgulhoso
De Eolo fero, bramando horroroso,
Em rijas brisas sobre ele desfeito,
Das negras vergas roubar-lhe intentou
O pano, que aos sopros fia dos Zéfiro!
Ah! quantas vezes do reino espumante
Erguidas serras rolando arrogante,

Do baixel fulminante
O costado Espalmado
Lhe descose com elas!
Assustam-Se os nautas, e a rouca celeuma
As estrelas voa;
De tristes gemidos
O ar se povoa:
Porém ele impávido,
Uma taça empunha deste almo licor,
E com ela dos ventos amansa o furor.

Eia pois, amigo,
Conforta-te, alegra-te:
E na mesa óptima,
Aonde cercado
De Febo e das Musas,
Com a grande cítara
Do Cisne de Apúlia,
Quando a doce voz levantas,
O Parnaso todo encantas;
Com pudim e ponche
Esta noite espera-me,
E me verás lépido,
Com o copo grávido
Do bom licor tépido,
Afrontar impávido
Os furores do Inverno engelhado.

VII

Pois que Noto ali-nevoso
Pelo céu raivoso vaga,
E furioso
As plantas, as flores
Com o venenoso
Bafo estraga:
Dá-me, ó Fílis, uma taça,
Com que o frio fugir faça,
Que me tem enregelado,
Desse vinho açucarado;
Desse digo, que tem a cor branca,
Que é maná que estilou Peramanca.

Dá-mo, ó Fílis, dá-mo à pressa
Que o cruel de neve armado
Se arremessa
Contra mim bramando irado.
Vê quão rápido galopa
No cavalo proceloso,
Conduzindo revoltoso
De miúda saraiva uma tropa!
Dá-me o copo, Fílis bela,
Que eu, coberto deste escudo,
Do feroz vento não temo
O gelado dardo agudo.

Já o enxugo: bravo! bravo!
Doce vinho ignipotente,
Que dos vinhos empunhas o ceptro,
Por ti nas batalhas
Sem colete,
Capacete,
Grevas, malhas
Ardente guerreiro
Com semblante inteiro
Se lança animoso.
Por ti do Pegaso
Nas asas brilhantes
Sobre o cume do verde Parnaso
Voam triunfantes
Os grandes Poetas.
Entre os sustos, entre as penas,
Que no peito lhe derrama,
Quando O inflama,
O frecheiro Porta-Penas,
Por ti baila, por ti canta,
Folga e ri o triste amante,

E entre os júbilos esquece
Cloé ingrata, ou inconstante.
Oh mil vezes mil ditoso o terreno,
Que produz no seio ameno
Este néctar saboroso,
Este bálsamo odoroso,
Que pode curar num instante
Ferida que é tão penetrante!

Outro venha: que alegria
Na minha alma provo e recebo
Quando o sorvo, o engulo, e bebo!
Já não sinto do Noto os assaltos;
Já deposta a soberba arrogante,
Com que as ondas bufando anaçava,
O pó revolvía,
o bosque açoutava,
As flores crestava, E as mãos me feria;
Foge, corre a homiziar-se, Encovar-se,
Emboscar-se,
Embrenhar-se
Da Groenlândia nas grutas geladas.

Venha outro, e venham mais;
Que brindar quero agora
A Aglaia, a quem adora
Constante o coração em seus extremos:
À belíssima Aglaia,
Que de seus olhos
Com a azagaia
Em cem partes o peito
Me trespassa, me fere,
Me zarguncha, azagaia;
A belíssima Aglaia Auri-crinita,
Nevi-rosada,
Do opulento Brasil rico diamante,
Mais puro, mais brilhante,
Que o setemplice raio luminoso,
Que dardeja do Céu Febo lustroso.

Na tarde serena
Encarnada rosa
Não é tão formosa
Como a linda Aglaia
Aos olhos que a vêem.

A Ninfa vistosa
Filha de Taumante,
Da nuvem orvalhosa
Cem cores vibrando

Não é tão brilhante,
Não é tão pomposa,
Como a linda Aglaia
Aos olhos que a vêem.

Da Fénix se cria
Que de ouro esmaltando
As plumas purpúreas,
Aos ares subia
O sol registando:
Foi ficção galante
De Musa gentil.

Mas a minha Aglaia
Portento mais belo,
Púrpura nas faces,
Ouro no cabelo
Ostenta brilhante
Aos olhos que a vêem.

Mas já sinto no peito acender-se
Rápida chama,
Que a mente inflama:
Baco fremente de pontas taurinas
C'o tirso punge-me, move-me, agita-me:
Dentro nas veias o sangue me escuma:
Fugi, profanos; que o corpo se empluma.
Cisne canoro
Do Aónio coro
Voo cantando no ar transparente.

Mas que Ninfa é esta,
Que nas leves asas dos tenros Amores
As nuvens se enleva de flores c'roadas?
Será da floresta
A Deusa sagrada?
Ou será das flores
A mãe delicada?
Será de Citera
A Diva engraçada,
Que voa às estrelas
D' Amores cercada?
Mas oh! que é Aglaia!
Formosa pastora,
Porque assim te apartas
De quem te idolatra?
Onde vais? Quem te guia?
Atende a quem te ama,
Te brada, e te chama.
Mas já entre os astros

Cintila serena!

Sus, oh mortais, minhas vozes ouvi;
Que Leneu seu furor inspira em mi.
O ignífero Cupido, contemplando
De Aglaia a formosura,
Entre os nítidos astros a coloca,
Fausta constelação aos que navegam
Seu vasto mar, e a seu furor se entregam.
De hoje em diante erguei-lhe templo, aras:
Ali em seu louvor hinos cantando,
Ternos desejos, lágrimas ardentes,
Vítimas que propício Amor aceita,
E alígeros suspiros lhe ofertai:
Ali lhe consagrai Férvidos e devotos
Da passada borrasca os puros votos.

VIII

Foi cantado a três vozes na Sessão Académica, que se celebrou em aplauso do Ilustríssimo, e Excelentíssimo Marquês de Pombal em casa do Morgado de Oliveira em 20 de Janeiro de 1774. Elpino cantou o Tenor. *Composto por António Dinis da Cruz e Silva, e Teotónio Gomes de Carpa lho. Os versos do primeiro são os notados com o Asterisco, Foi impresso na Oficina Régia no sobredito ano.*

PRIMEIRO TENOR

- * Em cem negros cavalos procelosos
 - * Por entre as grossas nuvens galopando
 - * Do austral pólo gelado
 - * O fero Noto sai bramindo irado:
 - * E bárbaro senhor do campo etéreo
 - * Com despótico império
 - * Ora inchando as bochechas
 - * De crespas, fria, reluzente neve
 - * Borrifa os altos montes,
 - * Os rios prende, prende as claras fontes;
 - * Ora arroja insofrido
 - * Sobre a tímida terra
 - * Agudas setas de gelada chuva,
 - * E em densas sombras, negro nevoeiro
 - * Do céu cerrando o rúbido luzeiro,
 - * A noite faz descer mais apressada
 - * Na carroça de trevas carregada.
 - * Mas em vão esbraveja, corre e freme,
 - * Se contra a sua fúria
 - * Bassaréu Porta-fogo nos defende ³⁹
 - * Com a lança fatal, que o mundo rende.
-
- * Se a noite embrulhada
 - * Das sombras no manto
 - * Nos cobre de espanto,

³⁹ As palavras Bassareu, Brómio, Epáfio, Lança-de-ouro, etc., são apelidos dados a Baco por Orfeu, ou quem quer que é o Autor dos Hinos, que se lhe atribuem; e por outros muitos Poetas Gregos e Latinos: a maior parte dos quais denota as qualidades e predicados, que os Étnicos atribuíam a esta falsa Divindade, (*ou antes os efeitos físicos, que o vinho produz em quem o bebe*). O uso das Nações mais polidas as admitiu, e aprovou em semelhantes composições. As palavras novas e compostas, como igualmente a frequente variedade de metro, e uso de Metáforas atrevidas, são os adornos próprios desta extravagante e fantástica Poesia, como indicam estes versos de Horácio:

Seu per audaces noua dithyrambos
Verba deuoluit, numerisque fertur
Lege solutis.

Od. Libr. 4. Od. 1. (al. 2.) v. 10.

Sobre ela se pode ver Quadrio no Tom. 2. liv. 1. Distin. 2. cap. 3. e Menzini liv. 3. onde, ao mesmo tempo que ensina as regras, dá um excelente exemplo.

- * Nos enche de horror:
- * Acendam-se fochas,
- * E contra o Inverno
- * Do Luso Falerno
- * Nas taças fulmine
- * O vivo fulgor.

SEGUNDO TENOR

Fulmine, sim, fulmine o Ebri-festante
 Padre Leneu o seu fulgor brilhante.
 Eia, pois, aqui temos o espumoso
 Almo licor da parra, que virente
 Enrama o grão Tridente.
 Do Tejo caudaloso:
 Almo licor, que Inverno enregelado,
 Torna ledó e rosado,
 Que afugenta as mortais melancolias,
 E em teu regaço, fresca Oeiras, crias.

A coruscante
 Dextra de Jove,
 Que os raios move
 A frágil terra
 Com dura guerra,
 Dardeje-troveje
 Fulmine-arruíne;
 Que armado e cercado
 De Baco potente,
 A máquina ingente
 Impávido, imóvel
 Verei estalar.

PRIMEIRO TENOR

- * Lança pois, oh Tirse ditoso ⁴⁰,
- * Desse almo licor saboroso ⁴¹,
- * Neste copo brilhante e dourado ⁴²,
- * Dos Heróis às saúdes dedicado.

SEGUNDO TENOR

⁴⁰ Este verso é chamado Eneassílabo, ou de nove sílabas, e pertence à primeira classe deles, que devem levar os acentos na terceira, quinta, e oitava: como se pode observar nos Autores que o introduziram, e lhe deram a regra.

⁴¹ Outra espécie de versos de nove sílabas, que deve levar os acentos na segunda, quinta, e oitava: como se pode observar no seguinte verso que é de José Caetano Salvadori, ou de Loretto Mattei.

Di perle, di tremulo gelo.

⁴² Verso Decassílabo; os quais têm seus acentos ou na terceira, sexta e nona, ou na quarta, sétima, e nona; de que há muitos exemplos em Redi, e no Aldeano, ou seja Nicolao Villani. Este verso não é novo em Portugal.

Aqui tens a suave ambrosia,
Que desperta, que inspira alegria,
Que ferve, que cheira, que espuma,
Que as aras de Baco perfuma.

PRIMEIRO TENOR

* Agora que brilha c'roada
* Do licor rubro a nítida taça,
* Pela terra me lanço e derrubo
* E respeitoso à boca a subo ⁴³
* Em honra e louvor
* Do grande Carvalho;
* Do famoso Carvalho, que alçando
* As estrelas a fronte sublime,
* Com a sombra benigna que estende,
* Ampara, proteges defende
* Os ditosos pastores do Luso.

* Em honra e louvor
* Do grande Carvalho
* O cheiroso orvalho,
* Que das cepas mana,
* Que produz ufana
* A viçosa Oeiras,
* Neste copo empino.

CORO

* Viva o grande Carvalho, viva, viva.

SEGUNDO TENOR

Basta, basta, calai-vos, ouvi-me.

Esta de vinho
Taça primeira,
Que à boca encaminho,
A verdadeira
Constante amizade
Consagro devoto:
Aceita, oh bom Carvalho, o puro voto.

⁴³ Outro verso de nove sílabas com os acentos na quarta e oitava; de que é Autor Gabriel Chiabrera na sua canzoneta:

A duro stral di ria ventura,
Misero me! son posto segno,
E l'empio duol, ch'io ne sostegno,
Misero me! non ha misura.

No cume das grandezas,
Onde te elevam sólidas virtudes,
Não foges, não desprezas,
Inda que humildes, corações que te amam.
Do fausto a luz brilhante,
Cujo falso esplendor a tantos cega,
Não muda teu semblante.
Quanto no mundo é rara esta virtude,
Tanto mais a Grande Alma nos cativa.

CORO

* Viva o grande Carvalho, viva, viva.

PRIMEIRO TENOR

* Venha um copo de vinho do Douro
* De rubins destilados rodo,
* Vinho que vence os vinhos de Quio,
* Que derruba, que prostra por terra
* A possante, soberba Inglaterra
* Vinho, que Brómio alegre e saltante
* Para seus brindes colhe e vindima,
* Vinho, que cresce em preço e estima,
* A sombra ditosa
* Do grande Carvalho;
* Que à sua saúde
* Outra vez a brindar me convida
* Por cem bocas a Fama, cantando
* As virtudes, que acolhe em seu peito.

CORO

* Viva o grande Carvalho, viva, viva.

PRIMEIRO TENOR

* Venha, amigos, outro copo.

SEGUNDO TENOR

* Pronto, pronto, aqui está.

PRIMEIRO TENOR

* Venham cinco, quatro, seis.

SEGUNDO TENOR

* Aqui prontos todos tens.

CORO

* Viva o grande Carvalho, viva, viva.

PRIMEIRO TENOR

* Evoé! grão Leneu.
* Que doce frenesim a alma me agita!
* Já de alegres espíritos fervendo⁴⁴
* Uma violenta alvorotada tropa
* Pelas inchadas veias me galopa,
* Ó bom Dioneu!
* Lança-de-ouro, terrível, fulminante,
* Fero exterminador de ânsias, tristezas,
* Saboé! vibra o tirso fulgurante,
* E a vil plebe ignorante
* Me afasta de diante
* Sus, silêncio, silêncio, que em meu peito
* De cantar altamente o Deus me inspira.
* Ah! soe a sonora
* Timele ebri-saltante, estrepitosa,

* Soem fagotes,
* Soem timbales,
* Soe a trombeta
* Que a fúria incita:
* Nos fundos vales
* Eco repita
* Tan tan ran tan.

CORO

* Viva o grande Carvalho, viva, viva.

PRIMEIRO TENOR

* Mas que vejo! que assombros! que portentos!
* Dez, vinte sóis, quarenta, trinta estrelas!
* Ah! não, são Ninfas belas,
* Que eclipsam com seus belos resplendores
* Do louro Febo os nítidos fulgores.
* Tragam-me vinho,

⁴⁴ *O Autor na revisão dos Ditirambos mudou aqui dois versos: e lendo-se no impresso:*

Já de alegres espiritos uma tropa
Pelas veias fervendo me galopa.

escreveu na revisão como vai emendado.

* Tragam-mo à pressa.

SEGUNDO TENOR

* Aqui há louro.

TIPLE

* Há carmesim,
* Sangue cheiroso
* De brilhantes racimos.

SEGUNDO TENOR

* Qués do topázio?⁴⁵

TIPLE

* Qués do rubim?

PRIMEIRO TENOR

* Tragam-me desse que tem a cor branca,⁴⁶
* Puro maná, que estilou Peramanca,
* Doce licor, que por doce se preza;
* Que em teu louvor, e que à tua saúde
* Dele pretendo beber um almude,
* Oh de Pombal excelente Marquesa.
* Já dobrando o joelho
* Pela terra me inclino,
* E a cheia taça denodado empino.

CORO

* Viva a Grande Marquesa, viva, viva.

TIPLE

À margem viçosa
Do Danúbio undoso
O Tejo invejoso
A foi demandar.
Alma tão formosa,
De virtudes cheia,

⁴⁵ *Qués*, é sincopado de *queres*. Semelhantemente diz Camões na *Écloga 3*:

E se *qués* ver se ardentes são seus tiros.

⁴⁶ Esta espécie de versos só difere dos mais hendecassílabos em levar os acentos na quarta, sétima, e décima. Dele se vêem muitos exemplos em Camões, Ferreira, etc., mas o seu próprio lugar é nos Ditirambos, por terem uma harmonia alegre, e estrepitosa.

Adora, e receia,
A Musa brindar.
Mas enfim há-de ser; venha a botelha,
Que encerra o saboroso
Licor espirituoso de Champanha,
Que muito gosta a gente de Alemanha.
Da aguda faca a lâmina buída
Quebre a loura resina, salte a presa
Cheirosa espuma, e em bolhas mil erguida
Saúde a Grão Marquesa;
E retinindo
Pelos erguidos
Tectos dourados
Os recíprocos brindes alternados,
Vereis, ah! sim, vereis,
Do grande Daun o grão Nome ouvindo,
Atónitas fugindo
Do Oder nas ribeiras
Destroçadas fileiras,
Bater a Águia Imperiosa
De sangue as negras penas salpicadas,
Voar vitoriosa;
Marte horrendo inclinar a fronte altiva.

CORO

* Viva a Grande Marquesa, viva, viva.

PRIMEIRO TENOR

* Não quero Borgonha
* Não quero Champanha
* Não quero Tocai;
* Nem vinho do Cabo:
* Os vinhos estranhos
* Não provo: não gabo.
* Quero vinho, que alegre, que quente:
* Dá-me desse que guarda na cuba
* Doce sumo Mação excelente,
* Camarista estimado e valido
* De Évio Lísio na Casa enramada,
* Por isso chamado
* Da chave dourada.
* Este pois, oh formosa Condessa,
* Glória e timbre de Oeiras formosa
* Te brindo e consagro.

CORO

* Viva a Grande Marquesa, viva, viva.

PRIMEIRO TENOR

- * Quando sai do Horizonte
- * Na fogosa carroça o sol dourado,
- * O sol de imensa luz perene fonte,
- * Não vem de tantos raios coroados.
- * Tão formosa e engraçada,
- * De flores adornada,
- * Não sai do Ganges fora
- * Na fresca madrugada
- * As nuvens roxeando a bela Aurora:
- * Ao terno Esposo,
- * Cujo espírito raro e generoso
- * Mais que da terra, do alto Céu é digno,
- * Em casto laço santamente unida
- * Brilhar se vêem as duas almas belas,
- * Quais os Gémeos de Leda entre as estrelas.

CORO

- * Viva o Esposo gentil, a Esposa viva.

TIPLE

Mas que fero gigante
De setas armado,
Os campos talando,
As plantas crestando,
Com fina navalha
Os beiços retalha,
Me of'rece batalha!
És tu, bem te conheço, ímpio Nordeste,
Dos mortais crua peste.
Não fujo, não fujo,
Espera, suspende;
Que a ti não se rende
De Baco o valor.

Dá-me desse, que tem a cor loura,
Impenetrável rígida coura,
Que do Oceano as nítidas filhas
Me mandaram de mimo das Ilhas.
Venha um copo, dois copos, três copos,
Capacete, rodela, e montante
Dize agora que venha o gigante.
Mas que esquadrão formoso
De alígeros soldados,
De viçosa oliveira coroados,
Com suave harmonia o ar povoa,

E a socorrer-me voa!

Os leves Amores,
As cândidas Graças
Em torno das taças
Alegres voando,
Entoam louvores
De Amália gentil:
Amália excelente,
De tronco viçoso
Ramo florecente,
Que em laço ditoso
Prometes, seguras
Mil bens, mil venturas
Ao Esposo feliz.

A ti pois, oh Amália formosa,
De raras virtudes compêndio,
A taça cheirosa
De vinho espumoso
Consagro rendido:
Também a consagro
A teu grande Esposo,
Que louros cingindo
Vai ao templo da Glória subindo.

CORO

Viva Amália gentil, o Esposo viva.

PRIMEIRO TENOR

- * Mas que sinto! Que vejo! que escuto!
- * Se Epáfio fremente, de pontas taurinas,⁴⁷
- * Que aceso inflama-me, embrulha-me o cérebro,⁴⁸

PRIMEIRO TENOR

⁴⁷ Verso de doze sílabas. Este verso é dos mais antigos de que usaram os Portugueses, se é certa a invenção do Poema da Perda de Espanha, achado no castelo da Lousã em tempo de El Rei D. Afonso Henriques: não há dúvida porém que no Cancioneiro de Resende há muitas poesias compostas neste metro.

⁴⁸ Verso chamado Coriâmbico, que leva os acentos na quarta e sétima, acabando com esdrúxulo, fazendo cesura na sexta sílaba: dele são os seguintes exemplos tirados do Redi no seu *Baco em Toscana*, e Campelli na sua Tragédia *La Gerusalemme cattiva*.

[De] Redi:
O come l'ugula bacciami, e mordimi
O come in lagrime gl'occhi discioglimi.

[De] Campelli:
Ma qual distruggemi rapida furia
Come spaventani l'Erebo, e segnami.

* Não me ilude,

SEGUNDO TENOR

Mo finge,

TIPLE

Me engana,

PRIMEIRO TENOR

* A terra agita-se, abana-se, move-se.

SEGUNDO TENOR

* Os ares cerram-se, engrossam-se, turvam-se.

TIPLE

* Rugem com ímpeto rígidos Áfricos.

PRIMEIRO TENOR

* Brilham relâmpagos súbitos, lúgubres,

* Rompendo a côncava máquina etérea.

SEGUNDO TENOR

* Acesas, trémulas, rúbias víboras

* Horríveis bramam por farpadas línguas.

TODOS

* Oh vite-comado, farfante Brisseu,

* Brincão, pampinoso, mancebo Lieu!

* Que é! que é! que será!

TIPLE

* Quem tanta desordem,

* Oh Céus, causará?

CORO

* Mas seja o que for,

* Cantemos, bebamos,

* Dancemos, durmamos

- * Do grande Carvalho
- * A sombra feliz.

IX

Baco em Lusitânia

Uma tarde de Maio serena
Quando o sol se banhava nas ondas,
As ribeiras do Tejo, que corre
As campinas de flores bordando,
Num carro de vides toldado,
Por tigres ferozes
A passo tirado,
Entre o som confuso de sistros e vozes
Loução chega o filho de Jove sagrado.
Trazia a seu lado
Das Graças cercada
A formosa Ariadna de estrelas c'roada.
De tenros Amores alígera turba
Voava ligeira
Por entre a ramada da fresca parreira,
Que o carro toldava.
Dali fulminava
Mil setas brilhantes, que o ar abrasando
Amores geravam
Por onde passavam:
Amores travessos,
Que logo adejando
As asas soltavam,
E dos dois amantes nas almas entravam.

Caracolando cercavam o coche,
Ululando, saltando, cantando
As fogo-frements
E Jaco-gritantes
Lascivas Bacantes,
Ou grossas serpentes
Nas mãos apertando,
Os tirsos vibrando.
Seguia-se logo
A chusma incomposta
De Faunos galhudos,
Cornípedes Sátiros,
Que pegas traziam,
E falar faziam,
Evoé gritando,
Nebrodes chamando,
Ditirambo uivando.
Uns tocavam soantes adufes,
Outros saltando batiam nos ares
Crótalos, címbalos, tímpanos, sistros.

Nem falta Silvano,
Que às costas trazia
Com grandes raízes
Um grande pinheiro.
O Deus dos pastores
De amoras pintado, e vestido de flores
Nas mãos conduzia a sagrada ciranda.
Tu também, de Lâmpsaco
Nume impudente,
Companheiro fiel do brincão Baco,
Ali presente
A longa cana
Ao ar alçavas,
Com que o vento e as aves açoitavas.
Roncava a Frígia, túmida tibia
Por entre os rígidos, hórridos crótalos.
Canta de Sátiros fervida cáfila
Em Ditirâmbicos túrgidos números,
E o velho Sileno banhado de mosto,
Picador mesquinho de imbele jumento,
Levantando a vara, que o burro feria,
Ao coro estrondoso o compasso batia.

Quando subitamente,
Alto: bradou o filho de Semele,
E num ponto cessou toda a timele.
Ao grande aceno
Do burro se desmonta o bom Sileno:
Mas como velho,
E tomado dos vinhos,
Cai ao descer na areia de focinhos.
Correu a levantá-lo toda a tropa,
Uns lhe pegam das mãos, outros da roupa;
E posto em pé com mal seguro passo
Vai a Baco, que desce, dar o braço.
A quem Ariadna segue tão formosa,
Que na beleza o mesmo sol vencera,
Se o mesmo sol então não se escondera.
Logo o Deus bipolarido se encaminha
A uma gruta que ali está vizinha,
Guarnecida de musgos e videiras,
E em torno rodeada de parreiras:
Onde indígenas Ninfas,
Deixando as claras linfas,
Vêm a passar as sextas
Em doces jogos, em alegres festas:
E enquanto pela areia caminhava,
De Jaco ao braço a Ninfa se encostava.
E a terra de mil flores
Ao passar lhe alastravam os Amores.

Tanto que na frondosa lapa entraram,
Sem cerimónia todos se assentaram
Nas verdes almofadas,
Que a destra e subtil mão da Natureza
Sem estudo estofara,
E broslara
De mil lustrosas desvairadas cores,
Que em seu seio ostentavam lindas flores:
E só em pé ficou a vil caterva
De Faunos petulantes,
E lascivas Bacantes,
Que retoçam saltando sobre a erva.

Então o loução Deus a voz desbrochando
Do fundo do peito,
Com suave aspeito
Desta sorte foi a todos arengando:
Ariadna belíssima,
Esposa caríssima,
Doce emprego e ídolo
Desta alma terníssima!
E tu, oh solícito
Sileno caprípede,
Aio amabilíssimo,
De todos meus júbilos
E trabalhos ásperos
Sócio fiel e íntimo!
Vós também dos rústicos
Pastores e agrícolas
Oh Numes benéficos!
E toda a mais recova
De Faunos e Sátiros
E soltas Bassárides,
A mim devotíssimos!

Suponho que nenhum de vós ignora
O quanto grato
Não só agora,
Mas já há muito
Me foi da Lusitana terra o trato,
Apesar de quanto escreve,
E a dizer de mim se atreve
O velhaco de Camões⁶⁷.
Ele foi por certo Poeta,
E das Espanhas Arquipoeta:
Porém foi meu inimigo.
Eu contudo lho perdo;
Porque sei que aos grandes Vates
De fingir lhes deu licença

Meu Irmão o louro Apoio.
Eu lha dou, eu lha concedo,
Pois assaz estou vingado
No desdém com que o trataram
Os seus mesmos Lusitanos,
Cujos feitos mais que humanos
Ele cantou,
E eternizou.
Mas deixando digressões,
E o velhaco do Camões,
Lísio meu caro amigo, e companheiro
Do vencido Oriente nos triunfos,
Aqui firmou guerreiro
O majestoso trono, e lhe deu nome.
Aqui de verdes pâmpanos c'roada
A terra brota
Mil cepas, mil bacelos
Com o peso curvados
De saborosos cachos belos,
Quais brancos, quais roxos, e amarelos;
Que à vista se apresentam mais brilhantes
Que os rubins, que os diamantes,
Que os jacintos, granadas, ametistas;
E na pia marmórea espremidos
E derretidos,
Em cheirosa ambrosia se tornam,
Que em rios suaves entornam,

Convidando
Seu humor
Com a cor
A bebê-lo,
Rebebê-lo
O estrangeiro e o natural.

Por estas causas pois, e sobre tudo
Porque da florente
Antiga Silveira
A flor mais virente
Himeneu⁶⁸ meu filho,
De Urania gerado,
Com nó apertado,
Lisonjeiro prende
A um tenro novo ramo florente
Do robusto carvalho, que alçando
As nuvens a coma soberba,
Do Luso os pastores abriga
No furor da procela inimiga
Deixando Nisa, Naxos e o Oriente,
E do Amo famoso

As frescas ribeiras,
Onde à sombra de ópimas parreiras,
De mil vinhos
Odorosos,
Saborosos,
Generosos,
Preciosos
O Redi afamado
Um banquete me deu bem delicado;
Neste bosque aplaudir convosco intento,
Caros confrades,
Tão ditoso ajuntamento,
Que Himeneu
Ledo teceu.

Dos tenros Esposos
Gentis e mimosos
Em honra e louvor
Aqui beberemos,
Aqui brindaremos,
Aqui cantaremos,
Aqui bailaremos,
Aqui gorgomilos,
Aqui peito e bofes
Com o grato sumo
De ilustres, famosas videiras
Ledos regaremos;
Embalsamaremos:
E da solta alegria
Entre os extremos
Nos emborracharemos.
A vós, caros confrades,
Dou toda a liberdade, e só proíbo
Inflexível, severo
Dos vinhos estrangeiros hoje o uso.

O Tocai deixe-se
Ao robusto Húngaro;
Deixe-se ao Batavo
O licor de Africa
Que o nome arroga-se
Do cabo célebre,
Que arando de Neptuno os ermos páramos
O Luso intrépido
Ousado descobriu ao mundo atónito:
O Francês lépido
Beba o que espreme-se
De Borgonheses, Champanheses pâmpanos,
Suco aromático.
Do Reno no fumante branco bálsamo

Gostoso enfrasque-se
O Alemão frígido.
Goste o mole Ítalo
O seu Monterapoli,
E o que de Rei por num tomou o título
Por empenhos que me fez o Redi ínclito,
Montepulciano grato, ilustre e célebre.
O Ibero tímido
Beba o seu Málaga,
E o Britano árdego Alague-se,
Encharque-se
Em ponche tépido,
Cerveja rúbida;
Que hoje em paz lhe consinto, e em paz lhe deixo
Todos esses licores.
Nós beberemos,
Colegas, somente
Os ricos vinhos, os vinhos famosos,
Que estes campos brotam,
Que alegres esgotam
Franceses, Ingleses,
E até esgotara,
Se acaso os provara,
Apesar do seu Santão,
E de todo o Alcorão
O seu Opio deixando e o seu Café,
O soberbo barbarrão
Do fanático Mufti.

Se algum de nós houver tão despejado,
Que se atreva a quebrar o grande edito,
De minhas alegres nocturnas Orgias,
E mais folias
Sem recurso será logo proscrito:
E por maior vergonha condenado
Com infâmia e com mágoa
A beber somente água.
Só para variar de quando em quando
Permitirei beber um calizinho
Do generoso vinho,
Que no regaço ufano
Nutre a fresca Madeira,
Por ser também um vinho Lusitano.
Eia, pois, principie a grande festa:
Fuja, fuja
A tristeza de nós grave e molesta.

Tragam-me desse esplendente carmim,
Que de Ceilão brilha mais que o rubim,
Que em cheiro vence o suor odoroso

Da Capreúba,
Inda fechado
Dentro na cuba;
Sangue brilhante de cepa estremada,
Que Mação avaro e zeloso
Guarda nas pipas com chave dourada.
Ariadna, bebe
Desta ambrosia.
Oh! que alegria
Na alma recebo,
Quando te bebo,
Grato licor
Vá à saúde
Da nova Esposa,
Que é mais formosa
Que o mesmo Sol.

Vá à saúde
Da nova Esposa,
Que é mais formosa
Que o mesmo Sol,
Repete a chusma
Dos convidados:
E enquanto contentes bebiam,
Do coro folião a grande tropa,
Que em torno à lauta mesa estava em pé,
Cantava em altas vozes: Evoé.
Este copo brilhante e lavrado
(Ariadna dizia)
Este copo brilhante e dourado
Em que brilha, em que fuma escumando
O maná, que derramam suaves
Fron dentes vides
Em Peramanca
Este que grato me apaga e me estanca
A ardente sede:
Este, sim, que o néctar excede;
Vá, vá à saúde
Do recém Esposo
Gentil e garboso,
Que de aceiro armado
De Marte é traslado,
E dele despido
Parece Cupido.

Vá, vá à saúde
Do recém Esposo
Gentil e garboso,
Que de aceiro armado
De Marte é traslado,

E dele despido
Parece Cupido
Repete a chusma
Dos convidados:
E enquanto contentes bebiam,
Do coro folião a rude tropa,
Que em torno à lauta mesa estava em pé,
Cantava em altas vozes: Evoé.

Então de Lâmpsaco
O Nume potente
Um frasco tomando
De vinho odoroso
Que em seus campos produz a Chamusca;
Enquanto a rolha porosa sacava,
Assim aos mais comensais falava:
Esta viva desfeita granada
Neste claro cristal engastada
Vai à saúde
Da Esposa bela,
Que nova fénix
Viva e reviva
Sempre gentil.

Vai à saúde
Da Esposa bela,
Que nova fénix
Viva e reviva
Sempre gentil
Repete a chusma
Dos convidados,
Que os vasos ledamente despejaram.
E enquanto contentes bebiam,
Do coro folião a rude tropa,
Que em torno à lauta mesa estava em pé,
Bradava em altas vozes: Evoé.
Seguiu-Se logo
O bom Silvano
Que um grande jarro
De vinho enchendo
De Carcavelos,
Ao claro Esposo
Assim brindou.
Oh tu nova vergôntea florecente
De alto tronco em Heróis sempre fecundo
Ou nas artes da Paz ou nas que escreve
Com roxo sangue Marte furibundo,
Cuja grão fama vaga pelo mundo:
Este vaso,
Que no bucho

Pronto vaso,
E qual fero robusto Tudesco,
Que bebe e rebebe animoso,
Com ele os bofes
Rego e refresco,
Em honra tua,
E do futuro
Sucessor, que ledó te auguro,
Manso, manso vou entornando.

Em honra tua,
E do futuro
Sucessor, que ledó te auguro,
Manso, manso vou entornando:
Repete a chusma
Dos convidados.
E manso, manso
Os gordos vasos
Todos gró, gró
Foram vazando.
E enquanto contentes bebiam,
Do coro folião a rude tropa,
Que em torno à lauta mesa estava em pé,
Bradava em altas vozes: Evoé.

Em pé então
Se levantou
O agreste Pão⁷⁴,
E um canjirão
Nas mãos tomou,
E assim bradou:
Encham-me prestes do ardente piropo,
Que o Lavradio fecundo destila,
Este, de que uso,
Rústico copo.
E num ponto
Um Sileno
Diligente,
A quem toca
De copeiro ali o officio,
Já o enche todo até à boca.

Com as mãos ambas
O Semicapro
Alegre o toma,
E antes que beba
Assim falava:
Este vinho puro e macio,
Oh se caudal manasse dele um rio!
À saúde vá

Da Esposa gentil,
Que conserve o Céu
Por séculos mil.
Qual rola inocente
Que em densa floresta,
Ou ervoso prado
O parceiro amado
Fiel acompanha,
E sempre a seu lado
Constante se vê,
E leda rolar:
Do Esposo extremoso
Ao lado se veja
Contente extremosa
De amor suspirar
Por séculos mil.

À saúde vá
Da Esposa gentil
Que conserve o Céu
Por séculos mil,
Repete a chusma
Dos convidados:
E enquanto contentes bebiam,
Do coro folião a rude tropa,
Que em torno à lauta mesa estava em pé,
Bradava em altas vozes: Evoé.

Neste ponto o bom Sileno
A bagagem corre.
Das ancas do jumento despendura
A grande infusa,
Pela qual usa
A seu sabor beber quando tem sede
Das doces uvas o licor fumoso,
E as asas tinha do pegar safadas;
E a trémula voz alçando assim dizia:
Eu não uso beber por acepipe:
Peramanca, Mação e Carcavelos,
Chamusca e Lavradio são bons vinhos,
São gratos, são belos:
Mas para a gente um pouco delicada,
E a opíparas mesas costumada.
A minha pituíta
Me pede outro molho:
E falando sem refolho,
Quero vinho cascarrão,
Que se gasta nas tavernas,
Que a cabeça logo, logo,
Me perturbe e mais as pernas,

Que a língua trave-me,
Que o esófago
Rasque-me, morda-me, pique-me;
Este que se bebe nas selvas
De toscas vinhas campeche estilado
Nas lagariças
E talhas de Elvas,
De teu nome em honra
E da tua prole,
Ó flor graciosa
De fértil Silveira,
Mais fresca e formosa
Que em verde roseira
Pudibunda rosa,
Ledo e pronto todo emborco
C'o suave esposo
De tenros filhinhos
Em torno cercada,
Qual fértil videira
De cachos ornada,
Cada vez mais bela
E mais engraçada,
Desfruta contente
Do doce consórcio
O fruto feliz.
A teus longos anos
Em dourada roca
Benévola Cloto
Lentamente tire
O fio feliz.
Disse, e de um sorvo o cântaro despeja
Sem deixar-lhe sequer o turvo pé:
E o rústico coro de Faunos, Bacantes,
Sem cessar gritava, Evoé, Evoé.
E ao som dos ruidosos instrumentos
Em romper prosseguia os vagos ventos.

Desta arte cantavam,
Desta arte solícitos
Himeneu chamavam.

CORO

Desce propício,
Desce do céu
Oh loução filho
Do bom Lieu.
Vem Himeneu,
Vem Himeneu!

Já Febo esconde
O rosto seu,
Supra seus raios
O facho teu.
Vem Himeneu,
Vem Himeneu!

Sacode as teias,
E o roxo véu
Traze ligeiro
Traze do céu.
Vem Himeneu,
Vem Himeneu!

Dele coberta
O pudor seu
A Esposa vença:
O lume teu
Siga Himeneu:
Vem Himeneu!

O nó suave,
Que Amor teceu
Estreita, aperta
Casto Himeneu.
Por teu troféu
Vem Himeneu!

Impaciente
Do vagar teu
Daun te acusa,
Se queixa ao Céu.
Vem Himeneu,
Vem Himeneu!

Ah, não demores
O prazer seu,
As esperanças
Que o céu nos deu
Neste Himeneu.
Vem Himeneu!

Mas já cintila
No claro céu
A luz brilhante
Do facho teu.
Vem Himeneu.
Vem Himeneu!

Inda bem a seu canto estrepitoso

O tremulento coro fim não dera,
Quando Baco sequioso
Por matar a sede ardente
Assim brada impaciente:
Sarirosinho,
Gentil copeiro,
Corre ligeiro,
Corre de trote;
Traze um pipote.
Mas de que vinho?
Traze desse generoso,
Espumoso,
Precioso,
Que mais longe lança a barra,
Que os vinhos gabados de Chipre e de Quio;
Que o vinho afamado,
Vinho de ouro em Síria chamado,
Que Tripoli cria
E como relíquia de lá nos envia,
Esse vinho chamado da Ponte:
Oh! quem me dera dele uma fonte,
Mais perene
Do que a fonte da Hipocrene!
Disse, e num pulo
O Sátiro lho traz hirsuto e fulo.
Então o brincão Deus assim prossegue:

Vinho suave,
Da fonte do prazer registro e chave,
Quando neste rústico copo
Língua e padar em ti ensopo,
Quando teu grosso jorro cá no peito,
As guelas lavando, cai e chove
O néctar não invejo a meu pai Jove.
Tu és o saudável
Ouro potável
Que a vida alentas,
Que o coração
Refocilas, sustentas,
Vigorizas, confortas:
Do alcáçar dos gostos tu abres as portas.
Tu da tristeza
Veloz afugentas
As lúgubres trevas.
Tu as almas suspendes, elevas
E ao ver novos mundos nas asas ardentes
Os astros calcando conduzes e levas.
Se do Ménalo o audaz pastor Elpino,
Que só água bebendo se arroja
A cantar guerreiros famosos,

De melhor lira assunto digno,
Em ti sua boca molhara,
Então dignamente
As grandes proezas cantara;
Então eu lhe encomendara,
Que de Tebas no carro montado,
Brilhantes estrelas trilhando,
Pelo mundo fosse cantando
Deste grande Himeneu o Epitalâmio.
Certamente que ele ignora,
Ou assela por mentira
O que já Argiva Lira
Publicou
E asselou
Quando disse, que um vinho famoso
Era aos Poetas ginete brioso.
Mas já que se obstina
Somente em beber
Água pura e cristalina,
Com sua água se fique o mesquinho;
Pois fiar tão grande empresa
De quem só água bebe e não vinho,
É pequice é sandice, é leveza.
Diz que aos olhos lhe faz mal:
É mentira, não há tal;
Que eu mais vejo, se mais bebo.
Se é de dia,
Vejo três e quatro sóis:
Se é de noite, pelos ares
Vejo aos centos, aos milhares
Nadar juntas as estrelas,
E outras coisas muito belas,
Como são
Rebentar dum embrião
As ideias de Platão:
De Epicuro enxergo os átomos;
E uns com outros vejo, vejo
De Renato os turbilhões
De contínuo aos empurrões;
E outras coisas muito belas,
Que não vejo, nem percebo
Se não bebo.
Mas já que se obstina
Somente em beber
Água pura e cristalina,
Com sua água se fique o mesquinho,
Que eu inveja lhe não tenho:
O sublime empenho
De mais alto engenho
Fiarei.

Quem será, eu cá o sei;
Mas agora o não direi;
Porque temo que o povo do Pindo
Agravado,
E picado
Desta minha preferência,
Solte as rédeas à insolência,
E com sátiras mil me caia ao rabo;
Que um poeta irritado é um diabo:
Quanto mais um enxame de poetas,
Ou roucas rãs dos charcos da Hipocrene,
Que grasnando com tímido boato,
Em vez de versos trovas mil entoam,
Que os cegos pelas ruas apregoam.
Mas a culpa tem Apoio;
Pois que atura tanto tolo
Sem que à pressa
A cabeça
Lhe não rache,
Ou escache
Com a lira, ou c'o cajado,
Com que um tempo desvelado
De Tessália nos pacigos
Pastorava
Branco gado.
Mas onde me transporta
Contra um bebedor de água a justa sanha,
Que no peito concebo,
Que esqueço o que por hora mais importa,
Que não bebo
Este bálsamo cheiroso,
Este líquido rubim?

Gentil Esposa,
Ao Esposo unida
Vive gostosa,
Vive feliz:
Qual fértil vide,
Que em mil abraços
C'os verdes braços
Tenaz aperta
O olmo gentil,
Disse: e gorgolejando,
Todo o pipote
Nas áridas entranhas foi vazando.

Gentil Esposa,
Ao Esposo unida
Vive gostosa,
Vive feliz,

Repete a chusma
Dos convidados,
E os cheios vasos
De vinho rasos
Ledos emborcam,
E entanto dos Faunos e soltas Bacantes
A tropa festiva, que em giro saltava,
Os verdes tirsos brandindo espantosa,
Uns após dos outros, a boca aplicava
Ao jorro que espalha fumando de em torno
Dum tonel bojudo e cheiroso
O largo torno;
E de quando em quando
Bramindo, ululando
E vociferando,
Evoé gritava:
Evoé!
Evoé!

Sinto girar-me de em torno a cabeça:
A selva se dobra e tresdobra a meus olhos:
Vejo bailar as areias do Tejo:
E as cerulicrinitas Tágides vejo
Sobre as ondas formarem coreias.
O carro c'os tigres volteia de em torno:
Cabriola conosco a floresta:
Que gosto, que prazer, que alegre festa!
Ariadna dizia,
E assim prosseguia:
As toscas nébrides
Larguem as Ménades:
Os racimíferos
Tirsos horríficos
Deixem os Sátiros:
Teçam levíssimas
Coreias lépidas
Ao som harmónico
Dos rijos crótalos,
Das gaitas túrgidas.
Dia tão célebre
Por nós celebre-se
Com baile e cânticos;
E os nossos júbilos
Aumente pródigo
O sangue líquido
De cepas ínclitas.
Teça-me, teça-me
De vós, Bassárides,
A mais solícita
Verdes lauréolas

De frescos pâmpanos,
De hera frondífera;
Donde pendam vistosos os corimbos;
Que em sinal de alegria,
Neste de almo prazer solene dia,
As soltas tranças
Coroar pretendo com elas.
Serão mais brilhantes,
Que a outra de estrelas,
Que no céu cintila
Por dádiva tua,
Tioneu gentilíssimo,
Esposo caríssimo
E tu entanto,
Pincerna rústico,
Desse crisólito
Doce, odorífero,
Que de grata fecunda videira
Colhe e pisa e prepara a Madeira,
Esta copa luzente e sagrada,
De ouro com rico lavor tauxiada,
Traze-me cheia.
Disse, e qual sai fuzil da nuvem feia,
O Sátiro fragueiro lhe obedece.

Então tomando Ariadna o rico vaso,
E a branda voz soltando,
Que sobre as trémulas húmidas asas
As soltas Auras suave prendia,
Desta arte prosseguia:
Feliz Esposa,
Que és mais formosa
Que a roxa Aurora,
Quando nas conchas o pranto, que entorna,
Em netas penas
Converte e torna:
Ao terno Esposo
Sempre liada
Lísia te veja;
E com inveja
A tenaz hera,
De alto azinho no tronco enrolada,
Estale em mil pedaços
Pretendendo emular tão doces laços.
Esta que derramou melíflua uva,
De fragrantos jacintos rica chuva,
Porque assim seja,
E Lísia o veja,
Com imenso prazer empino o vaso,
E a grande sede mato em que me abraso.

Porque assim seja,
E Lísia o veja
Este grão vaso
Empino e vaso,
Repete a chusma
Dos convidados;
E alegres todos
As grandes taças
Tocam e beijam,
Sorvem, despejam.
E entanto a turba
De Évias e Faunos,
Que bebericava,
Caracolava,
Tripudiava,
Ferindo a areia
C'o solto pé,
Sem cessar brada:
Evoé!
Evoé!

Qual de vós me traz, oh Silenos,
Uma pipa de vinho do Douro
Vermelhaço,
Brilhantaço
Para nela curtir este couro?
Grita então
De Helesponto o Nume potente
E um Fauno lhe apresenta um canjirão.
Este vaso
Não é azo,
Replicou,
A matar a sede ardente,
Em que meu peito arder se sente:
Mas se outro mais pronto não há,
Que remédio? paciência:
Este vá.

Oh quinta essência
Dos vinhos todos!
Que noutro tempo beberam os Godos,
E agora bebe
A gente Inglesa,
Que tanto se preza
De beber
E entender
Dos bons vinhos a excelência.
E 'té dá a preferência
Sobre os vinhos de Borgonha,

De Bordós e de Champanha,
Que o Francês vão, orgulhoso
Tanto gaba, e tanto jacta:
Eu te bebo respeitoso
Em honra do novo Carvalho
Que a crescer começa viçoso;
Porque de astro benigno amparado,
E à formosa Silveira acostado,
Novos ramos brotando fecundo,
Com seus pimpolhos encha todo o mundo.

Porque de astro benigno amparado,
E à formosa Silveira acostado,
Novos ramos brotando fecundo
Com seus pimpolhos encha todo o mundo,
Em honra do novo Carvalho,
Que a crescer começa viçoso,
Eu te bebo respeitoso,
Grato vinho generoso:
Repete a chusma
Dos convidados
E as grandes taças,
Do Duriense licor todas c'roadas,
Deixam lavadas:
E entanto a plebe
Ebri-festiva
Beberricando,
Tripudiando,
Em leves pulos
Ao ar saltava,
Batendo a terra
C'o solto pé;
E ululava, bramia
Triambo, Ditirambo:
Evoé, Evoé.

Agora me sigo, Silvano dizia:
Agora me sigo, também Pão dizia.
E sobre qual deles primeiro faria
Dum novo prolfça respeitosa ofrenda,
Entre ambos se move estrondosa contenda.
Até que Lieu
Que a grão rixa viu,
Assim decidiu.
Em tão fausto dia
Não haja pendência
Que a paz nos perturbe,
Que o prazer nos turbe;
Brindemos todos
Sem preferência.

E pois Silvano
Falou primeiro,
Em brindar seja
Pão derradeiro.
Com tal decisão
Lançou logo mão
De um borrachão
O Nume campestre.
Oh! vinho suave,
Oh! ambre desfeito,
Que na Vidigueira
Orvalhou generosa videira,
(C'o vinho falando
Silvano exclamava)
Com o teu lume
O peito inflama-me,
Da mente afia-me
O subtil gume,
Porque possa
E reposita
Celebrar
E louvar
Ó Esposos gentis, a glória vossa!

Dos mimos cercado
Já vejo, já vejo
O Esposo extremoso,
Que ardendo em desejo
Procura animoso
A Esposa gentil.
De encantos cercada
Já vejo, já vejo
A Esposa formosa
Que cheia de pejo
Esquiva medrosa
O Esposo gentil.
Amor, que os inflamas,
Himeneu que os guias,
Soprai vossas chamas.
Triunfem Desejos,
E fujam os Pejões,
Amor! Himeneu!
Ah!, não demores
C'o prazer seu
A nova ordem dos grandes sucessores.
Porque assim seja,
E Lísia veja
Cumprido o fausto agouro,
Despejo alegre o empantufado couro.

Porque assim seja
E Lísia veja
Cumprido o fausto voto,
Este puro licor bebo devoto:
Repete a chusma
Dos convidados,
Emborcando cada um veloz contente
O vaso cheio do licor ardente.

Seguiu-se Pão,
Que assim dizia
Venha um quartão
De roxo vinho,
Que os vagos ares
Todos perfume,
Que borbulhe, que ferva, que escume.
Ah! traze-me dessa brilhante triaga,
Barbiponente ligeiro Sileno
Que da Anadia
Os cheirosos lagares alaga,
Que os tristes cuidados,
Veneno da vida,
Sumerge, dissipa, aniquila, e estraga.
Desta tiorba
Ao som suave
Da linda Esposa,
Do guapo Esposo,
As ternas graças,
O gesto vivo
Descantarei,
Celebrarei:
Ela é Ciprina
E ele Gradivo.
Mas porque mais e mais se inflame a mente,
De ambos em honra
Este grão vá...
Este grão vá...
Este grão vaso empunho reverente.

Disse: e de ardente sede e prazer cheio,
Dum sorvo o levou até ao meio,
Então descansando
E o quartão pousando,
Assim continua
Na prática sua:
Gentil Donzela,
Tu és mais bela
Que a Ninfa ingrata,
Que ainda em longo arbusto convertida,
Fera homicida

De amor, de saudades me mata.
Nas tuas faces
Rubras, formosas
Trazes as rosas:
Na boca trazes
Pérolas, cravos:
E na garganta,
Que a vista encanta,
Tens os jasmims,
Tens mogarins.
Gentil Esposo,
Quando te vejo,
Quanto te invejo!
Tu tantas flores
Na companhia
De mil Amores,
Tu, venturoso,
Tu colherás.
Ah, que ambos sois
De Marte e Vénus
Retrato vivo:
Ela é Ciprina,
E tu Gradivo.
Mas porque mais o júbilo se aumente,
Em que meu peito transbordar se sente,
Em honra vossa,
Ó venturosos
Ternos Esposos,
O grão vaso despejo reverente,
Mas porque mais o júbilo se aumente,
Em que meu peito transbordar se sente,
Em honra vossa,
Oh venturosos
Ternos Esposos,
O grão vaso despejo reverente:
Repete a chusma
Dos convidados,
E as grandes taças
Todas enxugam.
E a plebe que em torno bailava,
Evoé pulando gritava,
Evoé.
Evoé.

O velho Sileno
Que entanto matreiro
Um vaso após outro
Sorvia e bebia
Sem tréguas lhe dar,
Agora que a solene vez lhe toca

De beber e brindar,
Antes que fale dando uma risada,
Aos ledos comensais assim palavra:
Redomas e copos,
Garrafas e frascos,
Infusas, quartões,
Pichéis, borrachões,
Odres e potes
Vasos são para mamotes.
Eu quero um grande tonel,
Para nele de vinho fartar-me,
Mergulhar-me, lavar-me, ensopar-me.
Venha desse vilãozão,
Em que se enfrasca
E se encarrasca
O sórdido Galego nas tavernas:
Que o faz ondear, Bailar e saltar,
Gritar e cantar:
Pois quando as goelas me lava,
E o padar me pica e trava,
Nos gorgomilos
Tão suaves cócegas sinto,
Que de ri... Que de ri...
Que de riso me sinto estalar.
Em honra vossa, felices Esposos,
Eu todo o sorverei por um funil:
E por mais não tardar,
Já sôfrego o começo a despejar.

A rústica turba
Que cabriolava
Festiva de em torno;
E de quando em quando
A boca aplicava
Da pipa ao torno;
Enquanto o tonel
O velho espichava,
Evoé clamava, Evoé.
Evoé.
Neste ensejo o brincão Deus
Assim brada: Amigos meus,
Aqui há da Cuba
O líquido alambre;
O grato, o puro ambre,
Que guarda na cuba
Feliz Lamarosa:
Aqui da Anadia
Cintila o fumante
Elixir fragrante,
Que do Mondego nas saudosas fraldas

Geraram vegetantes esmeraldas,
Em cachos de jacintos e ametistas.
Temos o vinho
De Fonte Arcada;
E o afamado.
De Taboado;
E para mais requintes
Também o vinho temos
Da nobre Avintes,
Com outros muitos
Um branco, outro vermelho, outro louro,
Que em rios brotam
As altas margens
Do turvo Douro.
Nem falta o famoso
Rocio gostoso,
Que em Monção orvalham
Erguidas videiras:
Que na cor flamígera
Excede da púrpura
O resplendor nítido,
E no gosto e cheiro
Da divinal odorosa ambrosia
Tem conseguido levar primazia.
A saúde dos novos Esposos
Poderá cada qual gostar,
E beber,
E tostar,
Rebeber,
Retostar⁴⁹
O que mais grato for a seu padar.
Eia, pois, amigos, a eles:
Eia, amigos, a eles, a eles!
Neste de vinhos dilúvio cheiroso,
Nesta corrente de humor precioso
A boca, a língua, as entranhas lavemos,
E até cair a grão sede matemos;
Que em seu tempo e lugar perder o siso,
E, parceiros, prudência, e é juízo.
Eia, pois, aos vinhos, amigos! Sem cerimónia,
E cumprimento,
Que nojosa torna a mais leda assembleia.
Sem medida, sem regra
Aos Consortes brindemos.
Fuja a negra,
A voraz melancolia
Reine entre nós festival alegria.

⁴⁹ Parece evidente que o Poeta tomou a liberdade de inventar os dois verbos tostar e *retostar* dando-lhes a significação de *brindar*, ou *beber à saúde*, os quais tomados nesta acepção foi buscar à linguagem Inglesa, onde *toast* significa brinde ou saúde.

Viva a Esposa gentil, o Esposo viva!

Viva a Esposa gentil, o Esposo viva,
Repete a chusma
Dos convidados;
E em pé alçados,
Alvoraçados,
Alboratados,
Um gritava, da Cuba me tragam
O alambreado licor refulgente;
De Monção pelo vinho excelente
Outro pinchando bradava contente;
Outro cantando com voz sonora
Da Lamarosa
Ora pedia
O puro vinho,
Ora o famoso
Lá da Anadia:
E retouçando, bebendo e cantando,
A grande folia
A selva de em torno
Retumbar fazia.

Quando Sileno,
De esgotar acabando
A azeda zurrapa da bojuda pipa,
Os vesgos olhos Arregalando,
E balançando,
Dos Consortes em louvor assim dizia:

Generoso Daun
Silveira bela,
A quem hoje de Baco o filho ingente,
O suspirado gentil doce Himeneu,
Para glória e prazer da Lusa gente,
Guiado de propícia e fausta estrela,
Com casto nó benigno ajunta e prende:
Vivei em santa paz sempre ditosos
Imensos dias, anos numerosos,
Dando de vós os frutos desejados,
Que Talásio, que os Fados
Há tanto à Lusitânia têm traçados.
Chegue a dourada Idade,
A nova ordem de tempos: da alta fama...
Arrebatado
E transportado,
Vejo, sim, vejo (crede-me, oh profanos!)
Descer do seio dos brilhantes astros
Nova imortal Progénie,
Os grandes Sucessores,

Que robustos pisando a grande estrada,
Que trilharam gloriosos
Os Carvalhos famosos,
Os Dauns, mais os Silveiras, Sás, Meneses,
Uns rompendo Maométicos arneses,
Outros ao som da lira descantando
Seus feitos portentosos,
Outros enfim ditando
Ao mundo novas leis, e à pátria cara,
Aos astros lhe realçam,
De Fama coroada, a fronte altiva,
Fazem que o Tejo corra mais ufano
Que no Lácio correu um tempo o Tibre
Feudo a cobrar do indómito Oceano.
Assim o tem o inescrutável Fado
Em seus Fastos de sua mão gravado:
Ele, rasgando do futuro a névoa,
A minha acesa, extasiada mente
Benévolo mo faz hoje patente.
Ah férreo velho alado,
Rei dos anos voraz! vem mais ligeiro!
As negras bate tragadoras penas:
Os novos heróis traze.
Traze... porém que é isto! o campo treme!
Estou no mar? estou na firme terra?

Ah! sim, no mar estou, e c'os marulhos
Sinto de arrebeçar, sinto os engulhos.
Ai que os pés me resvalam, e c'o peso
Me não rege a cabeça: sinto o caco
Vertiginoso: Brómio, Lísio, Baco!
Eu tremo, eu me desmaio:
Ah! quem me pega: Brómio! eu caio, eu caio!
Disse: e dos fumos que subtil exala
O vinho trepada a testa cheia,
Sem mexer-se caiu na mole areia.

Então a tremulenta companhia
Victor! gritou; e dando mil palmadas,
Soltou de riso grandes caquinadas.
Mas logo pouco e pouco
Foram sem excepção todos caindo,
Do muito vinho e grão sono vencidos;
E a ressonar entraram
Com tão grande ruído,
Que das palmeiras rãs, nocturnos grilos,
Que a cantar começavam,
Os importuno cantos não soavam.⁵⁰

⁵⁰ Este Ditirambo não chegou a publicar-se, nem ainda a dar-se às Ilustríssimas Pessoas, que foram causa dele se fazer.

ODES ANACREÔNTICAS

Nec, si quid olim lusit Anacreon,
Deleuit aetas;

Horat. Libr. IV. Od 8.

Na Colecção primeira acham-se as Odes 1, 2, 3, 4, 6, 10, 11, 18, 25 e 41; porém a lição do texto é bastante imperfeito e carregada de variantes. Mais exacto e aperfeiçoado é o exemplo da Colecção Segunda, o qual contém as primeiras 32 Odes, Este é o mesmo exemplar que o Poeta nos últimos anos da sua vida havia retocado, e acrescentado com as últimas 9 Odes; o qual nos foi comunicado pelo Senhor Marechal de Campo Matias José Dias Azedo, e nos serviu para a presente Edição. E até escusado advertir que nenhum uso se fez de inumeráveis cópias mais ou menos fiéis, mas sempre incorrectas, que têm aparecido das Odes Anacreônicas de Dinis, nem tão pouco das que se imprimiram em 1809 bastante desfiguradas numa Colecção de Poesias Inéditas. Enquanto às Variantes, não só omitimos todas as que se achavam na primeira Colecção que já o Autor havia desprezado na segunda e terceira, mas algumas das poucas que ele aí conservou. O contrário ofereceria uma lição sumamente empecada e desagradável.

I

De seguir no alto monte
Fatigado as bravas feras,
Uma fonte,
Que toldavam verdes heras,
E bordava o fresco prado
De junquinhos,
De violas e tomilhos,
A buscar baixo apressado,
Por matar a sede ardente
Em a frígida corrente.

Quando Amor, que repousava
De Nigela no regaço,
Despertava
C'o rumor, que ao passar faço:
Ergue o rosto, e ao ver que eu era,
Quem buscando
Da fontinha o cristal brando,
Sua doce paz lhe altera;
Toma o arco, que deitado
Entre a relva tinha ao lado.

Uma seta, cuja ponta
Era de ouro o mais brilhante,
Nele aponta.
Voa o raio penetrante,
E veloz me passa o peito.
O Tirano
A ferida vendo ufano
Com um riso contrafeito;
Olha, diz, pastor grosseiro,
Se é Amor destro frecheiro.

E voltando-se a Nigela,
Desta sorte continua:
Ninfa bela,
A conquista será tua:
A tua ira, aos teus rigores
Novo emprego
Neste louco hoje te entrego:
Morra em vão por ti de amores,
Sofra e cale o seu agravo,
Pois to entrego como escravo.

Ai de mim! que a desumana
Tomou bem esta doutrina;
Pois tirana

O meu mal, minha ruína
Só deseja, só pretende.
Impropérios,
Crueldades, vitupérios
O servi-la só me rende
E de tão injusta sorte
Só livrar-me pode a morte.

II

Turva a chuva as claras fontes,
Que risonhas murmuravam;
E os ribeiros
Escumando caem dos montes,
As campinas alagando,
Que pouco antes lisonjeiros
De mil flores esmaltavam,
Frescos Zéfiros voando.

Brama o Noto, e enfurecido
Grossas nuvens envolvendo,
Em seu seio
Nos esconde o Sol luzido.
Com estranha ligeireza
Rompe a Noite, e o manto feio
Sobre os campos estendendo,
Cobre os peitos de tristeza.

Bela Erália, enquanto irado
Brama o pólo, o Céu troveja,
Nictileu,
E de Chipre o Deus vendado,
Seus prazeres derramando
No teu peito e peito meu,
Da sua ira nos proteja;
Torne o tempo alegre e brando.

Entre as taças, que derramam
Um suave e vivo fogo,
Os Amores
Ardem mais, e mais se inflamam:
Ao enxame dos Desejos,
Dos Desejos brincadores
Livre o campo deixam logo
Brandas Iras, falsos Pejós.

Eia pois não te demores,
Vem, Erália, entre os meus braços:
Neles c'roe
O Prazer nossos amores.
Reine o gosto e a alegria;
Pois ou vente, ou chova, ou troe,
Entre tão suaves laços
E rosado sempre o dia.

III

Dá-me o frasco, e dá-me a lira,
Que beber e cantar quero,
Ó belíssima Nigela,
Não de Marte aceso em ira
O estrago horrendo e fero
Cantarei de Aglaia bela,
Beberei em seu louvor
De Tioneu o bom licor.

Cantarei do gentil rosto
A suave formosura,
Cantarei que a natureza
Liberal nele tem posto
Lírios, rosas, neve pura
Para ideia da beleza,
Beberei em seu louvor
Deste copo o bom licor.

Cantarei de seu cabelo
Longo, fino, crespo, e louro,
Que já preso ou solto ao vento,
Faz que seja menos belo,
Menos rico o fino ouro,
Almas prende cento e cento.
Beberei do bom licor
Outro copo em seu louvor.

De seus olhos triunfadores
Cantarei, que o sol dourado,
Quando as luzes lhes admira,
Os brilhantes resplendores
A esconder corre apressado
Com vergonha, e cheio de ira.
Beberei do bom licor
Outro copo em seu louvor.

Da vermelha linda boca,
Onde as Graças têm morada,
Cantarei, que um só sorriso
Dos que a vêem a alma coloca,
Em prazeres encantada,
Num suave paraíso.
Beberei do bom licor
Outro copo em seu louvor.

Da coluna cristalina,
Onde tanta formosura

Se sustenta e se levanta,
Cantarei, que à neve Alpina
Leva a palma na candura.
Ó belíssima garganta!
Beberei do bom licor
Outro copo em teu louvor.

Que direi do gentil seio,
Onde o ninho, Amor, tens feito,
Donde feres, e onde enlaças...
Mas cantar dele receio:
Tu, Amor, do branco peito,
Tu, que as sabes, conta as graças;
Que eu já bebo em seu louvor
Doutro frasco o bom licor.

Do que esconde fina Holanda,
E por fé humilde adoro,
Eu cantara, se pudera;
Mas Amor calar me manda,
Pois mistérios são que ignoro:
Venturoso se os soubera!
Beberei do bom licor
Todo o frasco em seu louvor,

IV

Já batendo a roxa Aurora
De ouro as rédeas cintilantes
Aos cavalos estelantes,
Veloz sai do Ganges fora;
E guiando o novo dia,
Enche a terra de alegria.

De rubins a fronte ornada,
E o regaço de alvas flores,
Pisa as nuvens de mil cores
Das subtis auras cercada;
E de lírios cobre os montes,
E de luz os horizontes.

Tão ditoso, alegre dia,
Branda lira, descantemos;
Doces hinos lhe cantemos,
Doces hinos de alegria;
Pois de Aglaia, Aglaia bela
Nasceu nele a nova estrela.

Já rompendo o leve vento
Coroados de áureas flores
Se derramam os Amores
Pelos ares cento e cento,
Que mil círculos formando
Seu albergue andam cercando.

De Ericina o filho amado,
Que o lustroso esquadrão guia,
Vibra o arco de harmonia
Não de dura seta armado;
E tocando áureo instrumento
Desta sorte prende o vento.

Bela e fresca em prado ameno
E a rosa nacarada,
De ouro e púrpura esmaltada
Qual estrela em Céu sereno:
Mas mais frescas, mais formosas
De teu rosto são as rosas.

Bela rompe, e bela brilha
Da borrasca entre os horrores
Com o manto de cem cores
De Taumante a gentil filha:
Mas mais bela tu serenas

De um amante peito as penas.

A tormenta embravecida
Ela aplaca alegremente,
Ela traz do sol luzente
A luz clara e apeteçada:
Mas tu trazes no semblante
Outro sol, que é mais brilhante.

Deixa pois, Aglaia bela,
Que é já tempo, o leito brando:
Venham teus olhos raiando
Qual da Aurora vem a estrela;
Faça o rosto teu formoso
Este dia mais ditoso.

Vem, Aglaia, vem contente,
Com teu rosto peregrino
Alegrar o triste Elpino,
Que te aguarda impaciente;
Que este dia na áurea lira
A fazer eterno aspira.

V

Já no Oriente
D'alva a Estrela
Risonha e bela,
De alegres luzes
C'roadada a frente,
Na áurea carroça
Vem desfazendo
A sombra grossa,
Que a feia noite
Triste espalhou.

Do alvo regaço,
Entre esplendores,
Fragrantes flores
Lança em chuveiros
O ebúrneo braço:
E os passarinhos
Com doces cantos
Pelos raminhos
Estão saudando
Seu resplendor.

Neste almo dia
Aglaiia bela,
Que avara estrela
Desta ribeira
Há tanto havia
Cruel roubado;
C'os olhos belos
O verde prado,
Floridos montes
Torna a alegrar.

Colhei, Amores,
Mirtos e rosas
Colhei, formosas
Ninfas do Tejo,
Conchas e flores:
Ricas capelas
Ledas tecendo,
Vinde com elas
As tranças de ouro,
Vinde, enastrar.

Eu que vos chamo
Serei o guia:
Assim dizia

Amor voando
De ramo em ramo.
Então ao prado
Veloz descendo,
Um delicado
De lindas flores
Ramo teceu.

E a mim voltando,
Me diz: Elpino,
Feliz destino
E hoje o teu:
Parte voando,
A Ninfa bela
Leva este ramo:
Dize, que a ela
Por ti lho envia
O mesmo Amor.

VI

Já vem a primavera
Os prados matizando,
De verde murta e de hera
As selvas coroando;
E as aves entre as flores
Renovam docemente os seus amores.

Vénus em companhia
De mil Ninfas formosas,
Pela selva sombria⁵¹
Colhe lírios e rosas,
Com que os longos cabelos
Destramente enastrando faz mais belos.

Os Risos, a Alegria,
Os Brincos a acompanham,
E sobre a fonte fria
Voando as asas banham;
Que logo sacudindo,
De branco orvalho a Deusa vão cobrindo.

Um deles ao parceiro
Dentro nas águas lança,
Que voando ligeiro
Dele a tomar vingança,
Este de astúcia cheio,
Da branca Deusa foge ao branco seio.

Mil em torno adejando
Das Ninfas peregrinas,
Sobre elas vão lançando
Em chuvas as boninas,
E as faces um lhe toca,
E o mais descomedido a linda boca.

Amor alegre voa
Em repetidos giros;
Ferido o vento soa
Dos amorosos tiros;
Ardem em vivas fráguas
O bosque, o ar, as flores, Ninfas, águas.

Zéfiro suspirando

⁵¹ Variante:
Citereia cercada
De mil Ninfas formosas,
Pela selva intrincada

A linda Clóris chama,
Que travessa ocultando
Se vai por entre a rama,
Mas ao vê-lo impaciente
Entre seus braços corre velozmente.

Os Faunos namorados
As Mélias vão seguindo,
Que contra seus agrados
Brandas iras fingindo,
Se metem de ardilosas
Da selva pelas matas mais frondosas.

A doce liberdade
Do campo afasta ufana
A triste seriedade,
Dos prazeres tirana;
Que leva em companhia
A pesada e cruel melancolia.

O campo, pois, ó Cloe,
Solícitos busquemos,
Antes que o tempo voe,
Do tempo nos gozemos:
Que uma parte da vida
Aos brincos, e aos amores é devida.

Dos álamos frondosos
A sombra reclinados,
Façamos venturosos
Nossos doces cuidados;
Antes que a idade breve
Nos roube os gostos, e o prazer nos leve.

VII

Ó Lira das Graças amiga,
De Baco, de Vénus aluna,
Que zombas do tempo e fortuna,
Da ambição e do fausto inimiga,
Que em feliz ócio inocente
Pobre vives, mas contente.

As douradas cordas afina,
Cantemos de Aglauro a beleza,
Aglauro, em quem a Natureza
Ajuntou suave e benina
Graça, alinho e formosura
Aos encantos da doçura.

Em seus negros olhos formaram
Amores travessos morada,
E por sua a boca engraçada
Os Risos, as Graças buscaram:
De Abril nas faces formosas
Lhe florescem vivas rosas.

Seu cabelo do ébano excede
A fechada cor tão lustrosa:
Nele faz Amor que gostosa
Uma alma se prenda e se enrede;
Que ali presa e cativa,
Da prisão vaidosa viva.

A neve dos Alpes gelados
O colo lhe forma e garganta,
E os peitos, que têm graça tanta,
São da mesma neve formados.
Olhos que vê-los merecem,
De mais ver ali se esquecem.

De alabastro ou marfim brunido
Torneou Natura seus braços
Para serem gostosos laços
De um mortal de Amor escolhido,
Oxalá que ele quisera
Que esta sorte me coubera!

Se seguindo acorde instrumento,
Solta a voz suave e sonora,
Como sereia encantadora
As almas prende, prende o vento,
Circe tão activo encanto

Nunca teve qual seu canto.

Cantemos, pois, cândida lira,
A sua imortal formosura,
E da maga voz a doçura
Cantemos, pois, cândida lira:
Rasgue eterno em teus acentos
O seu nome os leves ventos.

NOTA

Esta Ode é quase toda composta de versos eneassílabos. Deles há quatro diferentes espécies. A primeira tem os acentos na terceira, quinta e oitava sílaba. Tais são os seguintes versos de Cino de Pistoia:

Che s'accorse, ch'era partita,
Chi mi porse quella ferita.

E tais são os desta Ode:

Seu cabelo do ébano excede
A fechada cor tão lustrosa.

A segunda espécie leva os acentos na terceira, sexta e oitava. Tais são os seguintes de Redi:

Quel rubino ch'e il mio tesoro.
De la terra tapeti vivi.

E tais os desta Ode:

De alabastro, ou marfim brunido,

Para serem gostosos laços.
A terceira leva os acentos na quarta e oitava. Tais são os de Chiabrera:

A duro stral di ria ventura
Misero me: son posto segno.

Tais os desta Ode:

Aglauro, em quem a Natureza,
Como sereia encantadora,
As almas prende, prende o vento,

A quarta e última espécie leva os acentos na segunda, quinta e oitava. Tal é o seguinte de Loretto Mattei:

Di pene, di tremulo gelo.

E tais são os da presente Ode:

Ó Lira, das Graças amiga.
De Baco e de Vénus aluna.

Este verso eneassílabo faz boa união com o de oito sílabas, que são os últimos de cada Estrofe, com a medição certa de levarem o acento na terceira e Sétima.

VIII

Pois que o raivoso
Celeste cão,
Como um leão,
Por fauces, olhos
Chamas vibrando,
Vem abrasando
A terra e céu:

Vem a meus braços,
Licóris bela,
E a fera estrela
Deixa que ladre
Em raiva acesa;
Pois que a defesa
Já pronta está.

Essa nevada,
Grão sorveteira
Abre ligeira
Abre contente;
Que dentro nela,
Ó Ninfa bela,
Tu a verás.

De roxas ginjas
A doce calda,
Do Sol que escalda
Ela defende.
A fria neve,
Que a cerca, em breve
Toda gelou.

Esta bebida
Suave e pura,
Que na doçura
Excede o néctar;
Que da ametista
Ofrece à vista
A grata cor;

Só domar pode
Os seus furores
Bebe, Licóris,
Bebe, e com ela
Gostosa enfria
Do ardente dia
O vivo ardor.

Que eu de teu seio
Nos delicados
Pomos nevados
Apagarei
A viva chama,
Em que me inflama
Por ti Amor.

IX

Já a neve a calva fronte
Desampara
Do alto monte,
E a ribeira corre clara,
Que pouco antes enlodada,
Espumosa,
Furiosa
Fervia,
Corria
Pelo campo arrebatada.

Já a Aurora no Oriente
Raia pura
E refulgente⁵²
Sem que grossa nuvem escura
Entre sombras pavorosas
A luz clara
Cubra avara;
E as aves
Suaves
A festejam harmoniosas.

Já cantando, ao pasto usado
Os pastores
O seu gado
Vão levando, que entre as flores
Ora pasce, ora se espalha Pela selva,
E na relva
Saltando,
Brincando,
As boninas enxovalha.

De fragrantas flores finas
A verdura
Das campinas
Se matiza, e na espessura
Altas árvores, que os ventos
Desfolharam,
Estroncaram,
Brotando,
Lançando
Ramos, folhas vão aos centos.

Torna Abril; e a terra toda
De alegria

⁵² *O poeta quis talvez elidir o E por acabar o verso antecedente em vogal.* (Nota do 1º Editor).

Se enche em roda.
Só eu fico em agonia,
Pois sem ver, gentil Neera,
Teu semblante,
Porque amante
Suspiro,
Delírio,
Nasce em vão a primavera.

X

Que não sou o vento brando!
Que o cabelo
De Licóris encrespando,
Brandamente o rosto belo,
Alvo colo, e as mãos lhe toca,
E o coral da linda boca!

Que não sou a fresca rama!
Que zelosa,
Quando o sol a terra inflama,
Com a sombra deleitosa
Que na verde grama estende,
De seus raios a defende!

Que não sou a flor graciosa!
Que ela colhe
Na manhã fresca e saudosa
Pelos prados, e a recolhe
Em o seio cristalino,
Onde brinca o Deus menino!

Que não sou a verde relva!
Que ela pisa,
Quando airosa pela selva
Segue as feras, e matiza
De seu sangue as várias flores,
Rodeada dos Amores!

Ou o rio cristalino,
Onde banha
O seu rosto peregrino,
Quando desce da montanha,
No calor da sesta ardente,
A buscar sua corrente!

Feliz rama, aura serena,
Flor graciosa,
Verde relva, fonte amena!
Vós a luz pura e formosa
De seu rosto ficais vendo,
E eu me vou de amor morrendo.

Quando a virdes, por piedade
De meus males,
Lhe contai minha saudade:
Sim, dissei-lhe vós, oh vales,
Que a morrer leva o destino

Deste campo o seu Elpino.

XI

Já pelo verde monte
De cachos coroados
Levanta a turva fronte
O Outono desejado;
E abranda docemente
O calor da terra ardente.⁵³

As vinhas resplandecem
Das uvas matizadas,
Que aos olhos of⁷recem
Mil cores engraçadas;
E os tímidos cultores
A Baco dão louvores.

Um do tecto afumado
Os cestos despendura,
Outro o ferro embotado
Afia à pedra dura;
Outro os tonéis limpando,
Em roda os vai raspando.

Entre as vinhas contente
Os cachos decepando,
Ferve a rústica gente:
E em chusmas descantando,
Faz c'o som harmonioso
O trabalho gostoso.

Seguindo o lento guia,
Das tinas carregado
C'o peso o carro chia
Dos tardos bois puxado,
Deixando nas estradas
As rodas sinaladas.

Nos cheirosos lagares
Da Celeuma⁵⁴ o alarido
Se espalha pelos ares,
Do Eco repetido;
Enchendo de alegria
A rude companhia.

Ali a agreste gente,

⁵³ *Vej. a nota à Ode IX.* (Nota do 1.º Editor).

⁵⁴ Ainda que esta voz se costuma aplicar à grita, que os Marinheiros fazem, excitando-se mutuamente com ela ao trabalho, a sua original significação é exprimir a grita alegre dos Vindimadores. Isaías cap. 16 v. 10. Jeremias cap. 48. v. 33.

Os vasos coroando,
Ao ar pula contente,
Os Faunos imitando
Ali dança Licores,
Qual a Mãe dos Amores.

Na cava e cheia pia
As uvas vai ligeiro,
Banhado de alegria,
Pisando o lagareiro
E ao bater da ágil planta,
De Baco as glórias canta.

Aqui sorvendo a espuma,
Que fermentando entorna
O licor que já fuma,
Na grande e cheia doma
Tinge um de negro mosto
O seco adusto rosto:

Ali outro da mão
Pichel faz; e contente
Num velho canjirão
Bebe outro o sumo quente;
Outro correndo em torno
A boca aplica ao torno.

Os jogos inocentes
No vinho remolhando
As asas esplendentes,
Aqui andam voando;
A quem seguem ligeiros
Os Risos prazenteiros.

Aqui, Tirse, te chega:
Tristes e vãos cuidados
Aos ventos os entrega;
Aos ventos denodados,
Que os levarão num ponto
Além do negro Ponto.

Aqui c'roando a frente,
Teu brando plectro fira
Do terno Anacreonte
A delicada lira:
Aqui Amor cantemos,
Aqui Baco exaltemos.

XII

Vês, Lísio amado,
Como branqueja
Co' a neve o prado!
Vês como alveja
Do calvo monte
A crespa frente!

Como soprando
O Noto frio
Vai congelando
O claro rio,
E na floresta
As plantas cresta!

Em vão forrado
De martas finas,
Seu bafo irado
Vencer destinas:
Que o sopro agudo
Penetra tudo.

De Baco ardente
A ígnea lança
O Inverno algente
E quem amansa,
Quem lhe faz guerra,
Quem o aterra.

Tristes cuidados
Da vida algozes,
Aos denodados
Ventos ferozes,
Meu Lísio, entrega;
E aqui te chega.

À branda chama,
Que em secos troncos
Arde e se inflama,
Do Noto os roncões
Escutaremos,
E beberemos.

Vinhos e cidra
Prontos estão;
Do Inverno a hidra
Estroncarão:
Quais tu quiseres,

Quais escolheres.

Voam os anos,
E o tempo leve
Cobre de danos
A vida breve,
Que por fim sega
A morte cega.

Passa o prudente,
Que a razão preza,
Vida contente;
Pois com tristeza
Atormentá-la,
E encurtá-la.

Ou da riqueza
No mole seio,
Ou da pobreza
No grémio feio,
E da desgraça,
Ela enfim passa.

E igual a Parca
De um pobre a vida,
E a de um Monarca
Corta insofrida:
E ao Rei e ao pobre
A terra cobre.

XIII⁵⁵

A minha Lira,
Que noutro tempo
Heróis cantou,
Subitamente,
Aglauro bela,
O som mudou.

De invicto peito
Cantar pretendo
Raro valor:
E a lira terna,
Da mão ferida,
Só canta Amor.

Mudo-lhe as cordas,
Os pontos mudo,
Mas é pior.
Pois ao tocá-la,
Tenaz repete
Amor, amor.

De Marte os louros,
Com que algum dia
Tanto se honrou,
Por tenros mirins
De Cítéria
Hoje trocou.

Desta mudança
Em ti a causa
Devo supor:
Deixemos pois
Da brava guerra
O fero horror:
E só cantemos
As brandas iras
Do brando Amor.

⁵⁵ Esta Ode é uma excelente imitação da de Anacreonte εἰς λύπην. Começa θέλω λέγειν Ἀτρείδας. (Nota do 1º Editor).

XIV

Pelo campo um dia
Livre de receio
Aglauro tecia,
Para ornar o seio,
Um ramo engraçado
Das várias boninas,
Que juncam o Prado.

Amor, que entre as flores
Brincando voava
Com os mais Amores,
E pronto espiava
Da Nífa o intento,
Uma trama lhe urde
Subtil, fraudulento.

Por entre as boninas
Se mete atrevido:
Então escondido
Entre as flores finas,⁵⁶
Por pôr-se em seu peito,
Astuto se torna
Num amor perfeito.

Ela, que o engano
Não teme, não sente,
No ramo o tirano
Predeu inocente.
E no peito posto
Amor em beijá-lo
Se ceva a seu gosto.

⁵⁶ Seria preciso trocar estes dois versos, 3º e 4º para a uniformidade da rima, à qual o Autor não atendeu em outros lugares, como a pág. 161, 165, 167 etc.; no que (ou isto seja negligência ou liberdade Poética) teve ele por si alguns dos nossos bons Poetas antigos. (Nota do 1º Editor).

XV

Outro cante embora ufano
O destroço ou as vitórias
Do fanático Otomano:
Que eu à vista deste frasco,
Deste são, puro elixir,
Nada curo do Vizir.

Ou as Águias generosas,
Ou as Caudas de cavalo
Sejam, ou não vitoriosas,
Isso a mim nada me toca.
Só me toca essa ambrosia,
Viva fonte de alegria.

Doce vinho, que no Porto
Doces uvas espremeram.
Doce vinho, em quem conforto
De prazeres e de graças
Um tesouro achar espero,
De ti só cantar eu quero.

Se feroz do pólo algente
Noto sai alinevoso,
E nos corta cruelmente
Mãos e faces engelhadas,
Tu és só quem na tormenta
Lhe resiste, e nos aqueita.

Se da Noite tenebrosa
A Tristeza aflita filha
Nos ataca, e furiosa
Nos abate e atribula,
Tu com tua valentia,
Tu nos tornas a alegria.

Cante pois outro severo
Em tom alto e majestoso
O furor de Marte fero;
Que eu ao som de Aquiva lira
Cantarei suavemente
Teu valor ignipotente.

XVI

Amor, que fugia
De Vénus formosa,
Que irada e raivosa
Veloz o seguia,
Contra seu furor
Assustado buscava favor.

Até que encontrando
Com Aglauro bela
Amor, corre a ela
Alento tomando.
Em seus olhos quis,
Mas em vão, esconder-se o infeliz.

Que a Ninfa, que esquiva
O seu cruel fogo,
De bronze a seu rogo,
Deste asilo o priva:
Os olhos fechou,
E o triste sem protecção deixou.

Amor consternado
Em tanta aflição
Em meu coração
Se mete apressado:
Mas mal nele entrou,
Um voraz fogo ali ateou.

Em seu vivo ardor
Me sinto abrasar
Sem remédio achar:
Se Aglauro de Amor
Não tem compaixão,
Que esperar deve o meu coração?

XVII

Uma pomba, mais que a neve
Branca e bela, rodeava
A áurea lira, que eu tocava;
E cruzando solta e leve
Uma e outra vez o vento,
Co biquinho do instrumento
Mansa as cordas me feria
Com suavíssima harmonia.⁵⁷

Eu ao vê-la tão mansinha
De uma vez a mão estendo,
E ao fugir veloz a prendo:
Da gentil branca pombinha
Ter caçado satisfeito,
Dentro a meto no meu peito:
Mas, ai triste! de repente
Se tornou numa serpente.

A farpada cauda então
Me ferrou no esquerdo lado,
E dali tem derramado
Seu veneno ao coração.
Era, Aglauro, Amor tirano
Que tramou tão feio engano,
Para que eu ardesse vivo;
Porém tu foste o motivo.

⁵⁷ Variante:

Uma pomba, mais que a neve
Branca e bela, me saltava
Sobre a lira que tocava.
Ia e vinha solta e leve,
Sem temor rasgando o vento;
E c'o bico do instrumento
Meiga as cordas me feria
Com suavíssima harmonia.

XVIII

Essa linda borboleta
De cem cores esmaltada.
Que em mil giros inquieta
Destas rosas namorada,
Ora as cerca, ora bafeja,
Ora as pica, morde, ou beija.

É um vivo emblema claro
Do que sinto, amado emprego:
Sim, ó Clóri, eu to declaro;
Borboleta sem sossego
E meu terno coração;
Os teus lábios rosas são.

XIX

Amor, que ouvir desejava
Das Musas a melodia,
Ao Pindo subir queria;
Mas de subir receava:
Pois ao vê-las tão esquivas,
As temia vingativas.

Longo tempo vacilou
Entre o desejo, e o receio:
Enfim de seu valor cheio
Oculto ao monte voou,
Mas rapaz travesso, esperto,
Como estaria encoberto?

Qual relâmpago brilhou
Por entre a rama virente
De seu facho a luz ardente,
E o monte todo assustou:
As Musas se alvorotaram,
E para o punir se armaram.

Toda a floresta intrincada
Com subtil rede cingiram,
E ardilosas a cobriram
Com a rama levantada.
Amor, que não tem cautela,
De improviso caiu nela.

À rede as Musas correram,
E as tenras mãos delicadas
Com cadeias lhe prenderam
De níveos jasmims formadas:
Rente as asas lhe cortaram,
Arco e setas lhe quebraram.

Depois de assim espancado,
Sem ouvir suas razões,
O deixam com mil baldões
Dum rosal ao tronco atado;
Suspirar, bradar ao Céu,
De nada ao Amor valeu.

As liras então velozes
Tomando cheias de glória,
A cantar sua vitória
Se dispõem em altas vozes:
Mas em vão, que a seus acentos

Não convêm os instrumentos.

Uma e outra vez concertam
As líras de ouro esmaltadas;
Mas co'as notas levantadas
Por esta vez não acertam:
Com as notas, de que usavam
Quando só Heróis cantavam.

Em vez dos sons majestosos,
Que de glória o peito inflamam,
Uma e outra vez derramam
Uns acentos maviosos,
Que provocam a ternura
Do monte a penha mais dura.

Um brando ardor de repente
Se espalhou pela montanha:
Um fervor, uma ânsia estranha
Em toda a parte se sente;
Um confuso sentimento,
Que é prazer, e que é tormento.

De tão raras maravilhas
Atónitas, admiradas,
Por algum tempo assustadas
Ficam da Memória as filhas,
A que até ali notória
Só fora a paixão da glória.

Mas que era Amor o motivo
Destes prodígios no Pindo
Pouco depois reflectindo,
Soltar vão o moço esquivo:
Do monte mandam que deça,
Que ali mais não apareça.

Mas Amor, que nesta empresa
Perdera ditosamente
Com as penas juntamente
A inconstância e a leveza;
E preso das Musas belas,
Só feliz se crê com elas:

Lança-se a seus pés ligeiro,
E com rogos e ternura
Lhe pede, protesta e jura
Ser seu fiel companheiro;
De as seguir sempre contente
A sua voz obediente.

Daqui vem que em toda a parte
Amor co'as Musas se mira;
Que ele em seus cantos inspira
Novas graças e nova arte:
Que em vão quer sua harmonia
Sem Amor a Hipocrisia.

XX

De meu triste cuidado
Na triste companhia
Passeava o outro dia
Por um ameno prado;
Quando a meus pensamentos
Interrompem o fio
Uns lânguidos lamentos,
Que de um bosque sombrio
Tão sentidos saíram,
Que a alma me feriram.

De compaixão tocado,
Ao mato espesso corro,
Por ver se algum socorro
Dar posso ao lastimado.
E pouco andado havia,
Quando vejo um menino,
Que junto à margem fria
De um rio cristalino,
As águas lhe aumentava
C'o pranto que exalava.

Dele pego piedoso.
E o levanto ao meu colo:
Nele o beijo, e o consolo,
E seu rosto mimoso
Ao rosto meu ajunto:
Quem é, e o que fazia
Tão cheio de agonia,
E tão só, lhe pergunto,
Naquelas brenhas feras,
Covil de brutas feras.

Amor sou, respondeu,
Amor, a quem desterra
A tão distante terra
O cruel Destino seu.
O meu génio imprudente,
Ligeiro e revoltoso
Entre esta inculta gente
Me conduziu vaidoso.
Triunfar dela esperava:
Mas quanto me enganava!

Entre os homens procuro,
Apenas aqui chego,
Protecção ou emprego.

Em vão de os servir juro
Em tudo obediente,
Que em nenhum acho abrigo.
De meu braço potente
A força então lhe digo,
Que a Amor tudo obedece;
Mas nenhum me conhece.

Enfim desenganado
De achar neles socorro,
Entre as mulheres corro
Por achar gasalhado;
Pois por experiência
Achei que a Natureza
De ternura e demência
Dotou sempre a beleza.
Mas nesta estranha terra,
Quem assim pensar, erra.

Elas que assim me viam
Tão nu e tão despido,
Que excelente vestido!
Por mofa me diziam.
Da aparência, que encobre
A muitos, enganadas
Julgavam-me por pobre,
E contra o pobre iradas,
Fora pobre, clamavam,
E as portas me fechavam.

Vendo-me sem piedade
De todos espancado,
Corrido e envergonhado
Fujo a cruel cidade.
Minha triste ventura
Choro aqui escondido;
De minha vã loucura,
Mas tarde, arrependido:
Eis porque tão sozinho
Me vês, e me amesquinho.

De tanto desamparo
Eu então condoído,
Lhe ofereço enternecido
Em meu albergue amparo.
Amor o aceita grato:
E eu pela mão o trago.
E movido do afago,
Dos mimos com que o trato,
Me jura, ó Lília impia,

Punir tua tirania.

XXI

Dá-me, Aglauro, essa poncheira
De ouro e flores esmaltada,
Que na China celebrada
Destra mão pintou ligeira.
Dá-me o frasco refulgente,
Onde, qual topázio, brilha
Do Brasil pura água ardente,
De áureas canas áurea filha.

Não te esqueça o refinado,
Tenro açúcar, mais selecto
Que o mel de Hibla, que o de Himeto,
Dos Poetas tão gabado:
Nem também a fruta bela,
Agra sim, mas doce e grata,
Que de tímida donzela
Os gentis peitos retrata.

Traze água, e quente seja:
E se o Inverno desabrido,
De cruéis tufões seguido,
Solto ronca, e se esbraveja,
O bom ponche aqui façamos;
O bom ponche, que despreza,
Quando Noto estala os ramos,
De seus bafos a crueza.

Em brilhantes, limpas taças
Aqui ambos o bebamos,
E do Inverno escarneçamos
O furor e as ameaças.
Coroados de hera e flores,
Tu de Amor doces empresas;
E eu, de Baco entre os furores,
Cantarei suas proezas.

XXII

Já do sol o raio ardente,
As campinas abrasando,
As boninas vai crestando,
E as ervinhas juntamente,
De que Flora matizados
Tinha os montes, tinha os prados.

As ribeiras, que engrossadas
Pelas chuvas cristalinas
Alagavam as campinas,
A seus leitos já tornadas,
O furor, com que correram,
Com as águas já perderam.

E os curvados segadores,
Em suor todos banhados,
Vão cortando os trigos grados,
Que esmaltados de mil flores
Pouco havia verdejavam,
E prazer aos olhos davam.

Lília minha, Lília bela,
De meus olhos doce encanto,
Enquanto arde o sol, e enquanto
Do celeste Cão a estrela,
Deste bosque à sombra fria
Passaremos ledos o dia.

Eu de murtas mil capelas
Tecerei, e tu de louro:
Eu as ricas tranças de ouro
Te ornarei, Lília, com elas,
Me ornarás, meu bem, a frente.

Eu tocando a ebúrnea lira,
Tu soltando a voz sonora,
Quando raia a roxa Aurora,
Quando o dia se retira,
Nosso amor celebraremos,
Nosso amor feliz faremos.

Destramente entrelaçados
O meu nome e o nome teu,
Creecerão ao alto Céu
Em seus olmos entalhados:
Crescerão nossos amores
Doce exemplo aos amadores.

XXIII

Áurea lira, lira amada,
Deixa em paz altos loureiros,
Com que a fama dos Guerreiros
Já c'roaste desvelada:
Tenros mirtos pede agora
Ao suave Anacreonte,
Com que ornar possas a fronte
De Neera encantadora.

Se em brilhante companhia
Ela luz, ela aparece,
Qual o sol quando amanhece,
Enche tudo de alegria:
As mais Ninfas, bem que belas,
Fazem campo aos seus primores,
Como à rosa as outras flores,
Como à lua as mais estrelas.

Se ela os passos com destreza
Move ao som do áureo instrumento,
Sobre as asas pára o vento
Só por ver-lhe a ligeireza.
Se em acentos mil suaves
Solta a voz ao doce canto,
Emudecem com espanto
Por ouvi-la as ternas aves.

Tem na boca, quando fala,
Tal doçura, tal agrado,
Que o mel de Hibla tão prezado
De suave a não iguala:
As três Graças, quando a viram,
Por morada a procuraram,
E depois que ali entraram,
Nunca mais dali saíram.

Fale, enfim, ou baile, ou cante,
Qual a Deusa de Citera,
Dos que a vêem nos peitos gera
Mil amores num instante.
Eia, pois, oh lira de ouro,
Tenros mirtos procuremos,
E com eles lhe enastremos
O cabelo ondado e louro.

XXIV

Já que o Inverno
Do sol que nace
A roxa face
Cobre veloz,
E envolto em nuvens
Aquilão rívido
Do pólo frígido
Ruge feroz:
Bebamos, Mísis,
Desta ametista,
Que é grata à vista
E ao paladar.

Deixa que mofe
O vulgo estólido,
Que alívio sólido⁵⁸
Nela hás-de achar.
Depois que em frascos
Foi encerrado⁵⁹
Já tem passado
Vindimas dez.
Contra os furores
Dos ventos túmidos,
Dos ares húmidos
E forte arnês.

Do Luso Baco
Potente lança
Por terra lança
O triste humor.
Ao varão sério
Jocoso e lépido,
Ao fraco intrépido
Faz seu furor.

No Lavradio
Foi espremido,
Vinho é subido
Dos vinhos flor.
Ele restaura
Forças inválidas,

⁵⁸ Variante:

Censor estólido
Que um prazer sólido

⁵⁹ Variante:

Dês que em cristais
Está lacrado

E às faces pálidas
Dá viva cor.

Se em viva guerra
Amor cansado
Jaz desmaiado,
Sem força já:
Para a peleja,
Ele magnânimo
Esprito e ânimo
Pronto lhe dá.

Nele montado
Gentil Poeta
Do Pindo à meta
Pode voar:
Que um vinho puro
Mais que o flamígero
Pegaso alígero
Sabe trotar.

Eia, bebamos,
Mísis galante,
De tão brilhante
Almo elixir:
E verás logo
O Inverno hispido,
Que ronca ríspido,
Veloz fugir.

Inda encerrado
Lá nas redomas,
Olha que aromas
Lançando está.
No cheiro, Mísis,
Vence as riquíssimas
Drogas finíssimas
De Ásia e Sabá.

Ah! bebe, e o dia
Triste e turbado,
Almo e rosado
Verás tornar.
Verás Amor
E as Graças floridas
Das copas rondas
Junto adejar.⁶⁰

⁶⁰ Variante:
Amor em torno
Das copas rondas

Elas dos voos
Cheias de gosto,
Ninfa, em teu rosto
Repousarão.
E o Deus tirano
De setas grávido,
Buscará ávido
Meu coração.

E as Graças floridas
Verás voar.

XXV

De suor todo banhado,
Anelante, espavorido,
De Amatunta entra Cupido
No alcáçar venerado:
E a formosa mãe ao vê-lo,
Corre aflita a recebê-lo.

Em seu colo o toma ansiosa,
Nele o abraça ternamente;
E de algum grave acidente,
Lhe pergunta, receosa:
«Meu Amor, meu filho amado,
«De que vens tão assustado?»

«A uma pomba, que cortava
«(Amor diz) ligeira o ar,
«Para, Vénus, te ofertar,
«Lá no bosque a rede armava:
«Quando a mim da mata espessa
«Cerval lobo se arremessa.

«De temor então cortado,
«Largo a rede sobre a relva;
«E por entre a basta selva
«A fugir entro apressado:
«Mas a fera carniceira
«Após mim corre ligeira.

«Tão feroz e com tal ânsia
«A cruel me perseguia,
«Que sem forças já me via:
«E a não ser breve a distância,
«Sem valer-me a ligeireza,
«De seus dentes fora presa.»

«Porque as setas não vibraste,
«Filho meu, para rendê-la?»
«Não as tinha, Vénus bela.»
«Pois, ai triste! onde as deixaste?»
«Da gentil Marília, ao vê-los,
«As deixei nos olhos belos».

XXVI

Em seus cabelos
Negras violas
Tem o meu bem;
Nas mãos pequenas
Tem açucenas,
E lírios cem:
Flores tão lindas
Abril não tem.

Em sua boca
Vermelhos cravos
Abrir se vêm:
Purpúreas rosas
Tem nas formosas
Faces também.⁶¹
Flores tão lindas
Abril não tem.

No níveo seio
Oh que de flores
Brotando vêm!
Branco jasmins,
Mil mogarins,
Lírios também:
Tão lindas flores
Abril não tem.

Flores tão frescas
Oh quem colhera!
Oh Céus! oh quem!
Mas mil Amores
Tão frescas flores
Em guarda têm.⁶²
Quem as colhera!
Oh Céus! Oh quem!

⁶¹ Variante:

Entre os jasmins
Os mogarim
Brotam também.

⁶² Variante:

Tão lindas flores
Vigiam bem.

XXVII

Aglaia bela,
Único objecto
Da minha lira,
Do meu affecto;
Eu não cobiço
Metais brilhantes,
Pérolas netas,
Rubins, diamantes
Filhos do sol.

Só ver teu rosto:
E quando o vejo,
Se ceva em vê-lo
O meu desejo.
Se vê-lo brando
A Amor mereço,
Que o rico Midas,
Que Atalo ou Crespo
Mais feliz sou.

Em teu cabelo
Ondado e louro
Cintilar vejo
Mil fios de ouro.
Vejo em teus olhos
Vivos, brilhantes,
Quando os contemplo,
Dos diamantes
A luz brilhar.

Pérolas alvas
Vejo nos dentes,
Rubins nos lábios
Resplandecentes.
Tanta riqueza
Ah! quando a vejo,
De vê-la pago,
Mais não desejo
Que a possuir.

Põe-me onde a neve
O mar enfreia,
Põe-me onde ferve
C'o sol a areia.
Esta alma minha
Em toda a parte,
Aglaia bela,

Há-de adorar-te
Sempre fiel.

Se qual prometes
Constante me amas,
Verei contente
O gelo e as chamas.
Ali pulsando
Meu plectro terno,
De Aglaia o nome
No mundo eterno
Ledo farei.⁶³

⁶³ O verso 7 da primeira Estrofe, e o da terceira faltavam no original, e se supriram para não ficar a simetria das Estrofes errada. (Nota do 1º Editor).

XXVIII

Borboleta que inocente,
As subtis asas soltando,
Em mil giros vais cercando
Dessa vela a luz ardente,
Que a procuras enganada
De seus raios namorada:

De teus voos a carreira
Ah! suspende! dessa sorte
A buscar a própria morte
Oh! não voes tão ligeira!
Que essa luz, que te namora,
Consumir-te há-de traidora.

O teu fim, tua desgraça
Evitar quero e desejo:
Mas, ai louco, que não vejo
Que por mim o mesmo passa!
Que a buscar corro sem tino
Outro, ao teu igual, destino.

Pois de Aglauro, Aglauro bela
A minha alma namorada,
Bate as asas, e encantada
De mim foge, e corre a vê-la:
Sem olhar que a Ninfa ingrata
Só da minha morte trata.

Alma minha, que encantada
No brilhar dos olhos belos
Tão veloz corres a vê-los,
E me deixas enganada;
Alma minha, toma exemplo
Nesse insecto, que contemplo.

Cerra as asas, que atrevida
Dela em torno vais batendo,
Se nas luzes, que estás vendo,
Consumir não qués a vida:
Qual a simples borboleta
Em a luz que cerca inquieta.

XXIX

Eu vi a Baco,
Crede, ó vindouros!
Baco potente;
Que em vez de louros,
De verdes parras
Tinha a mitrada,
Galhuda fronte
Toda enramada.

Ao som da lira
Brincão cantava,
E de Silenos
O rodeava
Festiva tropa;
Que na harmonia
Toda embebida,
Suspensa ouvia.⁶⁴

Do vinho as graças
Em livre canto
Ele exaltava:
E a turba entanto
De quando em quando
As mãos batia,
E a cada pausa
Bravo! dizia.

Por largo espaço
Com seus acentos
Deteve OS rios,
Prendeu os ventos:
Até que pondo
Ao canto fim
Ledo e risonho
Me fala assim:

De Amor a quem
Tanto cantaste,
Ah! dize, Elpino,
O que tiraste?
Que tens de Marte
Também tirado,
Que em seus alunos

⁶⁴ Variante:
Que atenta ouvia
De seus acentos
A melodia.

Tens exalçado?

De Marte deixa
E de Amor a ira:
Toma ligeiro,
Toma esta lira,
Lira que a fúria
Dos leões quebranta,
Que amansa os tigres,
E a mim só canta.

Ah canta, Elpino!
Que ao benefício
Teu serei grato,
Farei propício,
Que as tuas vides
Sempre floream,
Que ótimos cachos
Sobre elas creçam.

Se eu não possuo
Campos, nem vinhas,
Como crer devo
Que vides minhas,
Então lhe torno,
Férteis floream,
E de almos cachos
Grávidas creçam?

Em breve, Elpino,
Ele replica,
De Alceste a mão,
Potente e rica
De largos campos
Far-te-á senhor:
Desta promessa
Sou fiador.

Então a lira
Tomando ousado,
A ti e a Baco,
Alceste amado,
Nesta esperança
Canto contente:
Em ti espero;
Que o Deus não mente.

XXX

A Lísio

Em meu albergue
Não há de prata
Copas que ornou
Destro buril:
Nem de Alemanha
Finos cristais,
Que esmaltou de ouro
Pincel subtil.

Não há do Reno
O branco sumo,
Que o voraz luxo
Embotelhou:
Nem o que avaro,
Lá de Constança
Nos limpos tanques,
Belga pisou.

Mas há o vinho,
Que em seus lagares
O Lavradio
Ledo espremeu.
Há sobretudo
Para servir-te,
Lísio, o sincero
Ânimo meu.

Por limpos copos
De vulgar vidro,
Que por vil preço
Colipo dá,
Bebê-lo podes:
Vem, caro Lísio,
Que ele chamando
Por ti está.

A Horácio lendo
E Anacreonte,
O beberemos
Em doce paz.
Vem, e com ele,
Lísio, e comigo
A bela Aglaia
O brindarás.

XXXI

Ricas baixelas
De altos florões
Todas lavradas;
Ou porcelanas
De ouro esmaltadas,
Eu não invejo:
Pouco me satisfaz, pouco desejo.

Modesta mesa,
Sem arte ornada
De sãos guisados,
Sem os estranhos
Vinhos, comprados
Por alto preço,
Somente rogo ao Céu, só apetço.

Se estes meus votos
Puros, humildes
Ele cumprira,
Do rico Alcipo
Com desdém vira
A lauta mesa,
Onde entre o luxo vão mora a tristeza.

Em torno dela
Contigo, Aglaia,
Em paz sentado,
De Carcavelos
O celebrado
Vinho gostara,
E aos teus olhos gentis ledo brindara.

Amor comigo,
Contigo as Graças
Os frugais pratos
Nos tornariam
Inda mais gratos,
Mais saborosos:
Os brindes alternáramos gostosos.

Então de Teos
Ao Vate a lira
Eu pediria,
As tuas graças
Descantaria:
Baco e os Amores
A tecer me ajudaram teus louvores.

Em paz serena
Alegres horas
Então passara:
A crua Morte
Não receara
Ver escondida
Entre o fausto de esplêndida comida.

XXXII

Casta rola, que rolando
Nesse freixo aos Céus subido,
O parceiro teu querido
Tristemente estás chamando,
O inocente teu parceiro,
Que empolgou Açor ligeiro.

Ah! comigo, casta rola,
Essa dor, que te maltrata,
A saudade, que te mata,
Por um pouco, sim, consola:
Pois os males alivia,
Ter nos males companhia.

O tirano injusto Fado
Contra nós igual conspira,
Contra nós igual em ira,
Seu furor se tem mostrado:
O parceiro a ti tirou,
E Nerina me roubou.

Do Destino desumano
Nesse ramo em vão te queixas,
E eu também formo em vão queixas
Do Destino meu tirano:⁶⁵
Ah! que à nossa infausta sorte
Só porá limite a morte.

Mas entanto tu comigo
A tirana dor modera;
Que eu também a pena fera
Consolar quero contigo:
Pois os males alivia
Ter nos males companhia.

⁶⁵ Variante:

Nesse tronco alto e frondoso
Do Destino em vão te queixas,
Eu também formo em vão queixas
Contra o Fado rigoroso.

XXXIII

Leves Auras, que voando
Entre as flores mansamente,
Sobre a límpida corrente
Deste arroio andais brincando:
Leves Auras, por piedade
Mitigai minha saudade.

Sussurrando lisonjeiras
Ide os olhos meus cerrando;
Um tranquilo sono brando
Me trazei, trazei ligeiras.
Leves Auras, por piedade
Mitigai minha saudade.

Pode ser que o gentil rosto
De Nerina em sonhos veja:
E se Amor faz que assim seda,
Qual será então meu gosto!⁶⁶
Leves Auras, por piedade
Mitigai minha saudade.

Então sua formosura,
Qual um tempo já soía,
Em prazer, em alegria
Tornará minha amargura.
Leves Auras, por piedade
Mitigai minha saudade.

Seu suave rosto lindo
Nesta ausência ver desejo:
Fartai, Auras, meu desejo,
Seja embora, ou não, dormindo.
Leves Auras, por piedade
Mitigai minha saudade.

Auras leves, se beninas
Anuís ao que vos peço,
Vosso altar a ornar me ofreço
De fragrantas flores finas.
Leves Auras, por piedade
Mitigai minha saudade.

⁶⁶ *O Poeta escreveu por equivocação: Qual será minha alegria. (Nota do 1º Editor).*

XXXIV

De mil Ninfas na inocente
E lustrosa companhia
Passeava o outro dia
Num vergel fresco e virente,
Onde a arte e a natureza
Competiam na beleza.

Entre as várias lindas flores
Que viçosas abrolhavam,
E a verdura marchetavam
Com as finas vivas cores,
Um rosal crescendo vinha,
Que mil rosas em si tinha.

Um botão entre elas vejo,
Que na graça os mais vencia:
De o colher a fantasia
Me excitou logo o desejo.
Para pô-lo no meu peito
Vou cortá-lo satisfeito.

Mas apenas lhe bulia,
De seu seio mole e brando
Tenro vulto sai voando,
Leve abelha parecia.
E era Amor, que ali pousava,
E em seu cálix repousava.

Das gentis Ninfas voando
Pelo meio foi ligeiro;
Porém logo lisonjeiro
Torna entre elas revoando.
Mas ali, caso estupendo!
O tirano foi crescendo.⁶⁷

De Marília nos cabelos
Ora salta velozmente,
Ora voa mansamente
De Micale aos olhos belos:
De Nerina as faces toca,

⁶⁷ Variante:

Das gentis Ninfas ligeiro
Pelo meio foi fugindo;
Porém logo a elas rindo
Volve o voo lisonjeiro.
Mas então, caso estupendo!
Entre as mesmas foi crescendo.

E de Aglauro a linda boca.

De voar enfim cansado
As purpúreas asas fecha,
E cair de Egle se deixa
Em o seio delicado:
Onde embebe prestesmente
No arco ebúrneo a seta ardente.

E o farpão adamantino
A meu peito endireitando,
Foi comigo assim falando:
Vê agora, triste Elpino,
Que castigo sente enorme
Quem desperta Amor que dorme.

Disse: e a seta despedindo,
Me trespassa o coração.
Ai de mim! que desde então
Abrasar-me estou sentindo.
Crece o mal, e não tem cura;
Pois de mim Egle não cura.

XXXV

Suave Avezinha,
Que de Egle formosa
Arrojas ditosa
No pé o grilhão:
Também como tu
Eu sou seu cativo;
E como tu vivo
Na sua prisão.

Mas, oh, quão diferentes
Nos fez a ventura!
Egle te procura
Com extremos mil:
E a mim, que a procuro
Rendido e constante,
Esconde arrogante
Seu rosto gentil.

De teu terno canto
De longe chamada,
Vem leda apressada
A ouvir tua voz:
E deste meu peito
Aos ternos gemidos
Lhes ceifa os ouvidos,
E foge veloz.

No seio te afaga,
Te dá carinhosa
Mil beijos gostosa,
Mais doces que o mel:
E a mim, que a procuro,
Com baldões me trata:
Ofende e maltrata
Esta alma fiel.⁶⁸

Ela te agradece
O teu doce canto;
Mas eu de meu pranto
Não hei galardão.
Suave Avezinha,
Pois és tão ditosa,

⁶⁸ Variante:

E a mim sempre irado
Me mostra o semblante:
Despreza arrogante
Esta alma fiel.

Ah! canta gostosa
Na doce prisão.

XXXVI

Um tenro Cupido
Sem tino saltava,
Dos outros perdido,
Por cima das flores:
Qual salta inquieta
Leve borboleta,
Que esmaltam mil cores.

Nerina, que o via,
Da sua beleza
Prender se sentia;
E para prendê-lo
Corria teimosa.
Enfim numa rosa
Chegou a colhê-lo.⁶⁹

Menalcas, que a via,
E por experiência
Amor conhecia;
Ah Ninfa inocente!
Diz, larga essa fera,
Que o monte não gera
Mais crua serpente.

A Ninfa se ria
Do que o bom Menalcas
Prudente dizia:
Pois não receava
Que um lindo menino
Fosse tão malino
Como ele bradava.

Amor afagando,
Mil mimos lhe faz:
E no seio brando
O mete contente.
Mas, ai triste! logo
Toda em vivo fogo
Ardendo se sente.

⁶⁹ Variante:

Nerina encantada
Da sua beleza,
Correu apressada
No bosque a colhê-lo.
E instando teimosa,
Numa fresca rosa
Pode enfim prendê-lo.

Amor então quis
Do seio lançar
Nerina infeliz:
Porém foi em vão,
Que o monstro raivoso
Se aferra teimoso
No seu coração.

Desde este momento
Que a Ninfa arde viva
Em fogo violento.
Porém é bem feito;
Sofra tanto ardor
Quem o fero Amor
Meteu no seu peito.

XXXVII

Pintor destro e delicado
Em lugar de asp'ras batalhas,
De Guerreiro, que de malhas
Veste o corpo, e denodado
Sopesando a lança forte
Sangue espalha, horror e morte:

Em lugar do torvo Marte,
Que feroz tala a campanha,
E a carroça em sangue banha,
Sem que o seu furor se farte;
E de campos alastrados
De Cavalos e Soldados:

Tu me pinta, Baco, a fronte
Coroadada de áureos cachos,
E mil Sátiros borrachos,
Que saltando em verde monte,
Do bom vinho de Bucelas
Regam bofes e goelas.

Pinta as Évias desgrenhadas
Verdes tirsos volteando,
Que Evoé andam gritando
De furor arrebatadas:
Que em mil saltos e mudanças
Formam soltas livres danças.

Eu no quadro ver não quero
Vivamente debuxado
De Alexandre o braço armado,
O furor de Aquiles fero:
Mais que a Marte e seus rigores
De Tioneu amo os furores.

XXXVIII

Qual flor formosa
A quem falece
Do Céu o humor,
Que o colo inclina
E se emurchece
C'o grão calor:

Tal em Citera
Triste languia
O Deus de Amor.
E o mal crescendo
De dia em dia
Ia a pior.

Nos lindos olhos
Se lhe não via
Já cintilar
Aquele brio,
Com que soía
Um tempo olhar.

Do arco e das setas,
Com que travesso
Usa brincar,
Já não curava.
Tal era o excesso
De seu pesar.

Os doces Risos,
Terna Alegria
O deixam só.
Tão triste estava,
Que a quem o via
Causava dó.

Vénus os olhos
Tornados fontes
De paixão,
Médicas ervas
Nos altos montes
Buscava em vão.

Que do Menino
Nada alivia
A oculta dor.
Antes crescendo
De dia em dia

Ia a pior.

Então com votos
Mil fervorosos
Se volve aos Céus.
Mas não aceitam
Os Céus piedosos
Os votos seus.

Que com mais força
O mal se aumenta
Do terno Amor.
Então na mágoa,
Que a atormenta
Toda furor;

Em vão dos Fados
Seus maldizia,
E seu rigor:
Que o mal crescendo
De dia em dia
Ia a pior.

Até que ao Templo
Lá da Esperança
Amor levou:
E apenas entra,
Sem mais tardança
Amor sarou.

Logo a seu rosto
Tornou a viva
Brilhante cor:
Pois a esperança,
Ó Clóri esquiva,
Alenta Amor.

Como pois queres
Ver no meu peito
Amor crescer,
Se o teu em iras
Todo desfeito
O faz morrer?

Dá-me esperanças;
E verás logo
Crecer o ardor.
Porque sem elas
Se extingue o fogo,
Que ateia amor.

XXXIX

Imitando ou parafraseando a Ode de Anacreonte παρὰ τὴν σχιήν Βόθυλλε.

À sombra suave,
Que esta árvore lança,
Armia, te senta,
E um pouco descansa.

Como ela é formosa!
E o Zéfiro brando
Os ramos lhe move,
Entre eles brincando!

O rio, que cerca
Sua água derrama,
Com seu murmurinho,
Pastora, nos chama.

As tenras ervinhas,
Que em torno florecem,
Oh que mole assento
Cheirosas nos tecem!

Ah! que em tão ameno,
Tão fresco lugar
Amor nos convida
Repouso a tomar.

XL

A uma Rosa

A Rosa é das flores
A flor e Rainha:
Tu, Rosa, serás
Somente a flor minha.

De Rosas seu arco
Amor só adorna:
E Vénus com Rosas
Mais bela se torna.

De Rosas se touca
A cândida Aurora:
E as nuvens de Rosas
Com seus raios cora.

O Zéfiro brando
As Rosas festeja:
E entre elas lascivo
Voando as bafeja.

As Graças, as Musas
As Rosas só amam:
De Rosas as tranças,
E as roupas recamam.

De Rosas c'roado,
E a Cítara minha,
A ti cantarei,
Das flores Rainha.

A ti cantarei,
Ó bela flor minha:
Pois és das mais flores
A flor e Rainha.

XLI

Quem viu uma Ninfa bela
Que o coração me roubou,
E com ele de meus olhos
Não sei onde se ocultou?
Se os sinais querem saber,
Os sinais a dizer vou.

Sobre branca neve Alpina
Seu cabelo desce ondado,
Onde tece aos corações
Mil laços o Deus vendado.
Brandos laços em que Amor
Me tem para sempre atado.

São as negras sobranceiras
Arcos, donde fere Amor
Com mil frechas os que incautos
Contemplam o seu primor.
Ó formosas sobranceiras,
Arcos triunfais de Amor!

Traz em seus travessos olhos
Duas brilhantes estrelas.
Quem as vê, em vão procura
Ver no Céu outras tão belas.
Não são do sol mais brilhantes
As claras luzes, do que elas.

Unidos os brancos lírios
Com as encarnadas rosas
Docemente a vista encantam
Em suas faces formosas.
Ó lírios, quanto sois belos!
Oh quão frescas sois, ó rosas!

Os Risos, as gentis Graças
Lhe moram na linda boca:
Quando fala, oh quantos na alma
Ternos desejos provoca!
Ó mil vezes venturoso,
Se algum dos mortais a toca!

Se alguém a viu, por piedade
Diga-me em que lugar e onde;
Que a tirana por matar-me
Destes meus olhos se esconde:
E por mais e mais que a chamo,

Se me escuta, não responde.

ODES

Ajuntamos neste lugar as diversas Odes, que encontrámos nas três Colecções originais das Poesias de Dinis.

A Ode I vem na primeira e segunda Colecção; e naquela acha-se em dois diversos lugares: num deles está dividida em Estrofes ou Estâncias semelhantes; e noutra, está escrita em verso rimado, e dividida em Estrofes, Antístrofes e Epodos, pela forma por que se imprime no fim do presente Volume.

A Ode II vem também em ambas as ditas Colecções. O verso 4. da Estância 7 falta na primeira.

A III acha-se tão-somente na segunda Colecção, e não era escrita pela letra do Autor.

A IV acha-se só na primeira.

A V e VI vêm na Colecção primeira, e foram depois emendadas e reformadas num moderno Volume original de várias Poesias, que nos comunicou o Senhor Marechal de Campo Azedo, e donde tirámos para o presente Tomo, além destas duas Odes e das duas seguintes, o Epitalâmio e a Canção.

Da VII vêm na segunda Colecção as primeiras nove Estâncias, que dantes formavam este breve Poema: depois é que o Autor a acrescentou tal como agora se imprime.

A VIII é inteiramente nova, e acha-se só no citado Volume original.

I

À Imaculada Conceição de Maria Santíssima, que recitou no Ménalo na Conferência pública, que a este Mistério celebrou a Arcádia de Lisboa em 8 de Dezembro de 1757.

Ah! longe, longe deste fértil monte,
As Musas consagrado, indócil vulgo,
Vulgo profano:
A cujo rude espírito não move
O sagrado furor, que nos transporta:
E vós, almas sublimes,
A que inflama um ardente amor das Musas,
Atenção: que hoje intento em novo estilo
Tocar a agreste fruta.

Sinto, sinto elevar-se pouco a pouco
O meu humilde engenho: em outra espécie
Mudar me vejo.
Ah! já não sou, não sou o rude Elpino,
Pastor da bela Arcádia: estes os campos
Não são do claro Alfeio.
Onde está Melibeu? onde a cabana
Do guardador Albano? onde Siveno,
Montano, e mais Pastores!

Um oculto poder da humilde terra
Suavemente me eleva: a minha frauta
Em som mais alto,
Qual harmónica trompa, rompe o vento;
Até o ar, que respiro, é mais sereno.
Ah! que entre as densas nuvens
Eu voo, eu voo; e em círculos velozes
Águia do Sol às luzes me remonto,
Batendo as crespas asas.

Mas que vejo, ó Céus! que hórrida serpente
Naquele inferior globo se sustenta!
Ai! que de mortes
Entre os seus habitantes semeando
Está o horrível monstro! uns entre as garras
Furioso despedaça;
Outros devora, e ainda palpitando
No imundo ventre encerra; outros enlaça
Nos vínculos, que tece.

Em todo, em todo o globo se derrama
O seu mortal veneno, em toda a parte
Arde o contágio.
Que lástima! não há quem lhe resista.
Tristes mortais, não há quem vos socorra,
Quem de vós se entorneça?
Mas que brilhante luz, qual a da Aurora
Na fresca madrugada, lá do Oriente
Pouco a pouco aparece!

Ó Céus! ó nunca vista maravilha!
Uma pura Mulher, toda vestida
Do Sol brilhante,
De nítidas estrelas coroada,
Pisando a branca Lua, é quem espalha
A luz pura e formosa.
Já com seus raios o ar se purifica;
E como com o Sol a densa névoa,
Se desfaz o contágio.

Oh que formosos passos que vem dando,
Toda de graça cheia! à sua vista
O Dragão fero
Da escamosa cabeça as grossas conchas
Horrendamente erriça; os olhos tinge
De negro, imundo sangue:
Das entranhas respira um vivo fogo,
Que abrasando o contorno, o deixa cheio
De hálitos venenosos.

Ai! que contra a belíssima Donzela
(Tremo de horror!) furioso se arremessa!
Para tragá-la
Já sobre o meio corpo se levanta;
Com a cauda o ar açoita; e assobiando,
Vibra a farpada língua.
Já, já para enredá-la, em largos giros
Umás vezes estende, outras enrosca
O corpulento vulto.

Mas em vão, mas em vão, Serpe enganosa,
Aspiras à vitória, em vão te cansas;
Que a Mulher forte,
Qual o guerreiro Exército ordenado,
Terrível te resiste. Ah! já lhe cedez,
Já lhe deixas o campo;
Já foges, já te segue, já te alcança,
E na torpe cabeça vitoriosa
Te imprime a sacra planta.

Valorosa Mulher, tu só pudeste
Triunfar do horrendo monstro: os teus louvores...
Mas que sonoras
Vozes no ar se dilatam! que vistoso
Admirável objecto absorto vejo!
De Espíritos celestes,
De açucenas c'roados e jacintos,
Um brilhante esquadrão em torno a cerca,
Batendo as asas de ouro.

Uns sobre ela derramam às mãos cheias
Uma nuvem de flores, outros cantam
Acordemente
Ao grato som de vários instrumentos
O seu triunfo. Ó bendita entre as mulheres,
Exaltada na terra,
Qual no Líbano o cedro, e junto da água
O plátano frondoso; ou qual nos campos
A formosa oliveira.

Entre as filhas de Adão, qual entre espinhos
O puro e branco lírio, resplandeces
Toda sem mancha!
Tu dos Coros Angélicos és honra,
Tu do Empírio alegria, e da triunfante
Jerusalém és glória.
Vem, oh flor de Jessé, nossa Rainha,
Esposa do Senhor, serás c'roadada
De palmas, de açucenas.

II

Em louvor da Senhora, que se venera no Cabo de Espichel.

Santas Inteligências,
Que ao Leão de Judá, ao Inefável
Nas asas luminosas
Firmando estais o trono formidável;
E em divinas cadências
Ao grato som das liras portentosas
O aclama o vosso canto
De Sabaoth Senhor, três vezes Santo:

Vós, que a súplica ardente
Dos Justos ofertais no Altar Divino
Do Cordeiro triunfante;
Batendo as asas de ouro, este meu Hino,
Rude mas inocente,
Levai, levai ao templo cintilante,
Onde como o Sol brilha
A Virgem, de Deus Mãe, Esposa e Filha.

Puríssima Senhora,
Cuja agradável vista é mais terrível
A Serpente enganosa
Que na campanha Exército invencível;
Formosa, qual a Aurora
Do Ganges surge na manhã saudosa;⁷⁰
Alta e cheirosa, como
A palma de Cadés, o cinamomo:

Do Barbárico monte,
Que hoje o Templo teu faz celebrado
Dos que surcam o Oceano,
E donde o Nome teu sendo invocado,
De graças viva fonte,
Mandas de teu influxo soberano
O raio coruscante,
Qual estrela do mar, ao navegante:

Banhado de alegria
Qual aos tenros filhinhos mãe piedosa,
A nós volve o semblante,
Com que a fúria dos ventos pavorosa
Em grata calma
Aos naufragos convertas num instante:
E aceita os fiéis votos,

⁷⁰ *O Poeta escreveu: Ao surgir do Ganges, etc. (Nota do 1º Editor).*

Com que invocamos teu favor devotos.

Não te ofereceremos
O dourado metal, que o Tejo cria,
Nem o fino diamante,
Que o Sol gera onde nasce e morre o dia,
Que tanto não podemos;
Nem lá da Síria a púrpura brilhante;
Ou as gomas, que encerra
Em seus bosques da Arábia a larga terra.

Mas em vez das riquezas,
De que pompa só faz ambição cega,
Prostrados te daremos
Um dom, a que outro dom algum não chega,
Um dom, que tu mais prezas.
A teus pés Virgem pura, te rendemos
As almas abrasadas,
E em teu divino amor purificadas.

Enquanto o Sol brilhante
Dourar a terra, e o horror da noite escura
C'os frouxos resplendores
A Lua dissipar formosa e pura;
Com zelo a todo instante
Formará nossa língua os teus louvores;
Cantando-te à porfia⁷¹
Ou traga o Sol consigo, ou leve o dia.

⁷¹ *O poeta escreveu: Cantar-te-emos à porfia. (Nota do 1º Editor).*

III

Para celebrar o Nascimento do Senhor.

Enxugai, enxugai o triste pranto,
Que sobre as denegridas,
Sórdidas faces em perenes rios
Vos cai há tanto tempo,
Ó da Santa Sião ditosas Filhas!
A pesada cadeia,
Que em vínculo tenaz vos cinge os colos,
Em pequenos pedaços
Rompei, despedaçai, lançai por terra.
A antiga formosura
Torne a resplandecer nos vossos rostos.
Já a devoradora
Espada do Senhor, de sangue farta,
Na bainha descansa.
Já os dias de paz, paz de justiça
São, oh mortais, chegados.
Eu a vejo descer com rosto ledó
Numa dourada nuvem.
A singela Amizade, a sã Justiça
Lhe fazem companhia.
De brilhantes estrelas recamadas
Traz as cândidas roupas:
Oliveira imortal lhe tece à fronte
Majestoso diadema:
Na dextra mão em trémulos reflexos
Serena luz lhe brilha:
Vem com ela abrasando as duras armas
Do carrancudo Marte.
Espadas, capacetes, piques, lanças,
Arcos, flechas, escudos
Tudo a cinza reduz, tudo devora
A radiante chama.
Quem, desejada Paz, quem entre os homens,
Entre os bárbaros homens,
Guia teus passos, e a deixar te obriga
Do firmamento os tronos?
Ó pastores da Arcádia, quereis vê-lo?
Voltai, voltai os olhos,
O seio contemplai daquela lapa.
Esse belo Menino,
Que ali vedes chorar, do tempo exposto
A frígida inclemência,
E de tanta ventura o autor supremo.
Ele para vós nasce:
E dum ardente amor todo abrasado

(Amor, a quanto obrigas!)
Já sobre os tenros ombros toma o peso
De seu imenso império.
Este é, este é, pastores, o Admirável,
O Forte, o Conselheiro,
O Príncipe da Paz, Deus poderoso.
Mas como o Rei da glória,
O Deus de Abrão, de Isac, do mundo todo,
Que sobre as sonoras
Asas dos Querubins o sólio erige;
A cujo santo aspecto
Nos seus eixos se abala a imóvel terra,
E qual a branda cera
Da crepitante chama ao moto exposta,
Derretidos os montes,
Das próprias eminências se despenham;
Dum vil, tosco presépio
Pelo pobre agasalho os tronos deixa
Do luminoso império!⁷²
Sagrados cumes do Sinai ditoso,
Falai; dizei se é este
Do grande Jeová o filho amado,
Filho de complacência:
Do grande Jeová, cuja terrível
Tremenda majestade
Nas vossas eminências contemplastes,
Quando de denso fumo
E coruscantes chamas rodeado,
Entre o hórrido estampido
De raios, de trovões e de buzinas,
O Decálogo santo,
Ante o povo de Israel de horror tremendo,
A Moisés promulgava.
Sim, sim, ele mesmo é. As soberanas,
Sacras Inteligências,
Que do manso Cordeiro ao trono assistem,
Com incessantes vozes,
Ao doce som das harmoniosas liras
A terra o estão dizendo:
De Sabaoth Senhor três vezes santo
Continuamente O aclamam.
Ventos do Setentrião, ásperos ventos,
Vós que ao rápido moto
Das negras asas sacudis furiosos
Pelos íngremes montes
O crespo caramelo, ah! por piedade
Detende as vossas iras:
Furiosos não correis do tenro Infante

⁷² Talvez escrevesse o Autor empino ou empírio. (Nota do 1º Editor).

Os delicados membros.
Prostremo-nos, pastores, sobre a terra,
Prostremo-nos ante ele,
Nós que somos do seu sab'roso pasto
As mimosas ovelhas.
O Senhor que nos fez, que nos sustenta,
Humildes adoremos.
Mas que nova mudança resplandece
Em a face da terra!
Mordendo furiosa os torpes beiços
Foge a bárbara Guerra,
E entre as sombras do Tártaro mergulha
A horrenda catadura.
De pesadas cadeias carregado
O duro Cativoiro,
A macilenta Morte, a voraz Peste,
A despida Pobreza,
E a do mal persuasora negra Fome,
Lhe fazem companhia.
Brotam os desertos mil cheirosas flores,⁷³
E cheia de alegria,
Parece que apesar do enorme peso,
A Terra está saltando.
o espantoso rumor o mar serena,
E a vasta superfície
De brilhantes escumas adornando,⁷⁴
Os lassos marinheiros
Está para que o surquem convidando.
Fogem as negras nuvens,
Que a luz do sol avaras encobriam;
E de repente os Ventos
Imóveis sobre as negras asas ficam.
Com benévolo aspecto
Nos desertos do Céu brilhando roda
Nova formosa estrela.
Ó dia venturoso! Eternamente
Cantem aos Céu e Terra
Teu sublime louvor: eternamente
Te exaltem, te engrandeçam.

⁷³ *Eclipse, que é necessária para ficar certo este verso, não é pouco usada os nossos bons Poetas antigos ainda que neste raríssima vez a temos observado. Talvez ele escrevesse: Brota o deserto, etc.* (Nota do 1º Editor).

⁷⁴ *Talvez o Poeta escrevesse: adornada.* (Nota do 1º Editor).

IV

Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Sebastião José de Carvalho e Melo, recitada na
Arcádia aos 29 de Outubro de 1757.

Que sagrado furor, que estranho impulso
Me incita a que deixando a agreste lira,
De mais nobre instrumento as cordas fira
A mão não costumada?

Que sublime varão, Clio sagrada,
Me mandas celebrar? Que espírito raro,
A que a guerra, ou a paz fizesse claro,
Digno de eterna fama?

Acaso cantarei do ilustre Gama
O sem igual valor, de que animado,
Por um mar nunca dantes navegado
O berço viu da Aurora?

O Galvão, por quem inda o Ganges chora ⁷⁵,
Do valor e fortuna claro espelho?
Ou a ti, Luso Marte, alto Botelho ⁷⁶,
Liberal da grande alma?

Não: outro herói, que a estes leva a palma,
Cantar me mandas: um por quem já vejo
Restituir-se ao nosso pátrio Tejo
A glória já passada.

Um, que na paz angélica e dourada
Desde onde o Sol se esconde no Oceano
Até donde nasce, o Lusitano
Nome faz respeitado.

O famoso Carvalho celebrado
Lá onde corre o Tamisa orgulhoso,
E onde banha o Danúbio caudaloso
A terra em sangue envolto.

O famoso Carvalho, que do solto
Vulgo a fúria e licença refreando,

⁷⁵ António Galvão foi um dos mais famosos Capitães, que passaram ao Oriente: não só se distinguiu pelo seu esforço, conquistando as Malucas, mas pela inocência e santidade dos seus costumes. Voltando à pátria, em prémio das acções que por ela tinha obrado, morreu num hospital.

⁷⁶ Nuno Alves Botelho, ascendente dos Condes de S. Miguel, e por cujos assinalados serviços se deu este título à sua Casa. Sendo Governador na Índia, destroçou a Lacsamana e Marataja, Generais do Achém, que com vinte mil homens e duzentas e quarenta velas cercavam a Malaca. Morreu querendo apagar o incêndio, que numa Nau Holandesa, que valorosamente tinha rendido, se ateava.

As desmaiadas artes animando
Está com seu exemplo.

Mas, Senhor, se as virtudes vos contemplo,
Como ousarei louvar-vos? Com que alento?
Se ao vosso singular merecimento
O estilo não se ajusta?

Porém quem poderá dessa alma augusta
Celebrar dignamente a majestade?
Quem vossa rectidão? Quem a piedade
Do ânimo generoso?

Quem as leis santas? Quem o fervoroso
Zelo, com que apartais da pátria terra
A ruína e o terror, que a crua Guerra
Semeia noutra parte?

Por vós do nosso campo fuge Marte,
E nele, em vez da foice retorcida,
Não brilha na sangrenta mão despida
A espada de aço fino.

Ó Fleury, ó Colbert, ó Mazarino!
E vós outros, a que a grande experiência
Príncipes da política ciência
Em todo o mundo aclama:

Se quereis ver quem hoje vossa fama
Escurece, vede este herói preclaro,
Cujo espírito grande, ínclito e raro,
Cheio de santo zelo;

As máximas do torpe Maquiavelo
Detestando, e do honesto só guiado,
Em o público bem todo empregado
Cheio de glória brilha.

Mas Céus, que vejo! Que alta maravilha!
Onde estou eu! Que máquina arrogante
Sobre as nuvens se eleva! E que brilhante
Raio de luz derrama!

Ah! sim, este o templo é da imortal Fama:
E no mais superior trono sentado,
Carvalho ilustre, estás; e a teu lado
A justíssima Astreia.

Não podendo sofrer da nobre ideia
A activa luz que sempre está manando,

De ante ele, os olhos com as mãos tapando,
Se aparta a Negligência.

Também tu, também tu, triste indignação,
Desprezo dos que gozam rico estado,
C'o torpe Ócio dos vícios rodeado
Lhe fazes companhia.

E que doce, agradável melodia,
Enquanto a mais resplandecente c'roa
Lhe tece o amor da pátria, pelo ar soa
Seu nome celebrando!

Viva Sebastião, que a pátria ornando
De inocentes costumes, faz eterna
A sua glória: o sacro coro alterna
E repete o Eco: viva!

Mas que estranho rumor de ouvir me priva
O brando canto, oh Céus! Que velho é este,
De aspecto venerando, mas agreste,
Que a música confunde!

C'o rumor, com que da urna a água difunde!
Sim, sim, este é o Rio, a quem a fama
Pela sua grandeza o Pará chama,
Hoje tão celebrado.

O outro, que de manilhas de ouro ornado
O baço corpo tem, da ardente Sena
Refresca os campos co'a corrente amena,
Rica do metal louro.

O que turvo corre é o frio Douro,
A quem no mundo faz claro e famoso
O licor suavíssimo e precioso,
Que os cuidados desterra.⁷⁷

Oh, como debruçados sobre a terra
Dos tributários Rios rodeados
Beijam as santas leis, e alvoraçados
Correm ao Oceano!

Lá lhe dizem que o Reino Lusitano,
Pelo grande Carvalho dirigido,
Torna a empunhar o ceptro já perdido
De todo o império undoso.

⁷⁷ Ao grande zelo e amor da pátria, ao infatigável espírito de S. Excelência se deve a instituição das duas utilíssimas Companhias do Grã Pará, e Alto Douro, e a separação, que do Governo e terras adjacentes a Moçambique se fez do de Estado da Índia para aumento e melhor administração das mesmas.

E com quanto alvoroço, com que gozo
Recebe o velho padre a feliz nova!
Três vezes, mas em vão, erguer-se prova
Ao monte esclarecido:

Porque dos longos anos oprimido,
Três vezes no espumoso leite cai;
E entretanto o festivo coro sai
Das húmidas Deidades.

E que venturas, que prosperidades
Cheio de glória, cheio de alegria,
Ao ceptro Português não anuncia
O coro harmonioso!

Ó feliz Portugal, Reino ditoso,
Que tal herói criaste! ah! por ele vejo
Correr coberto de ouro o claro Tejo
A dar ao mar tributo.

Já, já nos nossos campos brota o fruto
De seu constante zelo e vigilância
E com pródiga mão lança a Abundância
Os seus grandes tesouros.

Plantas do fresco Tejo, em verdes louros
Todas vos convertei; porque se teçam
Diademas imortais, que lhe guarneçam
A fronte soberana.

E tu, feliz idade, corre ufana,
Corre, corre ao teu fim cheia de glória;
Pois te ilustra um varão, cuja memória
Te há-de fazer famosa.

Dos séculos passados invejosa
Não estejas; que nem vós de áurea idade
Claros dias, igual felicidade
E certo que lograstes.

Espíritos felizes, vós que ornastes
Os séculos ditosos da inocência,
Dizei: houve entre vós tanta demência,
Tanto horror da cobiça?

Tanto amor da igualdade e da justiça,
Da rectidão, da paz, da singeleza,
Tal modéstia, tal fé, tal inteireza,
Igual à que enobrece

Este herói, que entre os outros resplandece,
Como entre os mais metais o fino ouro?
Ah! ser não pode! Século vindouro,
Quando os grandes louvores

Dele ouvires, crê, crê que são maiores
As virtudes, de que sempre assistido
Adorado se faz, se faz temido,
Ou severo, ou piedoso.

Ó soberano Herói! E quão famoso
Vosso nome será na Lusa história!
Quão cheio de louvores e de glória
Voareis de boca em boca!

Eia, Espírito ilustre, a vós só toca
Despertar do letargo em que jazia
A aflita Lusitânia, e de vós fia
A sua liberdade.

Por vós espera a antiga majestade
Cobrar a pátria, e ver feitos pedaços
Os grilhões, que lhe pôs aos fortes braços
A própria negligência.

Acabe, acabe a perspicaz prudência
As felizes empresas meditadas:
Célebre entre as nações mais apartadas
O vosso zelo seja.

Torça-se embora a macilenta Inveja,
Brame raivosa, a boca em negra espuma
Inunde, as próprias mãos morda e consuma
C'os dentes venenosos:

Enquanto, ó Senhor, sobre os mais famosos
Vos ides elevando, e o nome augusto
Desde a gelada Tule ao Nilo adusto
Espalha a heróica Fama:

Enquanto... mas que é isto! Ó sacra chama,
Onde, onde estás? Que já desafinada
Sinto a voz, rouca a lira, a mão cansada,
E o peito sem alento.

Por mais que temperar a lira intento,
E a voz afino, que pouco sonoro
Soa o meu canto! Ninfas do Aónio coro
Alentai meu espirito.

Mas debalde vos chamo, e em vão me incito,
Que o canto que a cansada voz entoa,
Cada vez menos harmonioso soa,
Menos digno de ouvir-se.

Ó Siveno, oh Alcino, oh brando Tirse,
Deste varão cantai dignos louvores:
Cantai, cantai por mim, sábios Pastores,
Que eu só não posso tanto.

E enquanto rompe o ar o vosso canto,
Aqui neste pinheiro levantado,
Para mim peso inútil, pendurado
Deixo o rouco instrumento.

ALCAICA

Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Manuel Bernardo de Melo e Castro, então Marechal de Campo e Governador da praça de Elvas; depois Tenente General, Conselheiro de Guerra, Governador das Armas da Província de Alentejo, conservando o Governo da mesma Praça, General de Infantaria, Visconde da Lourinhã, etc.

Se pulso a Cítara de Alceu harmónica,
O plectro altíssimo não rende pródigo
A virtude falsa tributo:
Sólida glória é só quem o move.

Tu, Castro célebre, dás a seus números
Assunto esplêndido: o profundo pélagos
Surca ufana de teus louvores,
Sem as Sirtes temer da lisonja.

A longa série de Avós claríssimos,
A rica cópia de metal fulgido
Da fortuna são ricos mimos;
Mas não faz os heróis a fortuna.

Tu, novo, intrépido, caminho incógnito
À fama póstuma mostras solícito,
Da glória seguindo a vereda,
Que vulgares espíritos não trilham.

O zelo exímio, o valor ínclito,
Que ornam teu ânimo, são só os títulos,⁷⁸
Que brilhante c'roa te formam,
Que da Fama te levam ao templo.

Campos da América, campos que pródigo
Com larga cópia de cristais líquidos
De preciosos frutos fecunda
O Monarca dos rios famoso:

Em vozes públicas seu panegírico
Tecendo cândidos de imortal crédito,
Meu hino, que voa ao futuro
Cintilando, cobris entre as gentes.⁷⁹

⁷⁸ *No Original de Coimbra lê-se assim este verso; o Poeta quando corrigiu a Ode, escreveu por engano: são só títulos. (Nota do 1º Editor).*

⁷⁹ *Assim no Original de Coimbra, o Poeta escreveu depois:*

De meu hino, que voa ao futuro,
Os acentos cobris entre as gentes,

Vós a polícia, que crece próspera,
Vós a abundância, que lograis plácidos,
Que obras são de seu puro zelo,
Sem cessar publicais pela terra.⁸⁰

O povo idólatra, que habita mísero
Seus bosques ásperos, o culto bárbaro
Sem temor deixando, o publica
Da liberdade no amável seio.

Mas a nobre émula de vossos júbilos
Elvas belígera, já grata cinge-lhe
De louros eternos a fronte,
Louros, que brota o campo de Marte.

Novos espíritos recebe impávida
Com seus auspícios: alça ao Zodíaco,
Insultando Ibéria soberba,
A cabeça de torres c'roadada.

Belona atónita no Herói magnânimo
A nobre prática dos Villes ínclitos,
Dos Freitags o engenho sublime
Vê cintilar com raios mais vivos.

Cega obediência aos preceitos Tácticos,
Do ócio aos prestígios rancor indómito,
São as leis, que dita severo,
Que respeitar faz com seu exemplo.

Mas quem lauréola a teus grandes méritos
A tecer alça-se, Castro magnífico,⁸¹
Novo nome dará às ondas,
Nelas largando as plumas soberbas.

(Nota do 1º Editor).

⁸⁰ Assim no original de Coimbra, a última lição é: Publicando estais mudamente. (Nota do 1º Editor).

⁸¹ Este verso em ambas as Coleções lê-se de estrouto modo: A tecer arroja-se, Castro magnífico. (Nota do 1.º Editor).

VI

A Pedro António Joaquim Correia Garção, chamado na Arcádia Coridon
Erimanteu. Em 1757.

Batendo as negras asas, o regelo
Sacode o fero Bóreas pelos montes,
C' o duro caramelo
Gelam-se as fontes.

Despidos da viçosa e verde rama
Das árvores se vêem os grossos troncos,
Nas rochas o mar brama
Com feios roncões.

Sai de espantosas trevas rodeada
Do Bósforo Cimério a Noite escura:
Cíntia esconde assustada
Sua luz pura.

Cobrem-se os Céus de negros nevoeiros,
Horrorosos trovões a terra atroam,
Carregados chuveiros
Nos ares soam.

Para os currais do campo foge o gado;
E dos bois, que descansam da lavoura,
Não trilha o curvo arado
A cerviz loura.

Nos fatos ao redor do sacro lume
Os pelicos enxugam os Pastores,
Cantando por costume
Os seus amores.

No sossegado porto descansando
O navegante está, e impaciente espera
Que sopra o vento brando
Da primavera.

Ah, Condão! enquanto o Inverno frio
Cresta co' as duras mãos plantas e flores;
Fogem do campo e rio
Graças, Amores:

Com o cheiroso ponche em doce guerra
Quebremos o furor dos rijos ventos,
Que as folhas sobre a terra
Espalha aos centos.

Já na limpa poncheira o licor louro
Fervendo brilha: ledô a taça toma,
E com o líquido ouro
Seu rigor doma.

Enche-a, caro Pastor, bebe-a gostoso
Do Ménalo em louvor, que eu outra bebo,
Ó Céus! que imenso gozo
Na alma recebo!

Vê como o valentão, que nos roncava,
Que mil geladas setas despedia,
Que os beijos nos talhava
E as mãos feria;

Ao vê-las empunhar, perdido o brio,
Sem ao menos ousar a defender-se,
Corre no poio frio
A recolher-se.

Bebe afouto, Pastor, que ainda cheia
Do suave licor outra nos resta:
A saúde de Treseia⁸²
Bebamos esta.

De Treseia gentil, de meu martírio
Doce e único alívio, mais formosa
Que o branco e puro lírio,
Que a roxa rosa.

Longe, longe a voraz malincolia,
De seus torvos espectros rodeada;
Reine em nós a alegria
Tão suspirada.⁸³

Tu ouves, Condão, (ou eu me engano)
De tímpanos e sistros o ruído?
Ah não, não é engano,
Ouço o sonido.

Eu vejo, sim, os Sátiros saltantes

⁸² *Se houver dúvida de fazer aqui a palavra saúde de duas sílabas, pode-se substituir a lição da primeira Coleção:*

Bebamos de Treseia
A saúde esta.

(Nota do 1º Editor).

⁸³ Variante:

Do Riso amada.

Com o caprino pé ferir a terra;
As lascivas Bacantes
Cobrir a serra.

Desgrenhado o cabelo, e furiosas
Vibram os verdes tirsos ululando,
Com vozes espantosas
Orgio bramando.

Toma a lira, Pastor, cantemos ambos
Em estilo, que os nossos nunca ouviram:
Os livres Ditirambos
Os ares firmam.

VII

SÁFICA

Celebrem outros as vorazes chamas,
Que pelas negras enxofradas fauces
Vomita o Etna; de terror enchendo
Toda a Trinácia.

Ou das montanhas, que fez tão famosas
Pirene bela, do Tiríntio amada,
O vasto incêndio, que inundou Ibéria
De áureas correntes:

Ou dos frondosos aprazíveis Tempes
Os frescos bosques, os amenos prados,
Onde as boninas com lascivo voo
Zéfiro pinta.

Do grande Olimpo, que entre as grossas nuvens
A verde frente majestoso esconde,
Outros publiquem pela redondeza
Dignos louvores.

Outros dos Alpes as imensas neves,
Inda banhadas no soberbo sangue
Da loura gente, que nas fontes bebe
Ródano e Sena.⁸⁴

Outros descantem, Taprobana fértil,
Teu grande cerro, que guarda em seu pico
Sagrada planta de varão insigne
Inda estampada.

Outros do Hermínio, que a cerviz intonsa
Cobre de névoas, a robusta gente,
Que viu prostradas as Latinas Águias
Na áspera guerra:

Que eu só desejo, da sonora lira
Ferindo as cordas, do gelado Arcturo
Ao frígido Austro levar o teu nome,
Ménalo claro.

Viva contente por fartar a sede
De vãs riquezas, rasgando as entranhas
Do celebrado Potosi precioso,

⁸⁴ *Esta estância não se acha no último original.* (Nota do 1º Editor).

Pálido avaro.

Nas longas horas da calada noite
A triste sala do Ministro austero
O que pretende poderoso cargo
Tímido pise.

Que eu entre as sombras de teus densos bosques,
Enquanto pulso com ebúrneo plectro
De Safo a lira, de seus vãos cuidados
Noto a cegueira.

Na áurea carroça Senhor poderoso
Pise tirado por frizões soberbos
A triste plebe, que de toda a parte
Pávida foge:

Que os vãos cuidados, as asas batendo,
O vão seguindo muito mais velozes
Que o veloz Euro, quando sai furioso
Da hórrida gruta.⁸⁵

O varão sábio na mísera sorte,
Que avara estrela com ele reparte,
Vive contente, despreza constante
Títulos grandes.

A paz serena de sua alma grande
Temor violento jamais lhe perturba;
Os brandos sonos não lhe rouba infame
Sórdido lucro.

Na Régia mesa por Murrinos vasos⁸⁶
O roxo sumo da famosa Creta
Beba Dâmocles, que a pendente espada
Pálido o torna.

Do claro Febo na mísera tina
A luz se aquece Cínico famoso
Do terror da Ásia a magnífica pompa
Plácido insulta.

A sã fortuna não está no fausto

⁸⁵ Variante:

Que o veloz Euro, se do Eólio rompe
Cárcere as portas.

⁸⁶ Estes vasos eram de uma pedra preciosa chamada murra, da qual diz Plínio Liv. 27. (al. 17.) cap. 2, que era insigne pela excelência de seu cheiro, e pela variedade de suas Cores; tendo algumas manchas, que segundo a reflexão da luz umas vezes eram purpúreas, outras tiravam a cor de leite, e outras formavam uma meia cor entre estas duas. Augusto, tomada Alexandria, das alfaias Reais só reservou para si um destes copos. Suetón., in *August.* cap. 71. (Nota do Autor).

De um rico estado, dum distinto emprego,
Mas na virtude: ditosos só pode
Ela fazer-nos.

VIII

SÁFICA

Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo D. Sancho de Faro, Conde de Vimieiro.

Eu não te invejo, Claríssimo Faro,
A rica pompa de teu alto estado;
Nem a grandeza, que partiu contigo
Benéfico astro.

Cargos, riquezas, que o povo ignorante
Absorto admira, não cegam meus olhos:
Outra é a meta, que meus passos guia,
Que ávido busco.⁸⁷

Só a firmeza, e valor te invejo,
Com que fugindo da Corte aos prestígios,
Em útil ócio no teu Vimieiro
Vives contente.

Da Natureza contemplando atento
O grão tesouro, que os sábios estimam;
E que despreza, por não conhecê-lo,
Rústica plebe.

Ali aprendes de ajudá-la os modos
Em suas obras, com que ela te paga,
Agradecida, de teus largos campos
Rico tributo.

Ali de Breiner os cantos escutas²⁴,
E a lira de ouro; lira que invejaram Safos,
Corinas; a quem eterniza
Mélico canto.

Bremen formosa, que à mente divina
Soltando as asas, veloz se remonta
Por entre as nuvens, após si deixando
Rápidas águias.

Ledo e contente para ti só vives;
Longe da inveja, das intrigas longe,
Da paz gozando, que só gozar pode

⁸⁷ Variante:

Cargos, riquezas, do povo ignorante
Unica meta, não cegam meus olhos:
Outro é o Norte, que no mar que cruzo
Sigo constante.

Animo puro.

Se a mão do Fado propício a meus votos
Igual destino comigo partira,
Oh quão contente teu ilustre exemplo
Pronto seguira!

Então de um bosque na sombra fria,
Junto de um rio de serenas águas,
Cingida a fronte de floridos mirtos,
Louros virentes

A Eólia lira sem temor tomando,
Tuas virtudes ufano cantara;
Cantara as graças, que na alma cintilam
Da ínclita Bremen.

E aos Céus levando tão ilustres nomes,
Nomes, que o Tempo, que a pálida
Inveja Muda respeita; com eles ornara
Novas estrelas.

EPITALÂMIO

Às bodas do Preclaríssimo Isidro de Almeida de Sousa e Lencastre, Senhor da Casa da Cavalaria, com a Preclaríssima Senhora Dona Ana Ifigénia de Barros Almeida Moura e Albuquerque, Senhora da Casa de Real, e Morgados de Moreira, e Ribeira de Litém.

Este Epitalâmio vem no original de Coimbra, dividido em estâncias de oito versos, os quais são rimados dois a dois. Depois o corrigiu o Poeta, pela forma por que agora se imprime, no moderno Volume Original, já citado na Advertência às Odes, e numa cópia avulsa escrita de sua letra, que conservamos em nosso poder: e por esta cópia se emendou o verso 6 da penúltima Estância, o qual no volume original se lia: Brandindo a lança ardente.

Acende, ó Himeneu, a luz formosa
Da tocha nupcial, e de virente
E crespa manjerona coroadado,
Sobre o viçoso prado,
Que esmaltam liberais de mil boninas
Correndo mansamente
Do Lis e Lena as águas cristalinas,
Dirige o voo teu:
Vem, oh casto Himeneu, vem Himeneu.

Ah! bate ledamente as áureas asas:
Dois peitos, que de Amor consome o fogo
Com recíproco ardor, com grato auspício:
Vem consolar propício:
Movam-te as ternas, inocentes mágoas,
Ah! mova-te o seu rogo!⁸⁸
Vê que insofríveis são de Amor as fráguas
Desce veloz do Céu:
Vem, oh casto Himeneu, vem Himeneu.

Olha com que impaciência o terno jovem
Os instantes, as horas conta ansioso;
E entre os doces martírios da esperança
Culpa a tua tardança:
E sofrer não podendo a voraz chama
Que o consome extremoso,
Por ti sem ter descanso brada e chama,
Implora o favor teu:
Vem, oh casto Himeneu, vem Himeneu.

Do Eta já deixa o cume levantado
De Vénus o planeta rutilante:
E tu, oh doce Nume apeteçido,

⁸⁸ Variante:

Movam-te seus suspiros, suas mágoas,
Seu inocente rogo.

Do Helicono florido
A sagrada floresta inda não deixas!
Ah! vem do terno amante
A consolar as magoadas queixas,
Filho do bom Tioneu!
Vem, oh casto Himeneu, vem Himeneu.

O nupcial anel, que há tanto aguarda
A linda Esposa alegre e temerosa,
Traze, Nume gentil, traze ligeiro.
Tu ledo e lisonjeiro
De teus mimos com a doce violência
Da Ninfa vergonhosa
Os sustos vence, vence a resistência.
Traze o sagrado véu:
Vem, oh casto Himeneu, vem Himeneu.

Mas que súbito facho os ares fende,
De imensa luz a terra povoando!
Que gratos, que suavíssimos acentos
Ferem os brandos ventos!
É Himeneu, que brande as sacras teias;
E das nuvens calando,
Vem, Colipo, alegrar tuas areias,
Honrar o campo teu.
Já cintila Himeneu, desce Himeneu.

De Amores um enxame copioso
As coruscantes achas vem guiando:
Uns o dourado laço vêm tecendo,
Os outros convertendo
Em liras os brilhantes passadores,
Docemente cantando
Dos Esposos gentis vêm os louvores;
Cantam o seu troféu.
Eis já chega Himeneu, vem Himeneu.

Já da cara Mãe arranca do regaço⁸⁹
A bela Ninfa alegre e temerosa
Das Graças, dos Encantos vai cercada;
E leda e envergonhada:
Se Amor a incita, a prende o casto Pejo.
Da Ninfa vergonhosa
Cobre com o teu véu, cobre o desejo,
Que inflama o peito seu,
Lisonjeiro Himeneu, doce Himeneu.

Ao raiar da manhã nunca tão bela

⁸⁹ Mãe cara, *faria o verso mais corrente*. (Nota do 1º Editor).

Entre as flores que arream verde prado
Do cerrado botão rompeu a rosa:
Tão bela, tão graciosa,
De aljófares e pérolas toucada,
Nunca do mar salgado
Sair se viu a linda e delicada
Esposa de Peleu.
Vem ditoso Himeneu, vem Himeneu.

Do Lena e Lis as Ninfas mais formosas,
Um das campos seus flores colhendo,
As mãos cheias, mil ditas augurando,
Sobre ela vão lançando:
Outras em giros mil destras e airozas
Leves danças tecendo,
Alegres ora vêm, ora invejosas
O puro prazer seu.
Já cintila Himeneu, chega Himeneu.

Eis já chega onde o terno e caro Esposo
A espera dos Desejos rodeado:
Eis já formado o casto, o santo laço,
Volvem ao rico Paço;
Onde os Jogos, os Risos, a Alegria
(O Pejo desterrado)
De mil Mimos na grata companhia,
Coroam o amor seu.
Triunfo, oh Himeneu, viva Himeneu.

Colipo entanto, aos Céus alçando a fronte,
Oh quantas em seu peito alimentando
Esperanças está! Quanta ventura,
Quanta glória se augura
Dessa excelsa união do santo laço,
Que Amor suave e brando
Urdui, e que apertou o casto braço
Do sagrado Himeneu!
Ó mil vezes feliz, santo Himeneu!

Do futuro rasgando a densa treva
Na vaga mente já se lhe figura
Do colo da consorte ver pendentos
Os filhos inocentes;
Que crescendo em virtudes e nos anos
Brandindo a lança dura,
De nova fama cobrirão ufanos,
Darão um novo lustre
De Barros e de Almeida à estirpe ilustre.

Já de Marte no campo sanguinoso

Outro Francisco vê, outro Duarte,
Que as inimigas hostes destroçando,
Os campos arrasando,
Irão de incêndios, mortes e ruínas:
Que do Orbe em toda a parte
Farão brilhar as Lusitanas Quinas:
Que eterna a sua glória
Farão nos Fastos da imortal Memória.

CANÇÃO

Vem no moderno Volume Original, e entre os Apontamentos também originais do Autor, que conservamos em nosso poder, e por onde se corrigiram alguns versos que por descuido estavam incorrectos no referido Volume.

Nos campos, que cortando
Vem o Nabão sereno
C'o líquido cristal suave e brando,
Se alça um bosque ameno;
Que todo matizando
De lindas flores vai o fresco rio:
Onde as plantas frondosas,
Ou já na Primavera, ou já no Estio,
Sempre ledas estão, sempre viçosas.

Do plácido remanso
Ao som surdo e sonoro,
De mil pintadas aves sem descanso
Canta o suave coro.
Zéfiro leve e manso,
Batendo as frescas asas marchetadas,
Meneia lisonjeiro
Mil arbustos, mil flores delicadas,
Que o ar perfumam de fragrante cheiro.

De mil Pastoras belas
E toda povoada
A deliciosa selva; mas entre elas
Por formosa e engraçada,
Qual sói entre as estrelas
De Vénus distinguir-se a luz graciosa
Na noite escura e fria,
Ou em culto jardim purpúrea rosa,
Jónia para meu mal se distinguia.

Pela Ninfa formosa
Os mais destros Pastores,
Que habitam na ribeira deleitosa,
Suspiravam de amores.
Na margem arenosa
Uns com outros por ela ora lutavam,
Ora soltando ao vento
As acordadas vozes, celebravam
De Jónia com as graças seu tormento.

A este bosque engraçado
Me trouxe astro malino
Do mal, que ali me aguarda, descuidado:

Tanto pode o Destino!
Dos Pastores guiado
Vi de Jónia infiel o lindo aspeito,
E apenas o vi, logo
Dentro senti no inocente peito
Arder um vivo, mas suave fogo.

Amor, que há muito havia,
Que arteiro me esperava,
De seus olhos com doce tirania
O peito me falsava.
Eu que incauto sentia
Correr-me as veias uma chama inquieta,
Corria após a chama:
Qual na brilhante luz a borboleta
Corre aos estragos, e as ruínas ama.

Jónia, que então conhece
De meu mal o motivo,
De meu mal o motivo aumenta e crece⁹⁰
Com um repúdio esquivo:
Novas prisões me tece
Em seu desdém ou falso, ou verdadeiro.
Que às vezes vingativo
Quer para mais triunfo o Deus frecheiro
Que o repúdio de amor seja incentivo.

Quantas lágrimas tristes
As faces descoradas,
Nabanciades, então banhar me vistes!
Que queixas namoradas
Ali me não ouvistes!
Mas puderam meus ais, pôde o meu rogo
O pranto, que vertia,
Derreter, e tornar em vivo fogo
De seu gelado peito a neve fria.

Neste gostoso enleio
Minha alma embevecida,
Com ledas esperanças sem receio
Gastava a doce vida:
De imenso prazer cheio,
De Jónia na mimosa companhia
Sempre o Sol me encontrava;
Ou quando no Horizonte aparecia,
Ou quando no Oceano se banhava.

E ou fosse verdadeira

⁹⁰ *O Autor escreveu: O motivo de meu mal, etc. (Nota do 1º Editor).*

A paixão, que mostrava,
Ou que ela a simulasse lisonjeira;
Tão contente arrojava
Minha alma prisioneira
O grilhão, que por outro o não trocara;
Nem hoje o trocaria,
Se astuta ainda agora me enganara
Como então enganou a Ninfa impia.

Porém Amor tirano
C'o Tempo conjurado,
Longos dias não quis que neste engano
Vivesse afortunado:
Ele para meu dano
A carreira apressou, e trouxe o dia,
Trouxe as funestas horas
De minha doce paz, minha alegria
Inimigas cruéis, e roubadoras.

Astreia então chamava
Os Pastores de Luso
Ao certame anual, que celebrava
Por antiga lei e uso
Nas ribeiras, que lava
Do Mondego a corrente cristalina,
Onde na luta ardente
Em prémio do combate orna benina
De imortal c'roa ao lutador a frente.

Eu que à palma aspirava,
Que a Deusa oferecia;
Da Ninfa suspirando me apartava:
E (oh triste, oh cruel dia!)
Em seus olhos deixava,
Em seguro penhor da lealdade,
Da eterna fé jurada,
A minha alma cativa e a liberdade;
Mas em que mãos ficou,
Céus, empenhada!

Que excessos de ternura,
Que extremos de constância
A pérfida não fez, e me não jura!
Quem vira então sua ânsia,
E a não julgara pura?
Que trespassos, que acentos magoados,
Amor, lhe não ouvias!
Que juramentos de mil ais troncados!
Mas deles e de mim, cruel, te rias.

Da Ninfa enfim me ausento
Sem tino e suspirando;
E mais do que ao cavalo, ao pensamento
As rédeas afrouxando,
Caminhava sem tento
Em toda a longa e então penosa estrada
A veloz fantasia,
De Amor nas soltas asas transportada,
A Jónia só voava, Jónia via.

Ora no pensamento
Traçava a antiga glória;
Ora mudando a cena a meu tormento,
Pintava a triste história
De meu apartamento.
Então de ardente amor arrebatado,
O rosto atrás volvia:
E de dor ao volvê-lo transportado,⁹¹
O cavalo talvez volver queria.

Então da dura ausência
Provando todo o efeito
Me estalava da dor com a violência
O coração no peito:
Morria de impaciência.
Porém logo as promessas recordando,
Que fez na despedida,
Novo espírito o coração cobrando,
Se animava a suster a amarga vida.

Desta arte salteado
De saudosas lembranças,
De um pensamento mesto e magoado
Entre susto e esperanças
Em outro transportado,
Atravessando fui a larga estrada:
E do fresco Mondego
À campina suave e dilatada,
Quase sem o saber, absorto chego.

Ali c'roada a frente
Do laurel glorioso,
Do claro rio a plácida corrente
E o campo deleitoso,
Onde um tempo contente
A lira já tangi, deixo apressado;
E corro sem demora
A buscar o lugar afortunado,

⁹¹ *O Autor escreveu: E da saudade, etc. (Nota do 1º Editor).*

Onde meu coração, minha alma mora.

Chego à floresta amena,
Onde num doce engano
Tão pago vivi já de minha pena.
A Jónia busco ufano;
Mas, oh que cruel cena
Ali meus tristes olhos aguardava!
Ali minha esperança,
Quando este golpe menos receava,
Vi morta às mãos da pérfida mudança.

No peito de alegria
O coração pulava,
Ao ver presente o venturoso dia
Que tanto suspirava:
O mais feliz se cria.
À Ninfa corro, e quando a seu tormento
Minha alma o fim espera;
Acho que dando meu amor ao vento,
A fé, que me jurou, a outro dera.

Neste cruel instante
De mil fúrias cercado
Me vi morrer, e o coração constante
Em cem partes rasgado.
Sevo Deus inconstante!
Amor! de tanta fé, tanta constância
E este o prémio dino?
Mas oh! que em tão cruel feia inconstância
Mais parte tem a Mãe que o menino.

Tu só, oh fera humana,
Tu, mulher fementida,
És a causa cruel da dor tirana,
Que me consome a vida.
Ah dura tigre Hircana!
Assim guardas a fé, que me juraste?
Mas ai, Elpino insano!
Quando em seus juramentos confiaste,
Esperavas constante o Oceano.

Canção, as asas abre, bate, voa.
De Jónia o fingimento
Pelo mundo apregoa
De incautos corações para escarmento.

HINOS

*Vêm na primeira e segunda Colecção.*⁹²

I

A S. Donato Mártir, e Advogado contra as trovoadas.

Teçamos, alma,
Ao grão Donato
De eternas flores
Brilhante palma:
Os seus louvores,
Ou sombra fria
O mundo envolva,
Ou novo dia
De luz o c'roe,
A língua entoe.

A Fé triunfante
Sua alma pura
De luz guarnece,
Quando constante
A Deus se oferece:
E o colo exposto
A fina espada,
Com ledó rosto,
Que a Morte espanta,
O Senhor canta.

Se horrendo soa
Por cem gargantas
Trovão ardente,
Que os Céus atroa,
A aflita gente
Ele socorre;
E a voraz chama,
Que à terra corre
Da nuvem feia,
No ar enfreia.

Entre o Divino
Cheiroso incenso
Em teus altares
Harmónico hino
Povoe os ares:

⁹² *Os quatro Hinos, que se imprimiram, já tinham sido impressos no Opúsculo intitulado Santos Patronos contra as tempestades de raios, invocados em devotos Hinos, publicados por Cândido Lusitano, Lisboa, 1776, p. 52 e seguintes. (Nota do 1º Editor).*

Louve seu Nome
Todo o criado,
E ao ouvi-lo, dome
A ira violenta
Rija tormenta.

Mártir bendito,
Que entre os Arcanjos,
Virtudes santas,
O nome invito
De Adonai cantas,
Ouve propício
Os teus devotos:
Teu benefício,
Se raios chovem,
Teu favor provem.

II

A S. Simão Estelita.

Celeste Lira, que nas frescas margens
Do Jordão santo aos soberanos Coros
De mil Profetas fecunda inspiraste
Hinos sonoros:

As maravilhas do grande Estelita
Comigo canta: leve ao firmamento
Os seus louvores nas serenas asas
Plácido vento.

De grossas nuvens carregado o dia
Feia borrasca pelos ares brama;
E em flechas solta, dos Céus se despenha
Hórrida chama.

Treme nos quícios assustada a terra:
A Síria gente do terror cercada,
A Simão corre, e pelo seu auxílio
Mísera brada.

O Varão santo, que seu clamor ouve,
Por ele orando logo em sacrifício
Se oferece ao Eterno, e o Eterno seus votos
C'roa propício.

Cândida chama, cintilantes sulcos
Nos céus abrindo, de Simão envolve
O santo corpo; e da prisão terrena

A alma dissolve.

Pelos abismos das eternas luzes
Voa o espírito, Jeová cantando:
Fogem as nuvens, o dia se torna
Próspero e brando.

Do Imenso aos olhos tanto preço encerra
Do justo a morte! Vibre a nuvem densa
Farpões ardentes, que em Simão teremos
Firme defesa.

Ao som das harpas, de sonoros órgãos
Os seus louvores, oh mortais, cantemos;
Do Eterno o braço, que nele cintila,
Nele louvemos.

III

A S. AFRICANO

Esprito iluminado,
Que comércio de fé c'os Céus conserva,
Do tigre marchetado
No deserto não teme a ira proterva;
Nem os choques violentos,
Com que assaltam a terra os elementos.

O povo Galicano
Fé a meu Hino dá com seu exemplo;
Pois ao grande Africano
Em sua alma erigindo excelso templo,
Com inteiro semblante
Ouve estalar o raio crepitante.

Tão celeste confiança
Sigamos, oh mortais; ao Varão santo
Voe nossa esperança;
E na hórrida tormenta sem espanto
Veremos sobre os riscos
Quebrar a fúria indómitos coriscos.

Africano divino,
Bem que da tua dextra às obras belas
Teça mais brilhante Hino
A eterna melodia das estrelas;
Nossos votos atende,
E dos vorazes raios nos defende.

IV

A S. ADOENO

Vinde, oh mortais, louvemos
Ao grande Sabaoth em os seus Santos,
Adoeno exaltemos
Em nossos corações, em nossos cantos.

O seu braço invencível
Se da demência armado resplandece,
Logo o espírito horrível
Das sonoras borrascas emudece.

Ou pelos ares solto
Farpada cauda o raio desenrole,
Ou suba o mar revolto
Em serras a tocar a etérea mole:

Se o seu presidio invoca
Tímido mortal, no ar voraz chama
Súbito se sufoca;
Enfreia o mar a fúria, com que brama.

Ó Normandos, oh gente
Entre as que o Sol ilustra venturosa!
Em ti brilha patente
Esta do braço seu obra espantosa.

Arroja ardentes lanças
Trovão horrendo, treme o globo mudo;
Mas tu em paz descansas,
Que o seu sagrado nome é teu escudo.

Vinde, oh mortais, devotos
Comigo celebrai o grande Nume:
De nossos puros votos
Cheiroso incenso seu altar perfume.

Espírito sagrado,
Onde, como em cristal, reflecte o Eterno;
Cujo braço, assustado,
Teme o imundo Lusbel no escuro Averno:

Sobre os desertos mares,
Que surcados não são de humana gente,
Manda que os grossos ares
Despenhem o voraz raio estridente.

CANTIGAS

Acham-se tão somente na primeira Coleção.

I

Por Marília bela
Amiclas ardia;
Por ela vivia
Sempre a suspirar.
E sempre se ouvia
Marília chamar.

O duro trabalho
De noite e de dia
Vencer não podia
O seu suspirar:
E sempre se ouvia
Marília chamar.

Ou já com o remo
As ondas cortasse,
Ou já desfraldasse
As velas ao ar:
Manilha se ouvia
Marília chamar.

Se no fundo pego
O lanço deitava,
Se as redes tirava
Do fundo do mar;
Marília se ouvia,
Marília chamar.

Na praia colhendo⁹³
As redes em giros,
Ardentes suspiros
Se ouvia lançar:
Marília, Manilha
Se ouvia bradar.

Manilha somente
Na boca trazia
De noite e de dia
Sempre a suspirar:
E sempre se ouvia

⁹³ *O Poeta escreveu: Se na praia colhia. (Nota do 1º Editor).*

Marília chamar.

E a Ninfa tirana
Seus brados escuta,
Qual a penha bruta
Os rancos do mar,
Que por uma ingrata
E vão suspirar.

II

Nas frescas praias,
Que o Tejo fende,
Enquanto estende
A rede ao Sol:

Ternos suspiros
Da alma arrancava,
E assim cantava
Um pescador.

Águas do Tejo
Suave e brando,
Que murmurando
O mar buscais:

Que o vosso Amiclas
Em mil ardores
Morre de amores,
Vós o sabeis.

A doce causa
De suas mágoas,
Ó brandas águas,
Vós o sabeis.

Mas por piedade
Guardai segredo,
Que hei grande medo
Que o saiba alguém.

Ninfa tão linda,
Tão delicada,
Tão engraçada
Ninfa gentil;

Perdoe Dóris
E Panopeia,
A vossa areia
Nunca pisou.

É seu cabelo
Ondado e louro
D'Amor tesouro,
Melhor Ofir.

Traz em seus olhos
Duas estrelas:

Outras tão belas
O Céu não tem.

Na breve boca,
Que Amor inflama,
Amor derrama
Graças sem fim.

No branco colo,
Faces formosas
A neve e rosas
Se vêem brilhar.

A vida alegre
Hoje exalara,
Se eu as tocara
Uma só vez.

Mas tantas graças
Dos cobiçosos
Guardam zelosos
Amores mil.

Amores feros,
Que em torno a cingem,
E as setas tingem
Nos corações.

Amor na boca,
Nos olhos belos,
Longos cabelos,
No seio traz.

Mas tem-te, oh língua,
Não digas mais,
Que estes sinais
Mui claros são.

Ó brandas águas,
Guardai segredo,
Que hei grande medo
Que o saiba alguém.

VARIANTES

Variante da Ode I, à Imaculada Conceição de Maria Santíssima.

ESTROFE I

Ah, longe, longe deste fértil monte,
A Febo consagrado,
Vulgo profano;
Em cujo coração não alça a fronte
Das santas Musas o furor sagrado:
E vós, em cujo peito soberano
Celeste coro seu furor inspira,
Atenção; que hoje intento
Novo tocar altíssimo instrumento.

ANTÍSTROFE I

Clara de imensa luz brilhante chama,
Na rude escura mente
Seus raios espalhando,
A negra névoa rompe, e já me inflama:
Transportar-se a minha alma já se sente.
Ah! nos campos que rega murmurando
O Alfeu cristalino,
Já guardador não sou de pobre gado;
Noutra espécie me sinto transformado.

EPODO I

Oculto força
Da opaca terra
Entre Céus a subir me anima e esforça.
De brancas plumas
Cobrir me vejo;
E qual de Tebas o Cantor sonoro,
Pelo ar vagando vou cisne canoro.
Já sacudindo as asas inquietas,
Vejo sob os meus pés astros, planetas.

ESTROFE II

Mas que serpe feroz se nutre e ceva
Naquele inferior globo?
Que estrago miserando
Em seus viventes faz! Na densa treva
Tanto não faz no gado cerval lobo!
Uns nas garras cruéis vai lacerando,
Outros traga, e c'o bafo envenenado

Ainda os mais distantes
Súbito mata ou deixa agonizantes.

ANTÍSTROFE II

Por todo o largo globo se derrama
O hálito venenoso! Em toda, em toda a parte
O contágio letífero se inflama!
Gente infeliz! no estrago lastimoso
Quem te pode valer? quem ajudar-te?
Mas que brilhante luz lá vem raiando,
Qual a da roxa Aurora,
Quando em serena manhã as nuvens cora!

EPODO II

Que maravilha!
Do Sol trajada
Da progénie de Adão a melhor filha,
Que a branca lua
Airosa pisa,
E tece as soltas, crespas tranças belas
Diadema imortal de áureas estrelas,
E a que derramando vem briosa
A torrente de luz pura e formosa.

ESTROFE III

Oh! e que airosos passos vem formando
Toda de graça cheia!
Ao vê-la o monstro horrendo
As salpicadas conchas eriçando,
De que espantoso o negro corpo arreia,
Tinge de sangue os olhos, e batendo
Com a comprida cauda a dura terra,
De pó nuvens espalha,
Ensaio horrível da cruel batalha.

ANTÍSTROFE III

Ai! que contra a Donzela delicada
(De horror gelo e desmaio!)
Silvando se abalança!
Já sobre a grossa cauda levantada
Dardeja da farpada língua o raio,
E para a devorar o colo avança.
Já em círculos mil, para prendê-la, Umas vezes estende,
Outras em giro estreito o corpo prende.

EPODO III

Mas à vitória
Em vão aspiras,
Serpe cruel, que cheia d'alta glória
A Mulher forte
Firme resiste,
Qual o guerreiro Exército ordenado.
Ah! já deixas o campo ensanguentado,
Já foges, já te segue, e a sublime
Na indômita cerviz planta te imprime.

ESTROFE IV

Valorosa Mulher, tu só soubeste
Domar a horrível fúria
Da medonha serpente.
Entre as filhas de Adão tu só pudeste
De teu sexo vingar a grande injúria.
Mas que formoso, que Esquadrão luzente
As nuvens rompe, e em torno a cerca e c'roa?
Ah! dos celestes Coros
Estes são os Espíritos canoros.

ANTÍSTROFE IV

Uns sobre ela ao passar lançam velozes
Um dilúvio de flores,
Outros ao som de acordes instrumentos,
A seu alto valor, soltando as vozes,
Cantando vêm celestiais louvores.
Silêncio, que já soam seus acentos.
Ó bendita Mulher, que entre as mulheres
Aos Céus alçaste a frente,
Qual o cedro do Líbano no monte.

EPODO IV

A incombustível
Sarça entre o fogo
Tu Virgem foste, à culpa inacessível.
Tu entre as filhas
De Adão brotaste,
Qual entre espinhos brota o branco lírio.
Tu dos Anjos és glória, tu do Empírio:
Tu, filha do Senhor, e Esposa amada.
Vem triunfante, vem, serás coroada.

N.B. Nesta Ode se observam alguns leves defeitos, que seria preciso emendar para ficar certa ou a medição dos versos, ou a consonância das estâncias. Assim poder-

se-ia ler o verso 3 da estr. 1, Fuja o vulgo profano. Os v. 7 e 8 da antístr. 1, O cristalino Alfeu na bela Arcádia, Não guardo pobre gado. Finalmente os v. 1 e 3 da antístr. 4, Tais sobre ela ao passar lançam velozes: Tais ao som de instrumentos. (Nota do 1º Editor).

VARIANTE DA CANÇÃO

É tirada da segunda Colecção.

Nas margens do sereno
Nabão suave e brando
Num bosque de altas árvores sombrio
Se vê um sítio ameno,
Que todo matizando
De lindas flores vai o manso rio:
E sempre em fresco estio
As águas cristalinas
Fazem durar viçosas
As cravinas, as rosas,
Açucenas, mosquetas e boninas;
Sem que do sol ardores
Se atrevam a murchar os seus verdores.

Ali ao som do manso
Cristal, que se despenha,
Sonoramente canta o passarinho,
Que corre sem descanso
O monte, o vale, a penha;
Procurando entre as flores o raminho,
Para tecer seu ninho;
Adonde descansado
Sem temores do astuto
Caçador, logre o fruto
De seus doces affectos desejado;
E consiga entre as flores
O suspirado fim dos seus amores.

Nesta alegre espessura
As nuvens se levanta
Com justa proporção raro edificio,
Em cuja architectura,
Que o primor da arte espanta,
Não fez falta de Escopas o artificio:
Porque no frontispício,
Nas portas ext'riores,
Cimalhas, arquitraves,
Bases, colunas, naves,
De escultura feliz entre os primores,
Se vê a primazia
Da mais bem regulada simetria.

Coro de Ninfas belas
No seu recinto assiste:
A seus olhos, de amor gostosas fráguas,

Mais lindos que as estrelas,
O Nabão não resiste,
Abrasando-se em fogo as mesmas águas.
Por elas tristes mágoas
A mesma Siques chora:
Do menino se queixa,
Porque cruel a deixa
Pelas Ninfas, que tanto cego adora:
Sendo no seu sentido
Cada uma melhor Siques a Cupido.

A esta feliz terra
Me trouxe o injusto Fado,
Quando o bifronte Deus, esse Deus Jano,
Do templo à dura Guerra
Tendo as portas cerrado
As portas vinha abrindo ao novo ano.
Aqui para meu dano
Vi entre as Ninfas belas
Aónia, que a primazia
Das outras conseguia,
Como a consegue o sol das mais estrelas,
E como entre os verdores
A alcança a rosa entre as outras flores.

Pela Ninfa formosa
Os rústicos pastores,
Que o manso gado ali apascentavam,
Na margem arenosa
Do Nabão entre as flores,
Umaz vezes de amor versos cantavam;
Outras vezes louvavam
A rara gentileza,
A graça, o luzimento,
O claro entendimento,
De que a dotou a sábia Natureza:
Celebrando à porfia
A graça, o acerto, o garbo, a bizzarria,

Guiado dos pastores
Vi a pastora, e logo
Cupido que em seus olhos se escondia,
Como áspide entre as flores,
Setas de ardente fogo
Despede, com que o peito me feria.
Eu que incauto sentia
Que o peito se abrasava,
Provando o doce efeito
O incêndio no peito,
Vendo a formosa origem aumentava:

Como o insecto na chama
Adora os estragos, as ruínas ama.

A Ninfa, que conhece
De meu dano o motivo,
O motivo acrescenta de meu dano.
Novas prisões me tece
Num doce olhar esquivo
Em que à razão me enleia um doce engano.
De seu peito tirano
As cristalinas águas,
Que meus olhos lançaram,
O mármore abrandaram:
Pois lastimada enfim de minhas mágoas,
Se deixou ver amante.
Oh! quanto consegue um amor constante!

De mim próprio esquecido
E de Aónia só lembrado
Nos montes, vales, bosques e florestas
Deixava andar perdido
Sem guarda o triste gado.
As serenas manhãs, calmosas sextas
Em práticas honestas
Co'a Ninfa divertia
Em agradável luta
Colhendo a doce fruta,
Que Amor do seu amor me prometia.
Mas, oh injusto Fado!
Que depressa se muda um doce estado!

Era o tempo em que
Apoio, Deixando o velocino,
No roubador de Europa alegre entrando,
No frio Ártico pólo
Seu resplendor divino
Liberal outra vez vinha espalhando:
E Flora, matizando
Os campos de mil cores,
Nos prados difundia,
Quanta Zéfiro cria
Mimosa produção dos seus amores:
Vendo-se em toda a parte
Florido Adónis, a pesar de Marte.

As inocentes aves
Dos ramos espalhavam
Em confusa, mas doce melodia
Vários cantos suaves
Os ribeiros quebravam

As prisões em que o gelo os suspendia:
Em todo o mundo havia
Doce contentamento:
Quando a cruel Fortuna
Instável, importuna
Da roda no ligeiro movimento,
Fez bárbara, inclemente,
Que em todo o mundo eu fosse descontente.

Nos montes, que o Mondego
Brandamente rodeia,
O certame anual se celebrava,
A cujo justo emprego
A Sacrossanta Astreia
Os pastores do Luso convocava:
Eu, que à palma aspirava,
Que Némesis tecia,
Da Ninfa ali me ausento
(Ó duro apartamento!)
Deixando-lhe (oh cruel, oh triste dia!)
Em fé da lealdade
Coração, alma, vida e liberdade.

Ceguei ao altivo monte,
Onde a filha de Astreu,
Fugindo da maldade achou asilo:
E coroada a fronte
Co' a rama, que a Peneu
Fez de lágrimas ternas outro Nilo,
Prémio que antigo estilo
No certame reparte;
Da saudade excitado,
Dos campos, onde o gado
Tantas vezes me ouviu, Amor, louvar-te,
Me ausento sem demora:
O Norte busco, que minha alma adora.

À selva infeliz chego,
Onde a formosa e cara
Deusa de Chipre, Gnido e mais Citera
De amor no doce emprego
Feliz me coroara
Com grinaldas de murta, que tecera.
Busco a pastora: (oh fera!)
Ó bárbara lembrança!
Tu cruel, tu impia,
Me roubas a alegria!
Pois de Aónia na pérfida mudança
Trazes ao pensamento
O motivo cruel do meu tormento!)

Busco a pastora bela:
E quando nos seus braços
O prêmio espero a meu amor constante,
Encontro (injusta estrela!)
Que presa em outros laços
Por infiel Pastor suspira amante.
Cruel Deus inconstante,
É este o prêmio justo
Que dás a quem te adora?
Mas oh! sem causa agora
Te reputo cruel, te chamo injusto:
Pois deste prêmio indino
É mais culpa da mãe, que a do menino.

Tu só, oh fera humana,
Com teu fingido agrado
Foste causa cruel do meu tormento:
De ti na dor tirana
A selva, à fonte, ao gado,
Plantas, aves, terra, água, fogo e vento
Me queixo e me lamento.
Dize, ó Circe fingida,
Que é da fê que juraste?
Assim desempenhaste
A eterna constância prometida?
Mas oh! se em ti fiava,
Constante o vento, o mar firme esperava.

Vós, Ninfas cristalinas,
Em cujas claras águas
Assiste esta cruel nova Sereia,
Se acaso ouvís beninas
Estas fúnebres mágoas,
Que ao som cantei da mísera cadeia,
Sepultai nessa areia
As queixas, que refiro.
Assim vossa corrente
Não turve grossa enchente!
Pois não é bem que a dor porque suspiro,
Quando meu mal contemplo,
Da perfídia no mundo deixe exemplo.

Canção, se por ventura
Alguém teus desacertos
Acusar rigoroso, tu lhe diz:
Que nunca a desventura
Costuma outros acertos
Despender a um mísero infeliz:
E que a dor mais violenta

Sempre menos discreta assim se ostenta.

N. B. *Na est. 9 faltava o verso 7, Em práticas honestas, o qual se suprimiu para ela ficar semelhante às outras estâncias.* (Nota do 1º Editor).

FIM DO TOMO III

Transcrição de Deolinda Rodrigues Cabrera baseada na edição de Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato (*Poesias de António Dinis da Cruz e Silva. Na Arcádia de Lisboa Elpino Nonacriense*, Tomo III, Lisboa, Tipografia Lacerdina, 1807).

© Projecto Vercial, 2003

<http://www.ipn.pt/literatura>
